

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**ADAM HENRIQUE FREIRE SOUSA**

**A DOXA EVANGÉLICA CONSERVADORA NAS ELEIÇÕES  
PRESIDENCIAIS EM 2018: notícias políticas nos websites gospel mais e  
gospel prime.**

**GOIÂNIA  
2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese

### 2. Nome completo do autor

ADAM HENRIQUE FREIRE SOUSA

### 3. Título do trabalho

A DOXA EVANGÉLICA CONSERVADORA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS EM 2018: notícias políticas nos websites Gospel Mais e Gospel Prime

### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Vettorassi, Professora do Magistério Superior**, em 23/09/2020, às 15:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ADAM HENRIQUE FREIRE SOUSA, Discente**, em 22/10/2020, às 18:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1571448** e o código CRC **CE0FC1D7**.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**A DOXA EVANGÉLICA CONSERVADORA NAS ELEIÇÕES  
PRESIDENCIAIS EM 2018: notícias políticas nos websites gospel  
mais e gospel prime.**

Trabalho a ser apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, modalidade Mestrado em Sociologia, para a defesa de mestrado do discente Adam Henrique Freire Sousa sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Vettorassi.

**GOIÂNIA  
2020**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Sousa, Adam Henrique

A DOXA EVANGÉLICA CONSERVADORA NAS ELEIÇÕES  
PRESIDENCIAIS EM 2018: [manuscrito] : notícias políticas nos  
websites gospel mais e gospel prime. / Adam Henrique Sousa. - 2020.  
156 f.

Orientador: Profa. Dra. Andrea Vettorassi.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia, Goiânia, 2020.

Anexos.

Inclui siglas.

1. conservadorismo. 2. religião. 3. política. 4. mídia. I. Vettorassi,  
Andrea , orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 06 da sessão de Defesa de Dissertação de **ADAM HENRIQUE FREIRE SOUSA**, que confere o título de Mestre em **Sociologia**, na área de concentração em Sociedade, Política e Cultura.

Aos vinte e um de setembro de dois mil e vinte, a partir das quatorze horas, via Webconferência (<https://meet.google.com/mam-yjyc-vak>), realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "ENTRE O PÚLPITO, O PALANQUE E A REDE: Um estudo sobre o jornalismo religioso evangélico independente". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Andréa Vettorassi (FCS/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Flávio Munhoz Sofiati (FCS-UFG), membro titular interno e Professor Doutor Péricles Morais de Andrade Júnior (UFS), membro titular externo. Durante a arguição, os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Andréa Vettorassi, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

"A DOXA EVANGÉLICA CONSERVADORA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS EM 2018: notícias políticas nos websites Gospel Mais e Gospel Prime"



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Vettorassi, Professora do Magistério Superior**, em 21/09/2020, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flávio Munhoz Sofiati, Professor do Magistério Superior**, em 21/09/2020, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **PÉRICLES MORAIS DE ANDRADE JÚNIOR, Usuário Externo**, em 03/11/2020, às 09:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1565430** e o código CRC **24B4412F**.

Referência: Processo nº 23070.039318/2020-12

SEI nº 1565430

## **AGRADECIMENTOS.**

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos e professores que contribuíram com a realização desse trabalho. Em especial a minha mãe Maria Selma Freire, meu companheiro Marcos Antônio Gonçalves e sua família pela força, carinho e apoio, minhas amigas Naiara Paes, Thais Rodrigues de Sousa pelos inúmeros conselhos e ajuda na realização do anteprojeto de pesquisa. Também agradeço a todo o corpo docente do PPGS-UFG em especial a minha orientadora Andrea Vettorassi e ao professor Flávio Munhoz Sofiati, ao corpo discente em especial a Ana Karina Calmon, que ajudaram nos rumos da pesquisa.

## **RESUMO.**

O presente trabalho consiste em uma análise do discurso produzido pelos websites jornalísticos religiosos Gospel Mais e Gospel Prime, que constroem notícias políticas com um viés cristão conservador durante as eleições brasileiras de 2018. Esses portais chamam a atenção por produzirem um noticiário político seguindo “uma cosmovisão cristã” ainda que voltada apenas para o público evangélico em geral. O estudo procurou compreender os processos textuais necessários para produção da notícia política sobre as eleições de 2018 sob o viés dessa “cosmovisão cristã”. A análise textual tem como referência o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2010) e com embasamento teórico pautado nos conceitos de poder, campo, habitus, dominação e violência simbólica do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989; 2007; 2010). Considerando a natureza híbrida do objeto de pesquisa, que tem respaldo nas áreas da religião, da mídia e da política Bourdieu foi escolhido para auxiliar no entendimento de como esses portais jornalísticos perpassam os campos da religião, mídia e política no cenário estudado, bem como, em que consiste a cosmovisão cristã de política defendida em seus editoriais e como ela se relaciona com as atualidades dos campos alcançados.

***Palavras chave:*** conservadorismo, religião, política, mídia.

## ABSTRACT

*The present work consists in a speech analysis of the journalistic texts produced by the religious journalistic websites Gospel Mais and Gospel Prime, which build political news with a conservative Christian bias during the 2018 Brazilian elections. These portals are noteworthy for producing political news following “a Christian worldview” even if it is aimed only at the general evangelical public. The study sought to understand the textual processes necessary to produce political news about the 2018 elections under the bias of this “Christian worldview”. The textual analysis has as reference the method of Content Analysis by Bardin (2010) and with theoretical basis based on the concepts of power, field, habitus, domination and symbolic violence of the French sociologist Pierre Bourdieu (1989; 2007; 2010). Considering the hybrid nature of the research object, which is supported in the areas of religion, media and politics, Bourdieu was chosen to assist in the understanding of how these journalistic portals cross the fields of religion, media and politics in the studied scenario, as well as, what is the christian worldview of politics defended in its editorials and how does it relate to the actuality of the fields reached.*

**Keywords:** *conservatism, religion, politics, midia.*

## GLOSSÁRIO DE SIGLAS

<b>ADVEC</b>	Assembleia de Deus Vitória em Cristo
<b>CNBB</b>	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
<b>DCR</b>	Denúncia por crime de responsabilidade
<b>DEM</b>	Democratas
<b>DP</b>	Discurso Político
<b>IURD</b>	Igreja Universal do Reino de Deus
<b>LGBT</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Homens e Mulheres Transexuais
<b>MBL</b>	Movimento Brasil Livre
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PATRI</b>	Patriota
<b>PCdoB</b>	Partido Comunista de Brasil
<b>PEC</b>	Proposta de Emenda Constitucional
<b>PL</b>	Partido Liberal
<b>PL</b>	Projeto de Lei
<b>PLC</b>	Projeto de Lei da Câmara
<b>PP</b>	Partido Progressista
<b>PMDB</b>	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>PODE</b>	Podemos
<b>PR</b>	Partido da República
<b>PRB</b>	Partido Republicano Brasileiro
<b>PSB</b>	Partido Socialista Brasileiro
<b>PSC</b>	Partido Social Cristão
<b>PTN</b>	Partido Trabalhista Nacional
<b>PTB</b>	Partido Trabalhista Brasileiro
<b>PSD</b>	Partido Social Democrático
<b>PSDB</b>	Partido da Social Democracia Brasileira
<b>PSL</b>	Partido Social Liberal
<b>PSOL</b>	- Partido Socialismo e Liberdade
<b>PT</b>	Partido dos Trabalhadores
<b>PTC</b>	Partido Trabalhista Cristão
<b>PTdoB</b>	Partido Trabalhista do Brasil
<b>PV</b>	Partido Verde
<b>STF</b>	Supremo Tribunal Federal
<b>TFP</b>	Sociedade Brasileira em Defesa da Tradição, Família e Propriedade
<b>TSE</b>	Tribunal Superior Eleitoral

## SUMÁRIO.

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>AS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DE BOURDIEU ACERCA DA TRIÁDE RELIGIÃO, POLÍTICA E MÍDIA .....</b>	<b>1</b>
A crítica de Bourdieu ao campo político. ....	5
O campo jornalístico.....	6
A relação do campo político com o campo religioso. ....	8
Os evangélicos e suas relações com os campos jornalísticos e político. ....	10
<b>CRIAÇÃO DO CAMPO DE ATUAÇÃO E AUDIÊNCIA DOS PORTAIS JORNALÍSTICOS.....</b>	<b>15</b>
Gospel Mais. ....	15
Gospel Prime.....	18
Conceitos sociológicos sobre a audiência.....	20
Ferramentas de medição de audiência. ....	22
Dados de audiência:tráfego e produção durante o período eleitoral. ....	25
Número de compartilhamentos em redes sociais. ....	28
Estratégias em comum.....	31
<b>A MATRIZ DO HABITUS CONSERVADOR BRASILEIRO DURANTE AS ELEIÇÕES DE 2018.....</b>	<b>32</b>
Metodologia de pesquisa e conceitos identificados. ....	32
Em defesa do mundo social. ....	35
A voz dos líderes legítimos.....	36
O cristão legítimo: o conservador. ....	37
A representação do “comunismo/socialismo”. ....	41
A representação dos candidatos do campo político nas Eleições Presidenciais 2018. ....	46
A construção da parcialidade via defesa da doxa.....	55
O protagonismo de Jair Messias Bolsonaro.....	66
Bolsonaro: o escolhido por Deus, outsider e líder viril. ....	68
A narrativa de Jair Bolsonaro como o “messias”.....	82

Bolsonaro e nobreza masculina.....	85
A representação de Marina Silva. ....	87
Os aliados de Marina Silva. ....	90
A ilegitimidade de Marina Silva. ....	92
Marina e Bolsonaro. ....	96
A representação de Daciolo e Marina Silva: um peso duas medidas.....	107
A mulher evangélica e seu papel nos campos político e religioso.....	111
A ortodoxia e a censura como arma política.....	116
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>131</b>

## INTRODUÇÃO.

A proposta desta pesquisa é fazer um estudo sobre como os websites *Gospel Prime* e *Gospel Mais* construíram notícias sobre o campo político durante as eleições de 2018 seguindo um viés reivindicado como religioso evangélico. Identifica-se que o tipo de notícia política produzida pelos portais citados segue linhas políticas e religiosas bem definidas em suas linhas editoriais, o que implica em um objeto que perpassa os campos político, religioso e midiático. O intuito aqui é entender como esses portais transitam por essa intersecção entre os campos político, religioso e midiático no qual se inserem.

Essa pesquisa foi concebida e realizada em uma das maiores crises políticas e sociais da história recente do Brasil. No âmbito político essa crise tem início com o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseuf (PT) em 2016 e se alastra até hoje durante o atual mandato do presidente Jair Bolsonaro (eleito pelo PSL, atualmente sem partido, mas que será tratado ao longo da dissertação como representante do PSL, pois assim o erro no período da pesquisa) marcado por uma instabilidade institucional e diversos episódios controversos e escândalos de natureza midiática que geram instabilidade institucional e econômica. A partir do início de 2020, a crise sanitária causada pela pandemia mundial do coronavírus potencializa ainda mais as incertezas já existentes sobre o futuro social do país.

Esse momento histórico é marcado pela emergência de três fenômenos sociais e políticos que transformaram o espaço público brasileiro:

- a) O primeiro consiste na consolidação da internet como importante veículo de comunicação para difusão dos bens simbólicos na cultura brasileira e, portanto, se tornando um espaço proeminente da disputa simbólica político-partidária nacional;
- b) O segundo pela emergência de novos atores políticos após o impeachment da presidente Dilma Rousseuf em 2016, principalmente pela chamada “*nova onda conservadora*” permeada por novos atores políticos do espectro de extrema direita que se organizaram em torno da candidatura de Jair Bolsonaro (ALMEIDA, 2019);
- c) A emergência de grupos religiosos com influência na disputa por espaço na política, sobretudo grupos evangélicos que segundo Mariano e Gerardi (2019) se aliaram a grupos da “*nova onda conservadora*” para disputar cadeiras no legislativo, bem como, auxiliar na eleição de Jair Bolsonaro como a presidência em 2019;

Nesse novo contexto, onde a internet ganha importância a partir dos anos 2000 como arena de debate e disputa política impulsionada pelas mídias sociais como Twitter, Facebook, Youtube e Instagram, Manuel Castells (2013) aponta que diversos movimentos sociais da atualidade encontram na internet um espaço de propagação de suas idéias e de articulação de ações políticas *anti-establishment* citando revoluções recentes como o Occupy Wall Street e a Primavera Árabe como exemplos.

No Brasil não foi diferente, sendo que entre a Revolta dos 20 Centavos de 2013 (BATISTA, 2014), o impeachment de Dilma Rousseff em 2015 (BRAGA; CARLOMAGNO, 2018) e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 (ALMEIDA, 2019), a internet teve um papel crucial na organização política dos grupos envolvidos. Da mesma forma que movimentos sociais passaram a se organizar pela internet e redes sociais os grupos da direita conservadora também aderiram às redes. Isso se refletiu em ambas as eleições desse período de tempo.

Ao mesmo tempo, o cristianismo se impõe como um componente importante na influência de grupos políticos na América Latina como apontam os estudos de Michael Lowy (2000; 2010). No Brasil, país com forte tradição cristã, não poderia ser diferente como apontam Ricardo Mariano (2010), e Burity e Machado (2006), Paul Freston (1993) e Sofiati e Moreira (2018). É possível afirmar com base nesses trabalhos que as maiores tradições cristãs do Brasil, o catolicismo e o protestantismo evangélico, possuem grupos com envolvimento ativo na história da política partidária brasileira tanto na esquerda do espectro político quanto na direita.

Adiciona-se a essa conjuntura o alcance que a própria mídia, tratando aqui mais especificamente do jornalismo, também exerce na política nacional. Trabalhos como os de Fausto Neto (1990) sobre a eleição de Fernando Collor de Mello (1990-1992) para a presidência em 1989 a presidência e também sobre o seu posterior impeachment (1994) atestam para o poder que as grandes empresas jornalísticas lideradas pela Rede Globo de televisão exercem nas eleições brasileiras. Segundo Fausto Neto, a mídia ajuda a criar imagens positivas de candidatos que vão ao encontro dos seus interesses, bem como destruir suas reputações com no caso de Fernando Collor de Mello.

Segundo os escritos de Bourdieu (2007; 1997) sobre o assunto, o jornalismo tem uma relação muito próxima à política partidária, produzindo uma notícia que ao mesmo tempo em que influencia a política é influenciado por ela. Com o advento da internet não só as grandes empresas de jornalismo exercem força, mas um sem número de *blogs*, e jornais eletrônicos

adentram no debate público sobre política partidária também exercendo influência sobre o público eleitor.

Se deparando com a importância social da internet, instituições católicas e evangélicas também a enxergam como esse novo importante veículo de comunicação com a sociedade, e então passaram a adentrar esse meio criando *websites* e canais na rede social de vídeos *Youtube*. Sabe-se que a religião encontra espaço de propagação através das tecnologias de comunicação, se conectando ainda mais com os fieis, expandindo seu espaço de interação e experiência religiosa.

Na maior parte dos casos, as religiões usam os meios de comunicação de uma maneira discreta, mas nem por isso menos poderosa. São dezenas de programas de TV protagonizados por sacerdotes e pastores, centenas de programas de rádio, jornais e revistas dedicados ao tema. (MARTINO, 2005 p. 8)

Entre os Católicos se destaca a Canção Nova, formada por um grupo de denominações de padres, párocos e religiosos denominados de Católicos Carismáticos que mantem uma rede de comunicação que abrange o rádio, a televisão e internet (SOFIATI, 2011). Em seus estudos sobre a juventude carismática e catolicismo, Sofiati (2011) e Sofiati e Moreira (2018) tornaram possível averiguar que a Igreja Católica se mantém bastante ativa no que concerne à sua militância mais jovem tanto em campo religioso como político, bem como, mantendo uma comunicação dinâmica com seus fieis através das redes sociais e internet.

Seguindo a mesma tendência, as denominações evangélicas acabaram adentrando no espaço virtual da internet. De acordo com o artigo de Campos (2008) a construção de um espaço evangélico na internet aconteceu quase na mesma velocidade em que a mesma se espalhou como plataforma no cenário comunicacional brasileiro. Diversas igrejas dispõem de websites feitos para interagir com os fiéis de forma cada vez mais interativa, as igrejas, pastores e líderes em geral possuem inclusive perfis nas redes sociais onde além de passar mensagens e sermões, marcam o dia dos cultos e respondem comentários dos fiéis (MARTINO, 2005).

É claro que não só através de missas e cultos que o cristianismo pode conversar com o fiel. No intuito de dialogar sobre assuntos intrínsecos ao ambiente religioso, as Igrejas criaram o jornalismo religioso, um espaço onde os fieis tem acesso a notícias sobre o mundo religioso e o laico, definido como um “espaço privilegiado de definição e especificação de uma linguagem própria da instituição” (MARTINO, 2005, p. 10).

A Igreja Católica conta com as redes de comunicação da Rede Vida (ligada a CNBB) e Canção Nova que possuem seções de notícias em seus portais eletrônicos. Com destaque para o *Vatican News*,<sup>1</sup> que traz notícias diretamente do Vaticano.

Entre os evangélicos há uma grande gama de jornais devido ao grande número de diferentes Igrejas. Destacam-se os jornais Folha Universal da Igreja Universal do Reino de Deus, e Mensageiro da Paz da Assembleia de Deus.

O Mensageiro da Paz (MP) é o periódico mensal da Assembleia de Deus, vendido tanto nas lojas da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) quanto por meio de assinaturas ou cotas para igrejas. A tiragem do jornal não é divulgada no expediente ou na capa – como o faz a Folha Universal. Por meio de contato com a redação do jornal, cuja sede está localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, apurou-se que a média encontra-se entre 125 mil e 150 mil exemplares mensais (LIMA e WERNECK, 2012).

O veículo Folha Universal é um dos jornais com maior circulação na América Latina, alcançando tiragem semanal de 2,7 milhões de exemplares. A sua distribuição ocorre por meio dos templos, que recebem os jornais entre sexta-feira e domingo e os entregam ao longo da semana (nos próprios templos e fora deles, em trabalhos de evangelização). Em ocasiões especiais há uma tiragem maior, como na edição 911, da última semana de setembro de 2009, quando 3,5 milhões de exemplares foram impressos em uma edição especial contra as Organizações Globo. A tiragem recorde aconteceu há pouco tempo, na primeira semana de junho de 2010, quando se comemorou a edição de número 1.000. Foram, então, 4 milhões de exemplares, cujas páginas continham mensagens de congratulações de personalidades conhecidas nacionalmente (LIMA e WERNECK, 2012).

Por se tratarem de mídias institucionais, os jornais citados produzem notícias voltadas para o público fiel de suas respectivas Igrejas. Isso significa produzir uma notícia com uma linguagem que produza sentido para dentro de suas denominações, com pouca influência fora delas, mas com o alicerce de posições tradicionais da própria Igreja.

Considerando que as mídias sociais se tornaram uma ferramenta para alavancar a audiência de jornais, há a emergência de uma blogosfera que compete com mídia tradicional.

As redes sociais orientadas pela natureza plural da internet como veículo de comunicação propiciaram um espaço maior para jornais e blogs de pequeno porte na competição com grandes mídias (BOLAÑO; BRITTOS, 2006). No caso do jornalismo religioso, há os jornais institucionais e há os jornais e blogs religiosos sem ligação direta declarada com nenhuma denominação evangélica, ainda que possam ser ligadas a essas denominações indiretamente.

---

<sup>1</sup> VATICAN NEWS. São Paulo. 20 de maio de 2020. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/igreja.html>: Acesso dia 20 de maio de 2020.

No início da produção do anteprojeto de pesquisa para essa dissertação houve uma análise prévia sobre jornais religiosos independentes que identificou cerca de onze websites com considerável número de acesso e fluxo de compartilhamento de artigos nas redes sociais. Eram eles Gospel Prime, Gospel Mias, Portal do Trono, Gospel Planet, O Fuxico Gospel, JM notícias, Guia-me, Bíblia Todo, Portal Padom, Gospel Contei, e Notícias Gospel. Como o averiguado, todos a portais ou jornais com notícias voltadas ao público evangélico.

Ambos os websites contam com números consideráveis de audiência. O número de acessos para esses dois segundo o *SimilarWeb*, uma ferramenta eletrônica que avalia o comportamento de páginas na internet, era no período pesquisado de 1,5 milhões para o Gospel Mais e 1 milhão para o Gospel Prime de visualizações mensais. O terceiro colocado, o Portal do Trono, sequer possuía 50 mil visualizações mensais. Estima-se então que um grande número de pessoas tenha acesso diário a esses sites, que lideravam com folga em número de acessos.

Contudo o fator preponderante para a sua escolha foi proposta das linhas editoriais de ambos os jornais. A missão do jornal *Gospel Prime* apresenta na seção “Quem Somos<sup>2</sup>” sua missão “*defender os princípios e valores do Reino através de notícias, estudos bíblicos e colunas de opinião, contribuindo assim para uma igreja madura e contextualizada com os tempos*”. O jornal ainda tem como visão “*ser o maior e melhor acervo de conteúdo cristão da internet em língua portuguesa*” e propósitos “*informar através de notícias numa perspectiva cristã, capacitar através de estudos bíblicos, direcionar através de colunas de opinião*”.

Já o jornal Gospel Mais<sup>3</sup> descreve os objetivos no canto posterior da página.

O portal Gospel+ surgiu da necessidade de um ponto focal de informações rápidas e de qualidade, visando a interação entre cristãos de todo o país. Sendo assim, nosso objetivo é ser um dos maiores portais que oferece qualidade e muitos serviços para a internet cristã e contamos com a sua participação para que esse sonho se torne realidade.

Foi observado que ambos os jornais possuem como missão um diálogo com o campo religioso evangélico como um todo. Não há de fato nenhum espaço especial em ambos os jornais para uma denominação evangélica específica. Contudo, seu conteúdo é definitivamente voltado para a população evangélica: exaltando o nome de artistas, pastores, líderes evangélicos e produções culturais desse grupo específico.

---

<sup>2</sup> QUEM SOMOS. Gospel Prime. Curitiba, 20 de Abril de 2020. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 25 de Junho de 2020 as 19h

<sup>3</sup> GOSPEL MAIS. Curitiba, 25 de Abril de 2020. Disponível em <https://gospelmais.com.br/>. Acesso em: 20 de Abril de 2020.

As propostas de trazer notícias com um viés cristão ou bíblico, ou para uma “internet cristã”, parecem remeter à produção de um discurso ecumênico, que vislumbre a diversidade cristã no Brasil. Entretanto, suas produções são voltadas estritamente para o meio evangélico, sem menção a líderes católicos ou suas liturgias. O que remete a pensar se a palavra “cristão”, nesse contexto, tem uma conotação específica, por se tratar de um verdadeiro universo que abrange diferentes igrejas, tradições, grupos, formas religiosas etc.

Meditando sobre os apontamentos de Mariano (2010) e Freston (1993) sobre a diversidade cultural do meio evangélico, e a de Sofiati (2011) e Sofiati e Miranda (2018) sobre a diversidade do meio católico, pareceu razoável fazer questionamentos acerca da produção de conteúdo de ambos os jornais eletrônicos. Primeiramente, por que o *Gospel Prime* e o *Gospel Mais* se propõem a criar notícias com um ponto de vista cristão, no entanto uma leitura superficial foi suficiente para compreender que eles produzem apenas conteúdo voltado para o público evangélico? Se por cristão, eles se referem aos cristãos evangélicos, então a produção de notícias de “uma perspectiva cristã”, significa uma perspectiva cristã evangélica?

Outra questão importante, quando se considera o contexto histórico presente, é sobre a participação política desses jornais. Afinal, não só a mídia tem uma relação importante com a política, mas também a religião. Lima e Werneck (2012), ao fazerem esse estudo sobre os jornais institucionais da IURD e da Assembleia de Deus, destacam que as mensagens que correspondem à vida intramundana ou a política são posições congruentes com a visão das respectivas denominações. Da mesma forma que Sofiati (2011) afirma que os princípios sociais e políticos da rede de comunicação da Canção Nova condizem com os do grupo da Renovação Carismática. É razoável, então, se perguntar sobre se essa perspectiva cristã condiz com o cristianismo evangélico de forma tão geral como se propõe.

Um fato importante que chamou a atenção dessa pesquisa para os jornais reside em uma matéria da revista *Época* denominada “O exército de Pinóquios” (BORGES, 2018), que acusa o *Gospel Prime* de ser um dos maiores propagadores de *fake news*, ou notícias falsas, do Brasil. A reportagem ainda acusa os idealizadores do jornal religioso de receberem ilicitamente dinheiro do gabinete os deputados Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ) e Geovania de Sá (PSDB-SC), ambos da chamada Bancada Evangélica, em troca de textos a favor de suas candidaturas. David Gregório, dono do jornal, não só negas acusações como segundo a matéria responde: “*Tudo que eu publico, se tiver minha cosmovisão, se tiver meu modo de*

*olhar esse mundo, desse fato, pode ser chamado de fake news, porque não está na mídia mainstream”* (BORGES, 2018).

Há aqui dois fatos que chamam a atenção: a denúncia que evidencia uma atuação em conjunto com atores políticos, e o fato de que essa perspectiva cristã da notícia é chamada de “comovisão”. A palavra *cosmovisão* é definida pelo Dicionário Online da Língua portuguesa como:

Modo particular de perceber o mundo, geralmente, tendo em conta as relações humanas, buscando entender questões filosóficas (existência humana, vida após a morte etc.); concepção ou visão de mundo.

Então em que consiste esse modo particular de criar a notícia? Qual o modo particular de perceber o mundo que guia a produção desses *websites*? Ela condiz com a diversidade de posturas políticas e religiosas do mundo evangélico?

Pensando no contexto histórico atual onde o fenômeno das *fake news* ganhou destaque em eleições mundo afora como citam Renê Braga (2018) e Ronaldo de Almeida (2018):

A divulgação de notícias falsas ou mentirosas é fenômeno conhecido internacionalmente como “fake news” e pode ser conceituado como a disseminação, por qualquer meio de comunicação, de notícias sabidamente falsas com o intuito de atrair a atenção para desinformar ou obter vantagem política ou econômica. Trata-se de fenômeno consolidado e que se verifica em todo o planeta. Alguns estudos chegam a atribuir a vitória de Donald Trump, eleito à presidência dos Estados Unidos da América em 2016, ao uso de notícias falsas. A alegação não pode ser, de plano, descartada, na medida em que pesquisas indicam a divulgação de 115 histórias falsas favoráveis à campanha de Donald Trump que foram compartilhadas mais de 30 milhões de vezes, comparadas a 41 notícias falsas pró Hillary, compartilhadas 7.6 milhões de vezes. (BRAGA, 2018)

O trabalho de Ronaldo de Almeida (2019) explora essa relação entre notícias falsas disseminadas nas redes sociais e a articulação de conservadores e evangélicos na Eleição Presidencial de 2018, que deu vitória a Jair Bolsonaro.

Após a votação do primeiro turno, foi possível compreender a influência das redes sociais digitais na produção de notícias, narrativas e versões. Surpreendeu o fato de Bolsonaro ter conseguido tanta aprovação, apesar do ínfimo tempo de horário e eleitoral. As razões para seu excelente desempenho, na verdade, foram várias: o forte antipetismo, o apelo das candidaturas consideradas antissistêmicas e o desejo por novos nomes, entre outras. O que pareceu inesperado a todos os concorrentes, contudo, foi o uso intensivo e estratégico das redes sociais, sobretudo da plataforma WhatsApp, para a geração e difusão de fake news. Seria equivocado e ingênuo dizer que apenas Bolsonaro se valeu desse expediente durante a campanha. Notícias falsas foram produzidas por todos os lados. Elas não são propriamente novidade em campanhas eleitorais; ao contrário, fazem parte delas. Porém, sem dúvida, o uso das

redes sociais na campanha de Bolsonaro destoava das demais pela intensidade, pelas inversões de sentido e pela divulgação de falsas notícias, a exemplo da suposta distribuição do chamado kit gay em escolas públicas por Fernando Haddad quando ministro da Educação do governo Dilma. Durante o primeiro turno, a campanha de Bolsonaro chegou a ser condenada pelo TSE. (ALMEIDA, 2019. p. 203)

Ronaldo de Almeida (2019) destaca ainda em seu artigo que as articulações entre conservadores e evangélicos foram decisivas para a eleição de Bolsonaro. Líderes evangélicos, que antes eram fieis ao Partido dos Trabalhadores passaram apoiar o líder da extrema direita. A mesma afirmação é confirmada no artigo de Mariano e Gerardi (2019):

Líderes evangélicos apoiaram Bolsonaro, acima de tudo, por considerá-lo representante legítimo de seus valores e capaz de derrotar o inimigo petista e os perigos que lhe atribuíam: implantar o comunismo, perseguir os cristãos, abolir o direito dos pais de educar os filhos, reorientar a sexualidade das crianças, destruir a família. Robson Rodovalho, da Sara Nossa Terra, sumariza: Bolsonaro é o “único que empunhou a bandeira da vida, da família, da igreja, da livre economia, da escola sem partido e contra a ideologia de gênero”. Malafaia repisa: é “o único que defende diretamente a ideologia da direita”.

A relação dos evangélicos com a política, em um panorama nacional, é um fenômeno que tem se tornado mais visível nesse século. De acordo com estudo elaborado por Maria das Dores dos Campos Machado (2006) sobre as eleições de 2000 no Estado do Rio de Janeiro, é possível averiguar o sucesso dos evangélicos em conquistar cargos nos poderes legislativo e executivo carioca. Segundo Machado, os grupos evangélicos pentecostais e neopentecostais apresentam uma maior facilidade de transferência da influência religiosa para a disputa política.

Esse sucesso nas disputas eleitorais é resultado, entre outras coisas, de um rápido processo de formação de lideranças e um intensa socialização dos fiéis, e expressa, sem dúvida uma revisão na concepção de política e de cidadania de parte dos grupos pentecostais. (Machado, 2006. p. 22)

Ainda segundo Machado (2006), os evangélicos se valem de seus canais de mídia como estratégia de propagação de sua militância político-partidária. Martino (2005) e Mariano (2010) confirmam essa estratégia em suas pesquisas sobre os pentecostais.

O trabalho de Valdemar Figueiredo Filho (2002) sobre a atuação política de rádios evangélicas no Rio de Janeiro afirma que de fato há relações políticas entre a mídia evangélica e atores político-partidários. Todavia, não há um objetivo em comum entre as diferentes denominações religiosas pesquisadas e seus jornais, e as suas relações com diferentes autores políticos. De fato, o autor determina em seus estudos duas características marcantes da associação entre política e religião entre os evangélicos:

1. não existe um projeto político comum a todos os evangélicos; 2 as igrejas evangélicas são tão segmentadas e diferentes entre si que falar em articulações políticas contando com todo o bloco é algo estranho à natureza do grupo. (FIGUEIREDO FILHO, 2002. p 2)

Essas características são averiguadas por Burity (2006) e Burity e Machado (2014) em seus estudos sobre a atuação dos políticos evangélicos indicam que há uma complexa pluralidade de opiniões e posições políticas e religiosas que torna difícil. Paul Freston também confirma essa hipótese, afirmando que

a doutrina franqueia o princípio da segmentação; a diferenciação social a favorece; e a dificuldade franqueia o princípio da segmentação; a diferenciação social a favorece; e a dificuldade da seita de atualizar-se causa ondas de criação institucional intra-pentecostal que renovam a relação com a cultura. (1993, p. 278)

A cultura evangélica é de fato muito difícil de colocar em um só balaió. Segundo o IBGE de 1980 para 2010 não só o número de fieis evangélicos aumentou de 6,6% para 22,2% da população brasileira, o que representa um impressionante avanço de quase 500% por cento em apenas três décadas, sendo assim, o grupo religioso que mais cresceu no Brasil no último século, como também explodiu o número de denominações brasileiras, que já são tantas que se tornou quase impossível uma contagem oficial, pois a cada ano surgem milhares (MARIANO, 2010).

É possível dividir a cultura evangélica em duas tradições principais: os protestantes históricos, e os pentecostais (FRESTON, 1993). Os protestantes históricos são um grupo de denominações que tem origem na Europa Ocidental, e muitos deles, datam da época da Reforma Protestante, que foi um movimento histórico que marca o nascimento e ascensão das Igrejas Protestantes nos países anglo-saxões, eclipsando a Influência da Igreja Católica na região. A Reforma Protestante modificou pra sempre as formas como os fieis cristãos desses países viam a sua relação entre a vida intramundana e a sua religião. A ascese protestante, espécie de disciplina religiosa que influenciava a vida econômica e laboral do fiel, foi decisiva no desenvolvimento do capitalismo nesses países (WEBER, 2004).

No Brasil, os protestantes históricos seguem em um papel distinto na sociedade. A mais antiga igreja protestante histórica do Brasil é a Igreja Evangélica de Confissão Luterana Brasileira, fundada por imigrantes alemães que chegaram por volta de 1823. No início do século ela ainda mantinha práticas oriundas do país de origem como o ensino do alemão e participação e postura política crítica aos problemas sociais. No entanto, em decorrência da política antinazista adotada na era Vargas por conta da Segunda Guerra Mundial, o ensino do

alemão foi proibido, bem como a prática de mandar seminaristas para a Alemanha, e a IECLB adotou uma postura de integração maior com a cultura e a política nacional. Por isso chamada de *igreja de imigração* (FRESTON, 1993).

O segundo grupo de protestantes históricos diz respeito ao protestantismo de missão. Diferente do protestantismo de imigração, onde a IECLB era voltada para os imigrantes alemães, o protestantismo de missão tinha como objetivo a conversão de novos fiéis brasileiros. São denominações fundadas por missionários que vieram de países anglo-saxões, com destaque para a Metodista, Presbiteriana e Batista, e que foram apoiadas por liberais brasileiros do final do século XIX com o intuito de provocar uma mudança modernizante na cultura brasileira aproximando-a dos princípios capitalistas (FRESTON, 1993).

A segunda tradição evangélica e a maior são dos pentecostais e neopentecostais. Os pentecostais detêm as maiores igrejas evangélicas do país como a Assembléia de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã, Deus é Amor, Brasil para Cristo e Quadrangular (FRESTON, 1993). O nome pentecostal tem origem bíblica e deriva do episódio da descida do Espírito Santo aos apóstolos no dia de Pentecostes, marcando a origem da igreja cristã, Freston (1993) afirma que a escolha dessa alcunha tem com o intuito a autoafirmação pentecostal de “volta as origens cristãs”.

Os pentecostais e neopentecostais se diferem das protestantes históricas tanto na origem (os pentecostais brasileiros são oriundos dos EUA enquanto as protestantes são europeias, algumas da época da Reforma Protestante) quanto na forma organizacional e hierárquica e de culto. Enquanto as protestantes históricas tem um culto mais tradicional, que em alguns casos são parecidos com os ritos de uma missa católica os pentecostais adotam um ritmo muito mais acelerado de culto com canções mais animadas, o já citado gênero gospel. Os pentecostais e neopentecostais possuem uma grande pluralidade de ritos e tradições como a glossolalia (oração em línguas), a cura divina exercida por pastores, e a aversão a costumes e cultura seculares interpretados como o “mundo” ou mundanismo (FRESTON, 1993) (MARIANO, 2010).

Freston (1993) e Mariano (2010) organizam o pentecostalismo de acordo com uma perspectiva histórica baseada em três períodos distintos de expansão de tradições pentecostais em território brasileiro, as chamadas ondas pentecostais.

- Primeira onda: iniciou-se em 1910 com a fundação das igrejas Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus em 1911. Caracteriza-se por abrigar fiéis pobres e pouco escolarizados, uma ferrenha oposição à Igreja católica, glossolalia religiosa chamada de

dom de línguas, crença no retorno de Jesus Cristo, postura sectária e auto excludente em relação ao mundo exterior. Trata-se de igrejas antigas com certo ascetismo e tradicionalismo, pouco afeitas a exposição nas mídias com exceção da Assembleia de Deus que inicia um processo de abertura para com a sociedade.

- Segunda onda: começa em 1950 com os missionários Harold Williams e Raymond Boatright da International Church of the Foursquare Gospel. Utilizaram o rádio como instrumento inicial de difusão e logo após espalharam-se em outras mídias da época como teatros e cinemas. Com uma mensagem mística e sedutora baseada na cura física e espiritual atraíram milhares de adeptos. Se tornaram o primeiro grupo relevante em evidência da fé protestante no Brasil, pois “ao chamarem a atenção da imprensa, que os ridicularizava e os acusava de charlatanismo e curandeirismo, conseguira pela primeira vez dar visibilidade a este movimento religioso no país” (MARIANO, 2010 p. 30). As principais igrejas oriundas dessas onde são a Deus são a Brasil pra Cristo, Deus é Amor (1962) Casa da Bênção (1964). São também chamadas de deuteropentecostais (deutero, do grego: segundo).

- Terceira onda: tem início em na segunda metade dos anos 70 com origens que remontam da Igreja de Nova Vida. É interessante observar que as igrejas oriundas da terceira onda propunham uma ruptura parcial com o pentecostalismo adotando características que deram um novo fôlego ao protestantismo o que lhes rendeu a alcunha de igrejas neopentecostais.

A terceira onda caracteriza o surgimento dos neopentecostais em território nacional. Entre as principais características dos neopentecostais pode-se destacar: “1) exacerbação da guerra contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade ; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes da santidade”(MARIANO, 2010 p 36) Outra importante consideração é a de esse grupo utiliza deliberadamente das mídias como veículo para espalhar sua pregação e ao contrário dos seus antecessores atua ativamente na política partidária, sendo o grupo pioneiro nessa empreitada, o que será debatido mais adiante.

A partir da “terceira onda” o neopentecostalismo teve bastante sucesso em construir uma zona de influência que abrange a política partidária, o *bussness*, e a mídia em todas as suas plataformas como já foi citado, sendo que esses fatores cria certa prevalência sobre as igrejas oriundas das outras duas ondas. Esse fato contribui para que as igrejas das ondas anteriores aderissem a essa abertura ao mundo temporal numa tentativa de sobrevivência perante tantos as próprias neopentecostais quanto ao avanço de outras religiões e do aumento

do ateísmo no Brasil. Ao fazer isso, as igrejas pentecostais da primeira e segunda onda acabam adotando comportamentos mais liberais e ascéticos ficam cada vez mais próximas do neopentecostalismo, tornando cada vez mais difícil uma classificação exata dessa categoria do protestantismo, mas ao mesmo tempo, proporcionando uma penetração ainda maior nos campos da mídia e da política nacional (MARIANO, 2010).

Ambos os autores mencionam que as duas tradições contêm uma diversidade de opiniões políticas. Os protestantes históricos tendem a ser mais progressistas no que concerne a crítica as desigualdades sociais ao autoritarismo institucional. Já os pentecostais mais pragmáticos e diversificados em relação a sua atuação política, com várias denominações se posicionando de forma a apoiar a esquerda política em vista de suas ações sociais que beneficiam os mais pobres, enquanto outras apoiam a direita política por suas posições mais conservadoras com relação a costumes. Ou seja, assim como o apontado por Figueiredo (2002) e Burity e Machado (2014) não há nenhum tipo consenso que uma todos os evangélicos em um frente política coesa.

Sendo as Eleições Presidenciais de 2018 marcadas pela ascensão da força política dos evangélicos em âmbito institucional, e pela atuação e impacto de notícias falsas como forma de influenciar o eleitorado, jornais religiosos como o *Gospel Prime*, acusados de propagação de *fake news*, e atuação ligada a atores políticos, podem se tornar estratégicos no entendimento desse contexto. O fato da acusação de propagação de *fake news* ter sido rebatida pelos idealizadores do jornal com a justificativa de uma diferente “cosmovisão” voltada para uma perspectiva cristã apenas endossa os questionamentos que impulsionam essa pesquisa.

Afinal, em que se trata essa cosmovisão cristã evangélica propagada pelo *Gospel Prime* e *Gospel Mais*? Como ela se relaciona com esse novo cenário político, permeado pela emergência de novas figuras do conservadorismo aliados a grupos evangélicos em disputa com os setores mais progressistas da sociedade brasileira pelo domínio não só institucional, mas cultural e econômico? Como ela se relaciona com a diversidade cultural, histórica e de posicionamentos políticos do meio evangélico, uma vez que esses não possuem um projeto político comum? E por último como sua produção jornalística, que se diz guiada por princípios cristãos, traduz esses relacionamentos com a política e a religião?

Para responder tal pergunta, essa pesquisa se propôs a fazer um estudo sobre o *Gospel Mais* e o *Gospel Prime*, onde foram analisados os conteúdos jornalísticos produzidos e voltados para as Eleições Presidenciais de 2018. Foram analisados também o histórico dos seus proprietários e autores, suas conexões políticas e religiosas. Outro ponto importante que

foi explorado diz respeito à audiência que segundo Bourdieu (1997) é um dos fatores chave para o entendimento das relações políticas e sociais no campo jornalístico.

O presente projeto buscou na Análise de Conteúdo, uma forma de trazer a tona elementos objetivos sobre os jornais estudados que nos tragam nuances não facilmente perceptíveis e que contribuam para o debate sociopolítico sobre o qual o objeto se debruça (BARDIN, 1989) (MORAES, 1999). A Análise de Conteúdo é uma “técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente, nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis” (MORAES, apud OLABUENAGA e ISPIZÚA 1989, 1999, p. 2).

A Análise de Conteúdo (BARDIN, 1989) é dividida em duas etapas: uma quantitativa, onde se identificarão os temas e atores recorrentes; e uma qualitativa que consiste na construção de categorias de análise oriundas dos dados qualitativos apreendidos, sob a devida perspectiva teórica proposta.

A primeira etapa consistiu na extração desses textos, com a ajuda do programa MAXQDA em ambos os websites para a apreensão dos dados qualitativos da pesquisa. Essa etapa forneceu os dados para o processo de categorização que reside em duas etapas: a primeira é a de identificar as “unidades de análise” que “é o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação” (MORAES, 1999. p. 5). Essas unidades consistiram em palavras-chaves, atores políticos e temas chaves para a compreensão da narrativa criada em torno das Eleições Presidenciais de 2018.

Na fase qualitativa, essas categorias serão descritas e contextualizadas. Por se tratar de um método qualitativo, a sua descrição se fundamentou em textos sínteses que expressem “o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise incluídas em cada uma delas” (MORAES, 1999, p. 9).

Pela natureza sociológica do contexto em que se insere o objeto de pesquisa, Pierre Bourdieu (1989, 1997, 2007, 2000) foi o autor escolhido para a base epistemológica em que se construiu a análise nessa pesquisa. A versatilidade do sociólogo francês, aliada à atualidade de sua crítica foi crucial para o engendramento da devida profundidade teórica com que a narrativa pelos textos foi interpretada.

Se o cenário analisado na pesquisa é o de enfrentamento entre diversos agentes políticos em um ambiente ideológico, julga-se que o conceito de *campo*, (um cenário de disputas simbólicas entre diversos atores por um prestígio intrínseco ao seu campo, (BOURDIEU, 1989) apropriado para como conceito epistemológico para entender as nuances

em torno dessa disputa. E ao tratar-se de práticas políticas, religiosas e midiáticas que correspondem à dinâmica de um determinada disputa por poder tomamos o habitus<sup>4</sup> como conceito que elucida as ações, costumes e estratégias tomadas pelos autores dos jornais estudados.

Portanto há no primeiro capítulo uma explicação sobre a base teórica que fundamenta a análise da pesquisa. No segundo capítulo, a apresentação e esquematização do campo de atuação dos objetos de pesquisa, e no terceiro a apresentação do desenvolvimento da pesquisa com a análise devidamente calcada na base teórica. Por final as conclusões apreendidas e considerações finais fornecidas por esse estudo.

---

<sup>4</sup> “Sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007. 191)

## **AS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DE BOURDIEU ACERCA DA TRIÁDE RELIGIÃO, POLÍTICA E MÍDIA.**

A presente pesquisa foi realizada utilizando métodos mistos de apreensão de dados. O método de análise de conteúdo possui carências de natureza metodológica, precisa ser amparado por uma teoria sociológica consistente. A obra de Pierre Bourdieu foi escolhida por conter um vasto repertório de auxílio teórico e metodológico para a pesquisa sociológica. A teoria de Bourdieu é voltada para uma sociologia reflexiva, multicausal, e que aborda muitos temas como religião, a política artes, a moda, o gosto pessoal, a mídia, a epistemologia, a linguística entre muitos outros (BOURDIEU, 1989,1997, 2004, 2008).

Em *A Distinção* (2006), *A Produção da Crença* (2004), *A Economia das Trocas Linguísticas* (2008), *A Dominação Masculina* (2007) e *Sobre a Televisão* (1997) Bourdieu se utiliza de uma variedade de métodos que incluem a pesquisa documental, a entrevista por questionário, a análise etnográfica e o estudo de dados estatísticos. Nessas obras observa-se que a formulação de suas teorias, influenciadas pela sociologia clássica de Marx, Weber e Durkheim, olham para os diversos âmbitos sociais como a religião, a arte, a imprensa, a escola, a política e a economia, entre outros, minuciando sobre as interações e interconexões sociais estabelecidas pelos intercâmbios necessários para o funcionamento socioeconômico das estruturas sociais.

É pela natureza interdisciplinar e interacional dessa pesquisa que escolhemos a sociologia de Pierre Bourdieu para melhor contemplar os aspectos religioso, jornalístico e político que envolve os objetos escolhidos. Bourdieu escreveu sobre o campo jornalístico em *A Distinção* (2006), e em *Sobre a Televisão* (1997), causando impacto entre muitos setores dos estudos da comunicação. Muitos trabalhos importantes nesse campo como o de Miranda (2005), ou o de Oliveira e Martins (2017) apontam a importância dos conceitos de *campo*, *habitus* e *capital* para a pesquisa em comunicação.

Os escritos sobre religião não são muitos, contudo, trazem uma perspectiva crítica da religião, calcada pelos conceitos de Marx, Weber e Durkheim sobre o assunto, onde há uma abordagem multicausal para entender o funcionamento do campo (BOURDIEU, 2005). Há ainda textos sobre a formulação do discurso religioso como discurso dominante, de, legitimação e naturalização de costumes manutenção da ordem que visão a manutenção da ordem social (BOURDIEU, 1994).

A política é constantemente abordada por Pierre Bourdieu em suas obras, sendo sempre entendida como um espaço de disputa entre diferentes atores e instituições sociais, que tem a adesão do público, discursos e formas de organização partidárias definidas pelas suas posições no tabuleiro do jogo político (BOURDIEU, 1989, 2006). Em *Sobre a Televisão* (1997), Bourdieu problematiza a relação de codependência entre os campos jornalístico e político, e como essa relação resulta numa representação sensacionalista da política e na despolitização da audiência.

A adequação teórica Bourdieu para a pesquisa reside no fato de sua obra lançar uma visão crítica, com importante impacto acadêmico sobre a religião, a mídia e a política, assuntos centrais no estudo de jornais eletrônicos como o Gospel Mais e o Gospel Prime. A forma de abordagem sobre esses assuntos, numa perspectiva interacionista, é o que garante uma base teórica satisfatória para a análise de um objeto que, reivindica um espaço nessa encruzilhada e evoca um estudo de uma visão transversal de política e religião e jornalismo.

Para compreender a teoria de Bourdieu é preciso conceituar os conceitos de campo, habitus e capital.

Para Bourdieu a sociedade se organiza ao redor de estruturas como o mito, a arte, a ciência, como formas simbólicas, ou seja, “instrumentos de construção do mundo” (1989, p 8), que são construídos a partir de uma perspectiva social e histórica. Enquanto estruturas sociais as formas simbólicas são formadas a partir de um consenso, uma concordância mútua, sobre suas subjetividades. Como estruturas estruturadas os

símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração 'lógica' é a condição da integração 'moral'. (1989 p. 10)

As condições de produção dos símbolos, ou bens simbólicos, se organizam em uma economia que os distribui em forma desigual. Enquanto formas de interação e comunicação, os símbolos se estabelecem mediante as relações de poder, que transformam o mundo social. Bourdieu entende o poder simbólico, ou seja, o poder de alteração da dinâmica dos símbolos e formas simbólica é

um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, que dizer uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa que torna possível a concordância entre as inteligências. (BOURDIEU, 1989 p. 10)

A disputa pelo poder simbólico, que é o poder pelo monopólio dos símbolos que conferem autoridade àqueles que os dispõem, organiza os diferentes nichos de produção de conhecimento (a mídia, a religião, a arte, a política, a ciência) em campos de operação. Os campos são o espaço onde as instituições como jornais, empresas, igrejas, escolas e autarquias do estado, atuam na sociedade em espaços de produção de sentido que são intrínsecos às suas respectivas competências. Os campos são um espaço de disputa de instituições e atores políticos e sociais, de distintos posicionamentos, pela hegemonia sobre a acumulação e produção de bens simbólicos, e que conferem a hegemonia sobre a própria produção e reprodução de significado.

O campo é um espaço ideológico, e enquanto ideológico “serve a interesses particulares que tendem a se apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (BOURDIEU, 1989, p. 10). Ideologia é aqui empregada como uma contribuição da obra A Ideologia Alemã de Karl Marx e Friedrich Engels (2007), que empregam o termo para designar as proposições teóricas que não contemplam a realidade material das relações sociais de produção, mas apesar disso, justificam essas relações em prol dos interesses da classe dominante. Enquanto espaço ideológico, o campo é um microcosmo de uma luta simbólica entre classes distintas, onde a produção simbólica atende interesses de uma classe dominante sobre uma dominada.

Se a noção de ideologia em Bourdieu tem raízes marxianas, a noção de dominação é proveniente do pensamento Weberiano. A dominação para Weber é o exercício do poder através da “possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria” (2004, p. 188) que se dá de forma legítima, ou seja, com o reconhecimento daqueles que se encontram submissos. A ação social racional seria muitas vezes moldada pela dominação legítima exercida por uma pessoa ou instituição, ou por uma estrutura social dominante que compele aos indivíduos o exercício de suas funções (WEBER, 2004).

A dominação legítima, a que necessita do aval dos dominados para se estabelecer como tal, tem na hierarquização sua forma mais eficiente de legitimação (WEBER, 2004). O poder hierárquico é legitimador, pois é uma forma não violenta de estabelecer o poder que é determinado pelo consenso entre os dominantes e os dominados, onde há benefícios a ambos. É claro que também constitui uma estratégia de “domesticação dos dominados” (WEBER, 2004, p. 378) onde estes reconhecem os dominantes e legitimam o poder hierárquico, muitas vezes com o auxílio da educação, da religião, ou formas ideológicas.

Sobre influência do conceito de dominação de Weber, a dominação no campo se dá de uma forma em que a hegemonia é um espaço de luta pelo domínio dos “princípios de hierarquização” (BOURDIEU, 1989, p. 12), devidamente legitimado pelo reconhecimento dos dominados. A posição dos dominantes é alcançada através da sua produção simbólica e do reconhecimento desta como legítima dentro de um campo de produção.

A segunda contribuição marxiana para a teoria do campo propõe o campo uma zona marcada pela desigualdade na distribuição dos bens simbólicos. Essa desigualdade engendra a disputa por poder simbólico, onde os dominantes acumulam os bens simbólicos, como a burguesia acumula o capital, e domina as regras de sua produção em uma espécie de “mais-valia”(BOURDIEU, 1989; 2007).

O capital simbólico é a “cristalização” do poder simbólico que gira em torno do crédito, que é a credibilidade que um indivíduo, ou instituição, tem em seu campo intrínseco de atuação. Esse crédito é regido pela crença daqueles que atuam dentro de um campo, ou seja, depende do consenso sobre as formas de atuação dentro desse sistema. Assim como em uma atividade financeira, a credibilidade é cumulativa, e depende do sucesso das atuações dentro do campo, e, portanto, nas crenças dos outros componentes do campo acerca desse sucesso.

O indivíduo ou instituição que acumula o poder simbólico em forma de crédito, ou, capital simbólico, ascende à hegemonia do campo. O capital simbólico funciona como o capital econômico, ele pode ser transferido para outros atores, seja por meio do reconhecimento de sua competência técnica e habilidade social, seja por meio de relações objetivas com outros atores. Pode ser acumulado, ou perdido, de acordo com o andamento do conjunto de ações que determinam a dinâmica interna de um campo.

A lógica de funcionamento dos campos é definida pelo habitus, “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”(BOURDIEU, 2007, p. 191). O habitus se constitui em uma série de práticas incorporadas que obedecem a um consenso que permeia o mundo social, e, portanto, gerencia as diferentes lógicas intrínsecas dos campos. O habitus corresponde a ações, posturas, formas de pensamentos, costumes, legitimados pelas estruturas sociais, que determinam as regras e os comportamentos dos indivíduos no interior de seus campos de atuação (BOURDIEU, 1989).

Enquanto sistema de práticas incorporadas, o habitus é a internalização da estrutura social nos indivíduos. As práticas determinadas pelo habitus são legitimadas e legitimadoras das suas posições e disposições sociais subjetivas.

Cada campo possui seu habitus, que determina as estratégias e práticas pelas quais os indivíduos e instituições batalham pelo capital simbólico, no interior dos seus respectivos campos. O habitus se estabelece via consenso entre as partes de um campo onde

considerando que as práticas (econômicas ou de outro tipo) de cada agente têm como raiz comum a relação que esse agente mantém objetivamente, pela mediação do habitus que é por sua vez o produto de um tipo determinado de condição econômica, com o futuro objetivo e coletivo que define sua situação de classe...” (1979, p. 13)

Portanto o habitus engloba todas as práticas econômicas de gerência dos bens simbólicos de um campo. Enquanto sistema estruturante, ele é responsável pela racionalização das ações humanas e institucionais na disputa pelo capital, e enquanto estruturado sofre influência da própria disputa pela hegemonia social, onde um novo consenso pode surgir por forças estruturantes externas (BOURDIEU 1979, 1989, 2007).

#### **A crítica de Bourdieu ao campo político.**

O campo político é um campo de luta entre forças opositoras que visam implementações de mudanças nas relações de força e poder que permeiam uma sociedade (BOURDIEU, 1989). A disputa que estrutura o campo político se dá pela busca da manutenção e por outro a transformação do mundo social operada via transformação da sua visão hegemônica. O que se busca de forma objetiva é a manutenção ou transformação das divisões instituídas entre as classes sociais por meio da conservação ou não dos sistemas de classificação que “são sua forma incorporada” (BOURDIEU, 2007 p. 174) e de instituições que legitimam esse sistema.

Trata-se de uma luta pelo monopólio da elaboração e da “difusão do princípio de *divisão* legítima do mundo social”, o que implica em uma separação legitimada das visões de mundo de cada grupo ou classe social, o que leva a mobilização dos grupos sociais e ativismos tal como pelo monopólio da “utilização dos instrumentos de poder objetivados”(BOURDIEU, 2007 p. 174), desaguando numa luta pelo poder simbólico da crença, da prescrição do dar a conhecer e a reconhecer que em outras palavras é uma luta pelo monopólio dos poderes públicos.

A construção do discurso político nessa batalha se dá entre os partidos e organizações políticas que têm como missão a mobilização do maior número de pessoas que compartilham

de sua visão de mundo social. Para tanto os partidos políticos elaboram uma representação de mundo social que conquistam o maior número possível de cidadãos e os postos de poder. A mobilização do maior número direciona a produção de ideias acerca do mundo social e se configura em poder acumulado, sendo a produção de ideias orquestrada por profissionais capazes de manipular, produzir e ou garantir a adesão de grupos sociais (BOURDIEU, 1989).

O capital político é uma forma de capital simbólico que confere reconhecimento, prestígio às instituições e pessoas que desejam obter espaço dentro do campo político. Ele vem em forma de crédito, que é conferido por outros agentes do campo àqueles que são reconhecidos como legítimos pertencentes.

Obter capital político implica que com o reconhecimento dos demais agentes, o agente político passa a ter o devido prestígio perante os poderes políticos, seja na burocracia estatal, seja nas instituições privadas ou religiosas. É um capital que possui um valor fiduciário, dependente da representação criada pelo partido que é transferida a pessoa política e se empenha em fazer crer e reconhecer. Seguindo essa proposta, o jogo político se dá através da instrumentalização interesseira desses instrumentos de percepção de acordo com os interesses das organizações políticas, bem como da posição prévia que esses sujeitos ocupam no campo.

O fazer política segue as regras de um jogo onde os interesses são camuflados em propostas que consideram a opinião do público que se quer alcançar. A palavra jogo é utilizada por Bourdieu (1989), pois de acordo com sua visão os atores políticos, para camuflar suas intenções, lançam mão de ações e estratégias técnicas condicionadas por uma dinâmica que visa à legitimação de suas práticas enquanto institucionalizadas.

Essa concepção de funcionamento da política em dinâmica de campo não implica em pensar os atores políticos em porta-vozes ou representativos da população, mas sim em pensar o ator político como aquele que participa do campo político, ou seja, que ajusta suas ações e discursos não em relação ao povo, mas, em relação a outros políticos. Ou seja, há um interesse específico intrínseco por parte dos políticos, não para com a população que se propõe a atender, mas sim para com a lógica do próprio campo, se voltando para atender os interesses deste.

### **O campo jornalístico.**

Em Sobre a Televisão (2007) Bourdieu faz uma análise profunda sobre as relações sociais e econômicas que envolvem o campo político e o jornalístico. Partindo do princípio que ao mesmo tempo em que se luta pelo capital político, o homem político deve lutar contra

o descrédito lançado pelos seus adversários, tendo que se portar com a devida cautela em relação à crença de seus eleitores, e em relação aos profissionais políticos que o auxiliam nessa empreitada. Bourdieu aponta que o principal profissional a qual o homem político deve se ater é o jornalista: o jornalismo é um campo que vive em uma relação de mão dupla com o campo político, pois o profissional de jornalismo é “detentor de um poder sobre os instrumentos de grande difusão que lhe dá um poder sobre toda a espécie de capital simbólico” (BOURDIEU, 2007 p. 189).

De acordo com Bourdieu (2007) assim como o campo artístico o campo jornalístico é comanda por um jogo que tem uma lógica puramente cultural e se baseia na reputação dos agentes em campo. Trata-se de um campo muito sensível as demandas do mercado e de ações externas de outros campos, dado a um critério de índice de audiência determinante sobre as ações e estratégias de concorrência e avaliação tomada por esses campos. Em adição, o campo jornalístico ainda teria um tipo de poder simbólico característico de influenciar outros campos ao mesmo tempo em que é influenciado pelo mercado externo e pelo plebiscito, ou a opinião pública.

A influência do campo jornalístico reforça ou revoga as posições dos sujeitos no campo político de acordo os interesses do mercado. Isso na ótica bourdiesiana coloca em cheque a autonomia do campo político, o que tem como resultado em uma diminuição da “capacidade concedida aos representantes de (políticos ou outros) de invocar sua competência de peritos ou sua autoridade de guardiões dos valores coletivos” (BOURDIEU, 1997 p. 132). Há um efeito de banalização na forma de atuação dentro do campo político causada pelo campo jornalístico, onde em busca pela audiência, é privilegiada uma disputa de egos entre os agentes políticos em detrimento dos problemas sociais que esse campo deveria debater e tratar.

O debate político feito no campo jornalístico, entre os jornalistas, políticos entre outros cai em uma superficialidade, uma vez que esse campo é regido pela lógica da audiência. O que resulta em um debate superficial em que

o medo de entediar os leva a dar prioridade ao combate sobre o debate, à polêmica sobre a dialética, e a empregar todos os meios para privilegiar o enfrentamento entre as pessoa (os políticos sobretudo) em detrimento do confronto entre seus argumentos, isto é, do que constitui o próprio desafio do debate. (BOURDIEU, 1997. p. 135).

É produzida então uma representação de mundo que leva em conta o jogo e os jogadores, e não motivo (que deveria ser os problemas sociais) pelo qual eles jogam, que leva a uma “visão cínica de mundo político, espécie de arena entregue as manobras de ambiciosos sem convicção, guiados pelos interesses ligados a competição que os expõe (BOURDIEU, 1997. 137)”. Isso aliada a urgência pela notícia atual que marca o campo jornalístico tem o efeito de “despolitização, ou de desencantamento com a política” (1997, P 139).

A crítica aqui apresentada se baseia em uma análise que Bourdieu faz sobre a Televisão, entretanto ela é válida por ser uma crítica voltada a relação política-jornalismo em geral, que ainda é regida por uma lógica interesseira. A lógica da audiência no campo jornalístico televisivo transborda para as outras mídias, sobretudo a internet onde a audiência é materializada pelo número de acessos a websites e redes sociais, ainda é fator preponderante para o sucesso do jornal eletrônico, em forma de anunciantes, como é feito no jornalismo televisivo. Os interesses do mercado aqui continuam de forma atuante e preponderante, mudando apenas a abordagem com o político vai utilizar, por exemplo, as mídias sociais, que proporcionam uma comunicação mais interativa e dinâmica com o público eleitor, ainda que mediada por profissionais de comunicação.

#### **A relação do campo político com o campo religioso.**

Assim como os campos da política e do jornalismo o campo da religião se estrutura em torno da disputa do capital simbólico. A relação entre o campo político e o campo religioso é construída historicamente e serviu por muito tempo como base da organização das sociedades pré-modernas no ocidente. Max Weber fez um importante trabalho ao apontar como religião pode influenciar a vida econômica e política de uma sociedade: em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2007) Weber aponta que valores protestantes na época da reforma protestante, principalmente os calvinistas, teriam introduzido comportamentos e hábitos oriundos de sua disciplina religiosa que foram decisivos para florescimento do capitalismo na Europa Ocidental e Norte América.

A Reforma Protestante significou a mudança de uma forma vigente por outra, o catolicismo que tinha como virtudes a caridade, dedicação aos bons atos, fora suplantado por uma ordem protestante que via no trabalho e na acumulação de bens as virtudes propícias para a salvação e ascensão ao reino dos céus. Conceitos econômicos como a poupança, o investimento, o trabalho ascético e rígido, cobrança de juros (prática condenada pela Igreja Católica) foram adotados pelas Igrejas Protestantes históricas como conceitos chaves na vida social do cristão e um caminho para o reino dos céus (WEBER, 2007).

Essa relação dos protestantes com a produção acabou influenciando outras áreas da vida econômica bem como outros segmentos sociais europeus onde a rigidez laboral, que previa pouco tempo para o lazer, com o tempo, passou a ser adotada também por instituições laicas da sociedade, corroborando assim com a teoria da ação social de Weber (2002), onde as ações dos sujeitos influenciam outros sujeitos no tempo-espaço se transformam numa relação social que é um conjunto de ações sociais que orienta uma sociedade em um espaço-tempo determinado. Todo esse conjunto de ações sociais protestantes criou um ambiente propício para o desenvolvimento do capitalismo europeu, que por sua vez, incorporou esse “espírito” ao próprio universo capitalista, secularizando os valores que antes eram sagrados (WEBER, 2002).

Tendo como base a ação social, que é todo o comportamento humano coordenado por um sentido social, ou seja, uma ação feita tendo em vista o respaldo e o comportamento dos outros, Weber (2002; 2007) considerava a ação social religiosa (ou seja, a ação social com sentido religioso, voltada para vida religiosa dos indivíduos) como uma ação que orienta todas as outras ações por ser uma forma de agir em comunidade, sendo a esfera religiosa uma força regulamentadora na sociedade. No contexto de seus trabalhos a ação social religiosa teria o papel de influenciar nas posições ocupadas pelos agentes nas estratificações sociais na sociedade alemã e detinha grande influência sobre a classe e a filiação política destes (WEBER, 2007). A religião teria um papel de manter a ordem temporal e política em uma sociedade por ter a função social de explicar a existência dos indivíduos em suas posições sociais, buscando manter a conformidade destes, aqui o poder simbólico aparece no campo religioso como poder de legitimação (WEBER, 2002).

Na análise de Bourdieu, com conceitos influenciados por Weber, o campo religioso e o campo político contribuem um com o outro no sentido de manutenção da ordem: enquanto o campo político influencia na estrutura das posições hierárquicas e estruturais do campo religioso, este ao manter a ordem simbólica em uma sociedade contribui para a manutenção da ordem política. Ainda que nem sempre esse processo é arbitrariamente por via-dupla, uma vez que uma subversão da ordem religiosa só afeta objetivamente o poder político se vier juntamente com um subversão de ordem política.

Pensando na inter-relação entre política e religião Bourdieu constrói um panorama em que a dinâmica interna do campo religioso, ou seja, a produção e distribuição de bens religiosos são determinadas pelas posições políticas dos sujeitos dentro das instituições religiosas, sendo que o campo religioso, por sua vez, auxilia na manutenção da ordem

político-social ao servir de reforço para a distribuição de capital simbólico entre as posições dos dominantes e pretendentes no campo político.

A contribuição outorgada do campo religioso ao campo político se dá não em âmbito do sagrado, mas sim do lógico, uma vez que o campo religioso influencia na manutenção da ordem simbólica por intermédio de uma disciplina lógica, onde se sedimenta uma ordem social engendrada por uma ordem cósmica legitimada pela religião, tendo como efeito a “absolutização do relativo e a legitimação do arbitrário” (BOURDIEU, 2007, p. 69).

A religião, dessa forma, atua na perpetuação das formas fundamentais da ordem social, princípios como masculino-feminino, boa ação e má ação (oriunda da ideia de pecado e graça), são prescritos pela mitologia da religião cristã como formas cosmológicas que acabam sendo transmutadas como lógicas pelo senso comum de uma população cristã (ou com base cristã), essas formas cosmológicas ao se legitimarem se transmutam em formas políticas, pois se torna urgente para os poderes políticos lutarem pela sua manutenção ou pela subversão da ordem que estas formas conferem.

Seguindo as elaborações de Bourdieu (2007; 1989) é possível esquematizar que a ligação entre política e religião se dá em uma forma de interdependência, onde apesar dos dois campos serem autônomos no sentido que possuem suas próprias regras, eles influenciam a distribuição de capital simbólico mutuamente. No jogo da prática política a utilização de bens simbólicos religiosos é uma prática corriqueira, onde se usam as posições religiosas dos atores políticos como forma de legitimar uma boa procedência ética entre a população, onde geralmente, de acordo com os “instrumentos de percepção e de expressão do mundo social” disponíveis e a capacidade dos atores políticos de lidar com eles, se promete a manutenção da ordem simbólica através de propostas de manutenção ou subversão de valores caros no campo social de uma população.

### **Os evangélicos e suas relações com os campos jornalísticos e político.**

Bourdieu prevê que há uma relação de intercomunicação entre os campos onde os agentes podem se utilizar do capital simbólico disponível de outro campo para batalhar pela hegemonia do seu campo de atuação. Os campos do jornalismo, da religião e da política são estruturados por disputas pela hegemonia, e, em cada um deles, a lógica dessa disputa tem haver com um tipo de capital simbólico que reponde com o prestígio acumulado pelos atores. São campos de produção de bens simbólicos, em que os espaços conquistados são determinados pela capacidade dos agentes de fazer crer, o maior número de indivíduos, em uma ideia ou ideal.

Não obstante a isso, a economia de trocas de bens simbólicos entre ambos os campos é rica, complexa, e inevitável e, portanto não é incomum que as posições políticas de um clérigo possam facilitar ou dificultar sua ascensão dentro de uma organização religiosa. Não é incomum, que os valores religiosos ou não, de um determinado candidato influenciem sua vitória ou derrota no campo político. Muito menos que um político faça conluio com uma empresa de mídia para criar uma representação positiva, denotar melhor seus feitos pela sua comunidade ou país, ou em boicotar rivais.

No que diz respeito à intersecção política e religião a característica da religião de conferir uma legitimidade mágica ao discurso daqueles que são legitimados agrega muito na rejeição ou aceitação de propostas políticas bem como da imagem dos seus proponentes. Os meios de comunicação cumprem um papel de maior propagação dos bens simbólicos e por isso passam ser usados pelo campo da política e da religião para maximização da reprodução e recepção dos bens simbólicos nesses campos, ampliando o debate e mantendo-os com dinâmica participação nas estruturas sociais ao passo que, com o uso do discurso jornalístico, criam representações sobre os agentes políticos e religiosos e sobre o mundo social, que adentram o cotidiano da sociedade, estando sempre presentes (BOURDIEU, 2007; 1989).

Entretanto, a aceitação do uso dos meios de comunicação nem sempre foi bem completa e no caso específico do neopentecostalismo e do pentecostalismo há ainda uma nuance interessante: segundo Mariano (2010, p. 30) apenas após a chamada “segunda onda” pentecostal que teve início na década de 1950 é que as igrejas pentecostais adotaram o rádio como meio de pregação de sua doutrina. Uma das características marcantes das igrejas “da terceira onda”, ou seja, que vieram a partir de 1970, é justamente a adoção mais radical dos meios de comunicação por estas igrejas, por meio primeiramente, da Igreja Eletrônica na TV e da penetração delas no campo político partidário, representada principalmente pela Igreja Universal (MARIANO. 2010, p. 30-36).

Um estudo produzido por Martino (2005) observa que as especificidades dos campos religioso e jornalísticos criam uma situação em que os fieis ficam em um constante contato com suas denominações. Tem-se aqui a junção de dois campos: o jornalístico cuja função “é relatar um fato, desenvolver uma narrativa coerente” e, sobretudo, “com um sentido, uma moral” e o religioso “entendido como um sistema simbólico altamente sofisticado de produção e adequação dos fenômenos sociais a um fim último apresenta-se como uma grande narrativa” onde após discriminar, malditos e eleitos “triumfa a justiça” (MARTINO 2005. p 55). Trata-se de duas narrativas que trazem o poder de legitimar visões de mundo só que com

especificidades diferentes: o jornalismo com a função de informar ou de trazer representações de fatos cotidianos e a religião que configura em trazer uma visão de mundo a ser seguida em sentido mais amplo, profundo e irrestrito.

Seguindo as funções jornalísticas respeitando os princípios institucionais da Igreja a quem representam os jornais de denominações religiosas trazem fatos do cotidiano social sobre uma ótica da instituição, renegando a neutralidade pregada pelo jornalismo laico, e criando uma representação do mundo social onde o fiel tem contato com a instituição mesmo fora do âmbito físico do templo religioso.

A mídia religiosa concentra temas institucionais, que dizem respeito ao grupo de fiéis, e temas da definição da temática pública institucionalizados. Assim tanto os temas de exclusivo de interesse institucional quanto a interpretação dos temas de conhecimento público de um público amplo são contemplados, ensejando ampla discussão dos assuntos canalizados pelos veículos de informação religiosa. (MARTINO, 2005 p. 57)

Segundo Martino (2005), aliando a força legitimadora dos dois discursos, o da mídia e o religioso, o jornalismo religioso, vem com a função de criar uma representação de mundo social, sobretudo sobre assuntos seculares, sob a visão institucional da igreja em questão. O jornalismo cristão institucional tem então, a função de informar o fiel sobre fatos e ocorrências do mundo social de acordo com a visão da sua instituição.

Isso significa que as visões políticas da instituição religiosa sobre acontecimentos políticos e sociais que tem origem exterior ao campo religioso estarão estampadas nas suas páginas em um sentido que pode ser definido como prescritivo para Martino. É assim que as crenças políticas das instituições religiosas são passadas e reforçadas ao fiel via jornalismo religioso institucional.

Nessa perspectiva a utilização política de jornais religiosos é uma realidade consolidada no meio do jornalismo impresso e eletrônico, jornais de denominações pentecostais como a Igreja Universal que possui a *Folha Universal* têm colunas sobre a política que parecem reivindicar posições políticas comuns aos interesses dos líderes de suas denominações. Vários estudos têm sido realizados acerca da atuação da *Folha Universal* no meio impresso, que apontam para uma tendência da mesma de utilizar da linguagem jornalística como forma de propagar sua doutrina e, não obstante, a fazer interações no campo político partidário. Segundo Lima e Werneck

a *Folha Universal* é parte de um conglomerado midiático que, assim como os cultos da Igreja Universal, atinge um público amplo, integrado não só por fiéis, mas

também por frequentadores eventuais de seus templos. Mantendo coerência com o estilo da igreja, neste jornal o tom pedagógico típico do jornalismo é acrescido do mesmo estilo didático empregado nos seus serviços religiosos dedicados ao enfrentamento da vida cotidiana. (2012, p. 243)

Segundo a análise de Lima e Werneck a Folha Universal publica matérias com um tom político bem delimitado e consonante com os interesses da Igreja Universal, cujo líder Edir Macedo apoiou a campanha da presidente Dilma Rousseff em 2010, com matérias que vão desde a importância de ter uma mulher presidente até um editorial do Bispo Marcelo Crivela que orienta o leitor a votar em Dilma. Vê-se então que “a razão religiosa não se separa da razão mundana e a discussão da política, embora sempre encadeada com matérias de cunho religioso e apostas na força da fé” (2012, p. 244), ou seja, o interesse político da instituição de Edir Macedo é determinante para a produção do jornal. O estudo apresentado por um artigo de Rothberg e Dias parece confirmar essa tendência e chama a atenção a seguinte citação:

O apoio explícito da IURD a Dilma implicou a associação, pelo jornal, de Serra a “forças do mal” e à Igreja Católica. Uma matéria conferiu destaque à entrevista de Fernando Henrique Cardoso à revista Istoé, em que ele teria dito: “O Serra tem uns demônios dentro dele que, às vezes, nem ele mesmo controla”. ( ROTHBERG; DIAS, 2012, p. 32)

Vale acrescentar as análises Silva Junior e Sousa (2015) de que a construção da notícia na Folha Universal tem uma identidade jornalística ancorada nos princípios da Igreja Universal da teologia da prosperidade e do conservadorismo político. Na sua visão a Folha Universal utiliza-se de “um material com forma jornalística (diagramação, estruturação e linguagem), a Igreja Universal do Reino de Deus conseguiu emplacar reportagens sobre este mundo e os seus valores, mesmo que elas sejam desprovidas de fato geradoras, de lastro na realidade” (SILVA JUNIOR, SOUSA, 2015, p. 16).

Segundo os apontamentos de Mariano (2010 p. 30-40) denominações evangélicas surgidas na “terceira onda pentecostal” surgem com a inovação de se aproximar da vida mundana e de adentrar em territórios seculares como a política partidária, o *business*, e a mídia (rádio, TV, internet) com o expoente máximo na compra da Record pela a Igreja Universal. Isso ocorre em contraponto ao comportamento inicial do pentecostalismo da primeira e segunda “onda” que pregam justamente o distanciamento das coisas mundanas, e por esse motivo acabou perdendo espaço para o neopentecostalismo, para então logo depois acabar acatando as mídias como estratégia de comunicação com seus fiéis.

Essa corrida por espaços na cultura das mídias pelas Igrejas acaba gerando um filão de mercado midiático que se denomina jornalismo cristão ou gospel, que se constituem de

jornais impressos e *on-line*, programas de entretenimento entre outros produtos. Há uma nítida apropriação das linguagens jornalísticas, como a descrita por Matino, e por ser o maior jornal dessa natureza em circulação é a Folha Universal que conta com 2,5 milhões de cópias e um portal na internet que segundo o serviço *Similarweb*<sup>5</sup> contava com cerca de 1 650 000 visualizações mensais.

A facilidade com que a IURD se move no mundo midiático possui uma explicação no fato de que ela já nasceu midiática, diferentemente de outras igrejas, mais históricas e com um passado e uma tradição consideráveis, que hoje recorrem ao processo de midiática (SILVA, 2012, p. 38).

---

<sup>5</sup> O Similarweb é um portal da internet que oferece um serviço que fornece informações sobre os diferentes sítios da internet que vai desde o número de visualizações até o número de compartilhamento da internet. Disponível em <https://www.similarweb.com/>.

## CRIAÇÃO DO CAMPO DE ATUAÇÃO E AUDIÊNCIA DOS PORTAIS JORNALÍSTICOS.

A primeira parte do estudo proposto se debruça sobre as características do objeto de pesquisa, suas condições de operação, sua abrangência social e comportamento durante as eleições de 2018.

De acordo com as propostas de Bourdieu (1997) sobre o campo jornalístico, para se compreender a agenda, ou seja, os assuntos, temas e formas de abordagem predominantes num noticiário é necessário compreender quem são os jornalistas nos bastidores e suas relações sociais e políticas em seu meio de atuação. Não obstante, para se compreender como os jornais perpassaram os campos político, jornalístico e religioso, se julga necessária uma análise sobre como os seus autores e colunistas se posicionam nesses campos.

Como o período de análise do objeto compreende o tempo em volta das eleições presidenciais de 2018 é crucial o entendimento das ações de ambos os websites durante aquele período. Por isso foi feito estudo sobre audiência: o número de acessos medido pelo *Similarweb* e do comportamento nas rede pelo *Shared Count*. Para incrementação dos dados o uso da ferramenta *M.A.X.Q.D.A* tornou possível a coleta e contagem dos textos jornalísticos durante a campanha eleitoral.

### Gospel Mais.

#### Interface Gospel Mais 1

Você quer crescer na Palavra de Deus?  
Inscreva-se e participe do Programa Teologia para Todos!

Seu nome... Email principal... **PARTICIPAR**

**gospel+**

GOSPEL+ | NOTÍCIAS GOSPEL | MÚSICA GOSPEL | VÍDEOS | LIVROS EVANGÉLICOS | ESTUDOS BÍBLICOS | MAIS +

Gospel+ | Portal cristão de notícias gospel, música, estudos, vídeos e livros

**Notícias Gospel**

**"Israel é o único país do Oriente Médio onde a comunidade cristã prospera", diz Netanyahu**  
17 de outubro de 2018  
O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu participou do Christian Media Summit 2018, em Jerusalém, entre os dias 14 e 17 desse mês. Se trata de um encontro de mídias cristãs, ao todo cerca de 140 jornalistas estiveram no evento. O premiê fez um discurso contundente sobre o papel de Israel no Oriente Médio e destacou a importância [...]

**Relatório sobre liberdade religiosa expõe aumento da perseguição aos cristãos**  
17 de outubro de 2018  
O cristianismo é perseguido desde os primórdios do seu surgimento, no primeiro século após o nascimento de Jesus Cristo. Uma das obras de destaque no mundo inteiro que relata o sofrimento dos cristãos em todo mundo foi escrita por John Foxe, que viveu entre 1516 e 1587, chamada "O Livro dos Mártires", e ilustra bem como [...]

**Homem pode ser preso após a própria esposa lhe acusar de pregar o evangelho**  
16 de outubro de 2018  
Em diversos países de maioria islâmica a existência de leis que visam impedir a

**Música Gospel**

**PG desabafa após sofrer racismo por declarar voto em Bolsonaro**  
16 de outubro de 2018  
O cantor PG vivenciou um forte ataque nas redes sociais por causa de seu posicionamento político, de oposição aos partidos de esquerda e apoio ao candidato a presidente Jair Bolsonaro (PSL). O ex-vocalista da banda Oficina G3 gravou um vídeo para contar que uma usuária das redes sociais se manifestou de forma mais agressiva contra [...]

**Pamela comemora 7 anos de casamento: "É maravilhoso"**  
16 de outubro de 2018  
A cantora Pamela completou sete anos de casada com Márcio Carvalho na última segunda-feira, 15 de outubro, e para comemorar publicou uma foto do dia do casamento em seu perfil no Instagram: "Entre erros e acertos vamos construindo a nossa história. Casamento não é fácil, mas é maravilhoso viver a vida ao lado de quem [...]

**Bruna Karla lança dois episódios de seu desenho infantil**  
15 de outubro de 2018  
A cantora Bruna Karla lançou dois episódios do projeto Bruna Kids em comemoração

O Gospel Mais é um jornal eletrônico que se auto intitula jornal de notícias cristãs. Segundo o Similarweb, tem sua sede em Curitiba, Paraná. O Gospel Mais é registrado em nome da empresa Gospel Mais Comunicação Cristã LTDA, fundado em 2007, em nome de Denise de Lira Cortázio e como sócio, seu irmão Danilo Cortázio. Curiosamente, ambos não são jornalistas, sendo Denise de Lira Cortázio, formada em Gestão da Informação pela Universidade Federal do Paraná a partir de 2004, e Danilo Cortázio com uma carreira voltada para a Administração de Empresas.

O perfil dos donos, como se supõe, é empresarial, sendo Denise sócia de diversas empresas, enquanto Danilo Cortázio sócio de duas. Quanto a denominação religiosa a qual pertencem foi averiguado através das redes sociais Facebook e Instagram que Denise é fiel da Igreja Cruz Verde de Curitiba, enquanto Danilo Cortázio, não tem nenhuma ligação clara com nenhuma denominação religiosa.

Durante o período eleitoral de 2018 a equipe era assinada apenas por dois colunistas: Will R Filho e Tiago Chagas. Após o período eleitoral os nomes de diversos autores começaram a constar nas matérias e nas equipes editoriais. Foi também encontrada na rede LinkedIn o perfil de Sonia Hernandez, como Diretora do Gospel Mais, contudo sem maiores informações sobre, nem no site pesquisado, nem no perfil.

Tiago Chagas é redator chefe no Gospel Mais. Em sua página no Twitter consta que ele é proveniente de Itapevi, interior de São Paulo. Não constam mais informações na sua conta além da descrição: “cristão, filho, marido, pai, são-paulino e conservador”<sup>6</sup>. No seu perfil no Gospel Mais contém a seguinte descrição:

Homem em construção, ouvinte de boa música e fascinado pelos ensinamentos de Cristo. Sempre em aprendizado. Não há sonhos que não possam ser alcançados, não há conquistas que não cobrem suor e não há lágrimas que não reguem sementes de superação. Publicitário e jornalista, colaborador do Gospel+, aspirante a escritor e inconformado com o mundo<sup>7</sup>.

Apesar de se apresentar apenas como colaborador, ele assina mais de 12.000 artigos de opinião e matérias jornalísticas<sup>8</sup>, sendo responsável por mais da metade de toda produção do Gospel Mais, o que implica que sua participação é muito mais consistente. Tiago Chagas corresponde por 70% da autoria de todos os textos sobre política publicados pelo Gospel Mais durante as eleições.

---

<sup>6</sup> PERFIL, THIAGO CHAGAS. Twitter. 20 de Abril de 2020. Disponível em <https://twitter.com/TiagoT83>. Acesso as 19 horas.

<sup>7</sup> AUTOR: THIAGO CHAGAS. Gospel Mais. 20 de Abril de 2020. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/author/tiagot83>; Acesso as 19 horas.

<sup>8</sup> idem

Will R. Filho se descreve em sua conta no Twitter como “especialista em saúde mental, escritor, bloqueiro, cristão e um amante da ciência”<sup>9</sup>. Suas postagens na rede social são constantemente relacionadas a política. Escreve também para outros *blogs* cristão como o Gospel FM e Pleno News. Cerca de 30% das postagens analisadas do Gospel Mais vieram do bloqueiro.

O Gospel Mais tem um vasto repertório de textos sobre música gospel, livros cristãos e recomendações de estudo bíblico para os jovens. Possui uma coluna específica também para política, compondo metade do número total de textos produzidos. Segundo mensagem deixada em sua missão se definem como.

Somos uma rede de sites cristãos interdenominacional e independente há 10 anos no ar. Centralizamos informações como notícias, artigos, vídeos, música e outros serviços em nossos sites, oferecendo conteúdo de qualidade aos nossos usuários. (...) Não existimos apenas para ser mais um, mas sim sermos referência no meio e com isso divulgar as boas novas de Cristo no mundo virtual<sup>10</sup>.

Possui 6 seções: “Mundo Cristão”, “Brasil”, “Política”, “Missões”, “Esportes” e “Sociedade”. A pesquisa então foi realizada na seção “Política”, onde podemos encontrar o seguinte texto na descrição da subseção, antes dos textos jornalísticos:

As notícias sobre política têm se tornado cada vez mais relevantes para o cristão brasileiro diante da ascensão da influência da filosofia de esquerda no cenário nacional. Princípios opostos aos adotados pela comunidade cristã, seja na tradição católica ou evangélica, têm motivado ações de governo e a defesa de propostas que incluem a legalização do aborto, das drogas e relacionamentos plurais, assim como o uso da Educação pública para influenciar crianças em áreas sensíveis da formação intelectual<sup>11</sup>.

É importante destacar que o Gospel Mais, mantém em sigilo informações sobre possível colaboradores. O *Similarweb* aponta uma equipe estimada em até 10 pessoas, contudo nenhuma informação sobre a equipe é detalhada. Nenhum tipo de tentativa de contato foi respondido durante a pesquisa.

---

<sup>9</sup> <https://twitter.com/WillRFilho1>

<sup>10</sup> Texto na íntegra em canto inferior da primeira página em <https://gospelmais.com.br/>.

<sup>11</sup> Texto encontrado em <https://noticias.gospelmais.com.br/categoria/politica>

gospel+ HOME - BRASIL - MUNDO CRISTÃO - POLÍTICA - MISSÕES - ESPORTES - SOCIEDADE

## POLÍTICA

As notícias sobre política têm se tornado cada vez mais relevantes para o público brasileiro diante da situação da liberdade de expressão no cenário nacional. Principais opções nos assuntos pela comunidade cristã, seja na tradição católica ou evangélica, têm motivado ações de governo e a defesa de propostas que incluem a legislação da doação, dos direitos e relacionamento plenas, assim como o uso da Educação pública para influenciar crianças em áreas sensíveis da formação tabular.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA BRASIL CAPA CIÊNCIA E SAÚDE COLUNAS DESTAQUE DIVERSÃO ESPORTES FILMES FOTOS HUMOR INTERNACIONAL ISRAEL MORE

**POLÍTICA**  
**Damares Alves nega que sairá do governo, mas confirma ameaças de morte**  
 WIL R. FERRO - 10 MINUTOS ATRÁS  
 A ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, foi alvo de mais uma especulação envolvendo o seu nome. Dessa vez, um grande veículo de comunicação divulgou a inf...

**BRASIL**  
**Líder evangélico diz que ouviu de Bolsonaro que igrejas poderão ser tributadas**  
 TINGO CHAVES - 2 HORAS ATRÁS  
 A tributação de templos religiosos, incluindo igrejas evangélicas, está sendo estudada pelo governo do presidente Jair Bolsonaro (PSL), de acordo com o líder evangélico...

### Gospel Prime.

OSPELPRIME ÚLTIMAS NOTÍCIAS MUNDO CRISTÃO POLÍTICA INTERNACIONAL OPINIÃO ESTUDOS BÍBLICOS

**ÚLTIMAS**

**INTERNACIONAL / 4 horas atrás**  
**Conflitos entre muçulmanos e cristãos fazem Sri Lanka declarar toque de recolher**  
 Confrontos iniciaram após o Estado Islâmico reivindicar os ataques feitos no Domingo de Páscoa que deixaram 257 mortos e mais...

**OPINIÃO / 1 dia atrás**  
**STF pode decidir que criança com deficiência não é "humana"**

**OPINIÃO / 1 dia atrás**  
**Pare de se cortar. Ele já sangrou por você!**

**TECNOLOGIA / 1 dia atrás**  
**Facebook remove sermão de**  
<https://www.gospelprime.com.br/por-que-a-timidez-e-pecado/>

**INTERNACIONAL / 4 horas atrás**  
**Radicais hindus atacam duas escolas cristãs na Índia**  
 No país de maioria hindu, cristãos são perseguidos ainda que a Constituição Indiana garanta a liberdade religiosa

**MUNDO CRISTÃO / 4 horas atrás**  
**Após encontro com Jesus, ladrão devolve US\$ 200 mil**  
 MINUTOS ANTES / 4 horas atrás

**TRENDING**

**ESTUDOS BÍBLICOS / 2 dias atrás**  
**Por que a timidez é pecado?**

**ENTRETENIMENTO / 1 dia atrás**  
**2 Marcos, da dupla com Belutti, se emociona ao cantar com Aline Barros**

**MUNDO CRISTÃO / 1 dia atrás**  
**3 Adolescente surdo conhece Barco da Bíblia em Macapá e se emociona com imagem de Jesus**

**TECNOLOGIA / 1 dia atrás**  
**4 Facebook remove sermão de Paul Washer e suspende conta alegando "discurso de ódio"**

**ENTRETENIMENTO / 1 dia atrás**  
**5 Pastor é vaiado ao dar spoilers de "Vingadores: Ultimato" durante pregação**

**INTERNACIONAL / 1 dia atrás**  
**6 Israel foi alvo de 690 foguetes e atacou 350 alvos em Gaza**

**ESTUDOS BÍBLICOS / 1 dia atrás**  
**7 O coração paterno de Deus**

O Gospel Prime é um portal com uma interface mais simples e arrojada, sendo mais voltado para a cobertura de notícias de política nacional e internacional. Enquanto o Gospel Mais se dedica a uma ceara maior de assuntos e temas dentro do universo cristão, o Gospel Prime se dedica exclusivamente à política e a notícias envolvendo os cristãos em várias partes do mundo. Sua interface já vem com a seção política bem colocada numa barra na parte superior da página.



Tem como sede a cidade de Itajaí, estado de Santa Catarina. Está registrado em nome da empresa Prime Comunicação *LTDA*, tendo David Gregório Neto como dono. Apesar do *website* ser mais antigo, está cadastrado como desde 2014.

O Gospel Prime tem como mentor o pastor David Gregório Neto, da Igreja Batista de Itajaí, e o teólogo Jarbas Luiz Lopes de Aragão, de mesma denominação. Assim como campanha eleitoral o jornal eletrônico não divulgava o nome de seus colunistas, assim como o *Gospel Mais*, havia apenas a referência a David Gregório a Jarbas Aragão. Entretanto, na época, alguns artigos continham a assinatura da ativista evangélica Viviane Pettinelli, do ativista judeu Leonardo Grobman e do ativista João Carlos Biagini, atualmente já consta um grupo de 60 colunistas<sup>12</sup>.

O *Gospel Prime* possui não só um foco maior em política, como os seus colunistas possuem relações com a política partidária. Viviane Pettinelli, é atual Secretária Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente no Ministério dos Direitos Humanos e da Mulher, pelo Governo Jair Bolsonaro, e possui um histórico de ativismo evangélico voltado contra a Legalização do Aborto.

A incursão no campo político nacional de Jarbas Aragão é bem sucedida. O editor do Gospel Prime foi convidado pelo deputado federal Marcos Feliciano (PODEMOS) para uma audiência pública na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional “para debater a perseguição religiosa e as práticas discriminatórias contra os cristãos no exterior, sobretudo na Coreia do Norte”, na Câmara dos Deputados<sup>13</sup>. Em 2018 foi indicado como assessor do

<sup>12</sup> <https://www.gospelprime.com.br/colunistas/>

<sup>13</sup> (BRASIL, Câmara dos Deputados, REQ 252/2018 CREDN, 2016).

deputado Ezequiel Teixeira<sup>14</sup>, e em fevereiro de 2019 fora indicado pela Ministra dos Direitos Humanos e da Mulher, Damares Alves, para o cargo de assessor de comunicação que exerce atualmente<sup>15</sup>.

A despeito da sua importância e da multiplicidade de origem de seus colaboradores, o Gospel Prime foi apontado pela revista *Época* na matéria “O exército de Pinóquios” como “o maior propagador de fake news da internet” (BORGES, 2018) e de receber dinheiro de gabinete de deputados evangélicos para seu website. Nessa matéria, a revista *Época* destaca uma fala do editor chefe David Gregório, onde ele se defende da acusação de fake news ao afirmar que a “cosmovisão” defendida pelo editor pode ser considerada falsa por não constar na mídia mainstream (BORGES, 2018). Curiosamente, Thiago Chagas lança um editorial<sup>16</sup> no Gospel Mais cinco dias depois da publicação da revista *Época*, alegando que o Gospel Prime sofria perseguição e que as páginas conservadoras eram vítimas de uma “caça às bruxas” pela mídia tradicional, evidenciando sua rivalidade em relação aos grandes jornais.

Há muitas evidências de cooperação por parte dos *websites*. Há desde artigos similares sobre o mesmo assunto publicados em horários próximos, passando por ritmos de produção muito semelhantes até uma semelhança muito grande na escrita e na estrutura do texto percebida na análise de conteúdo.

### **Conceitos sociológicos sobre a audiência.**

A audiência ocupa um lugar central nos estudos que envolvem o campo jornalístico. Em “Sobre a Televisão” (1997) Bourdieu problematiza a busca da audiência com um objetivo que contribui para o caráter despolitizador do jornalismo televisivo. Segundo ele o campo jornalístico estaria sob constante pressão do campo econômico através do índice de audiência, o que levaria os jornais a tomarem medidas que levam ao sensacionalismo, como a adoção busca “do sensacional, do espetacular, do extraordinário,” “que tende a impor-se no campo do jornalístico” (BOURDIEU, 1997 p.72).

Isso teria um efeito sobre os outros campos de produção simbólica por dois motivos. Por um lado, o campo jornalístico, é “muito mais dependente das forças externas que todos os outros campos de produção cultural” (BOURDIEU, 1997 p. 76), o que implica que a independência do jornalista frente a suas relações com outros campos é limitada. Do outro lado, o campo jornalístico também exerce uma pressão sobre os outros campos, sua lógica

<sup>14</sup> (BRASIL, Diário Oficial da União, 5 de julho de 2018).

<sup>15</sup> (BRASIL, Diário Oficial da União, 4 de janeiro de 2019).

<sup>16</sup> CHAGAS. Thiago. Revista *Época* acusa Gospel Prime de ser um dos principais sites de fake news do Brasil. Gospel Mais. Disponível em <https://bit.ly/2R3J51h>. Acesso em 17 de Jan 2020, 16:00.

comercial é repassada para os outros campos através da sua função de porta-voz da “emoção popular” e da “opinião pública”, o que gera um efeito de intervenção direta sobre o equilíbrio da distribuição de capital cultural em um campo de produção dessa natureza (BOURDIEU 1997).

Com a popularização do espaço virtual, o campo jornalístico passou a enfrentar novos desafios para se estabelecer. A internet passou a oferecer uma interatividade inédita ao campo jornalístico, trazendo a possibilidade de interação do público com o jornalista, com o surgimento da possibilidade do leitor expressar sua opinião através da seção de comentários (BOYER, 2013), ou a partir da compartilhamento nas suas mídias sociais. Ademais o advento das mídias sociais trouxe novos concorrentes para o campo jornalístico, de um lado temos a formação de uma blogosfera, que compete com os jornais no monopólio dos instrumentos de percepção (BOLLAÑO; BRITTOS, 2006), e de adoção das mídias sociais como um espaço político de produção e reprodução de símbolos (SANTOS JUNIOR, 2016).

Esses fenômenos, contudo, não modificaram as relações do campo jornalístico com o campo econômico como o previsto por Bourdieu. Não obstante, acirraram, não havendo uma mudança objetivas nas relações entre o capital econômico e o jornalismo pois a internet é o

paradigma desta situação surgida e apresenta-se perfeitamente adequada à nova centralidade adquirida pelo trabalho intelectual – crescentemente subordinado ao capital, por meio, justamente, das inovações trazidas pelo desenvolvimento da micro-eletrônica e, em particular, da informática e da economia das redes telemáticas – e à intelectualização geral dos processos de trabalho mais diversos e do consumo. (BOLLAÑO; BRITTOS, 2006 p. 241)

De fato essa diversidade de competidores e uma relação mais complexa com a internet reforçou a relação preexistente do campo jornalístico com a audiência, que apenas se adequou ao espaço virtual criando novos arranjos com o capital.

Um novo esquema de pagamento tem aparecido em uma indústria que busca, de forma frenética, um modelo de negócios sustentável. Agora que as redações são capazes de rastrear o número de visualizações que cada história alcança por meio de análises de web, um número crescente de colaboradores de conteúdos é pago “por cliques”. (TANDO JUNIOR; THOMAS. 2017 p. 31)

No ambiente virtual da internet a medição da audiência atingiu uma diversidade de formas e serviços, que, quando devidamente utilizados, fornecem informações detalhadas sobre o objeto de pesquisa virtual. Páginas jornalísticas virtuais podem ter sua audiência medida na forma de tráfego virtual, ou seja, pelo número de acessos de usuários na página, mas também através das localidades em os usuários realizam seus acessos, bem como, de

quais servidores de pesquisa utilizados para se chegar e a penetração desses endereços em redes sociais, se configuram em dados importantes para se traçar um perfil sobre o jornal. Isso pode ser alcançado através de tecnologias de análise de Web (TANDO JUNIOR; THOMAS, 2007).

Em outras palavras, a audiência continua a ser o objetivo principal do campo jornalístico ao entrar na internet, e ao passo em que esse se diversifica, ou, que surgem novas formas de concorrência, a forma com que esse campo lida com o capital econômico apenas se potencializa ainda mais. Portanto, esse estudo julga necessária uma análise da audiência dos websites Gospel Mais e Gospel Prime que se preocupou com o campo de atuação do objeto durante a campanha presidencial de 2018. Para isso fizemos uma pesquisa seguindo os seguintes critérios: audiência por localidade, audiência por número absoluto de acessos, evolução dos acessos, presença em redes sociais durante a campanha.

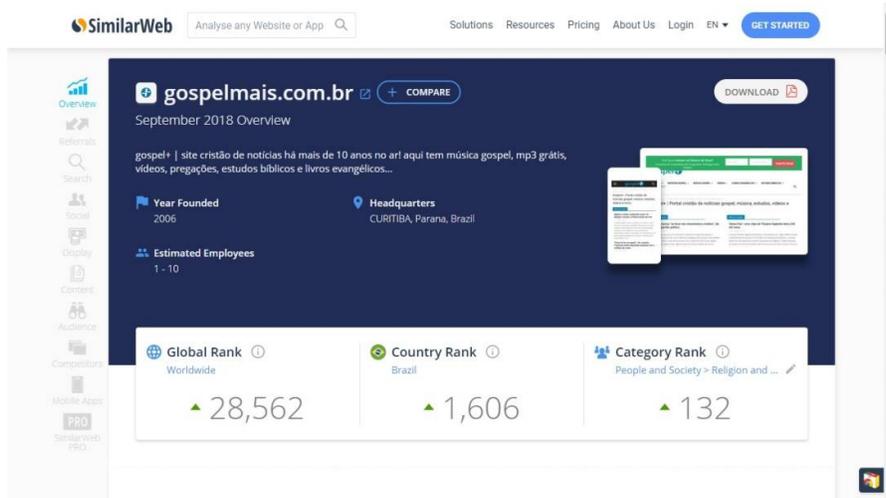
Para alcançar os objetivos da pesquisa duas ferramentas foram essenciais: o *Similarweb*, e o *Sharedcount*. O *Similarweb* foi utilizado para medir a audiência e a evolução da audiência durante o período eleitoral de 2018, pelos meses de Julho de 2018 a Janeiro de 2019. Já o *Sharedcount* foi escolhido para medir o número de compartilhamentos das páginas jornalísticas, de ambos os websites pesquisados, nas principais redes sociais do período.

Esse período de tempo foi escolhido com intuito de medir a relevância científica do material coletado. Considerou-se necessário uma medição da coluna política de ambos os websites um mês antes (julho) e um mês depois (dezembro) para avaliar se as tendências interpretadas durante o período eleitoral, de Agosto a Novembro, divergiam de alguma forma. O mês de Janeiro foi escolhido também para avaliar o impacto dos resultados da eleição presidencial tanto na audiência quanto no material coletado.

#### **Ferramentas de medição de audiência.**

O *Similarweb* é uma plataforma que fornece dados sobre produtos e páginas da internet. Fornece dados que vão desde a localização física exata da centro operacional até o número completo de acessos em um período de um mês., e a presença do website em redes sociais.

## Interface Similarweb 1



O uso é extremamente simples: basta digitar o endereço eletrônico do website a se pesquisar numa caixa de texto do canto superior da plataforma e clicar no botão de pesquisa com o símbolo de lupa.

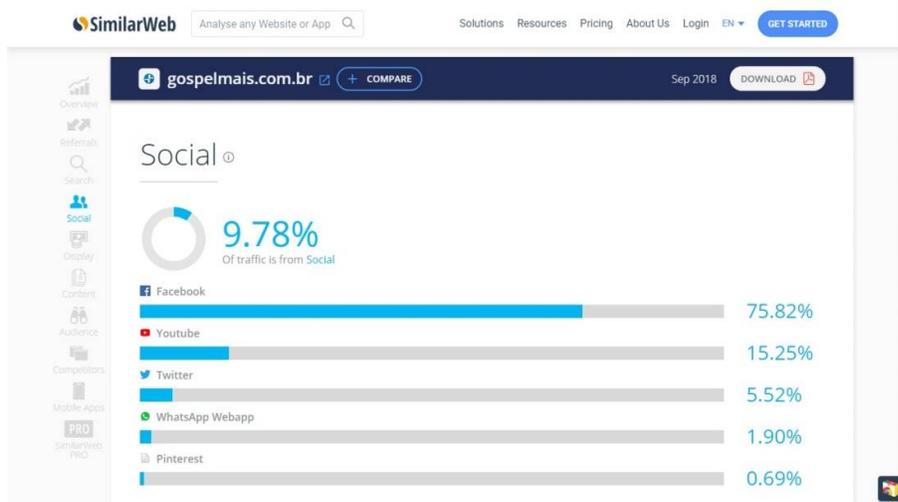


Logo ele exibe os dados necessários para a pesquisa de tráfego dos websites.

## Interface Similarweb: Tráfego 1

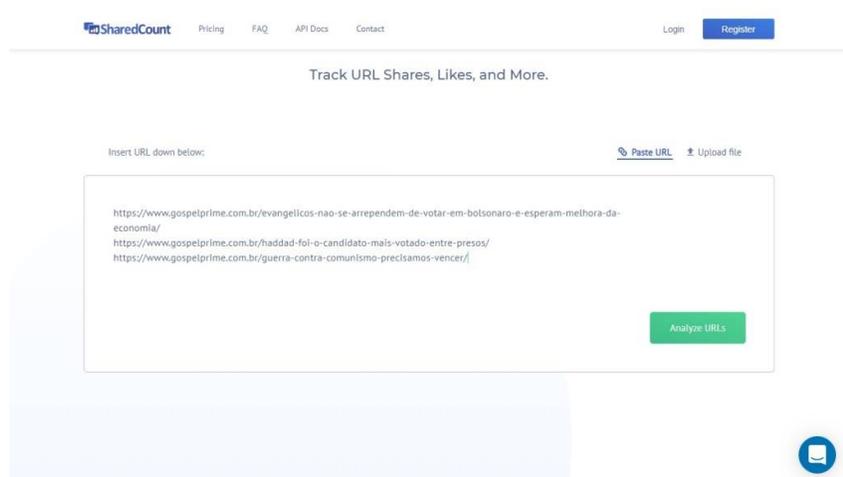


## Similarweb: trafego em mídias sociais 1



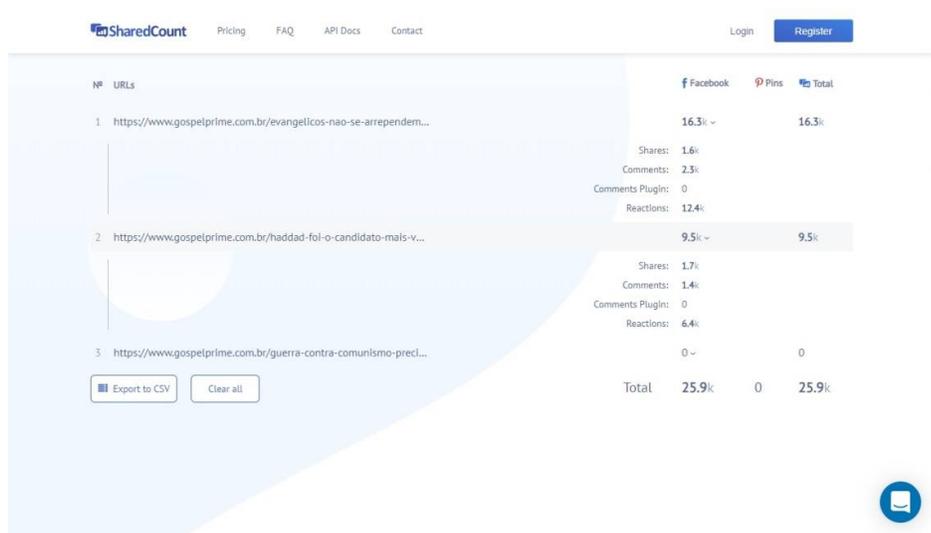
Já o *Shared Count* foi utilizado como forma de medir o numero de compartilhamentos em redes sociais. Sua utilização consiste em colar os endereços numa caixa de texto na página inicial da plataforma e depois clicar no botão “*analyze url*”.

## Interface Shared Count 1



Quase que instantaneamente após apertar o botão o “serviço de contagem” mostrará o número de compartilhamentos, comentários e curtidas que o website recebeu. O serviço faz a análise com apenas três endereços de uma vez, sendo necessária o armazenamento de dados a cada tres urls pesquisadas.

## Shared Count: dados de compartilhamentos 1



The screenshot shows the SharedCount interface with a list of three URLs and their corresponding share counts. The interface includes a navigation bar with 'Pricing', 'FAQ', 'API Docs', and 'Contact', along with 'Login' and 'Register' buttons. The main content area has a table with columns for 'URLs', 'Facebook', 'Pins', and 'Total'. Below the table are buttons for 'Export to CSV' and 'Clear all'.

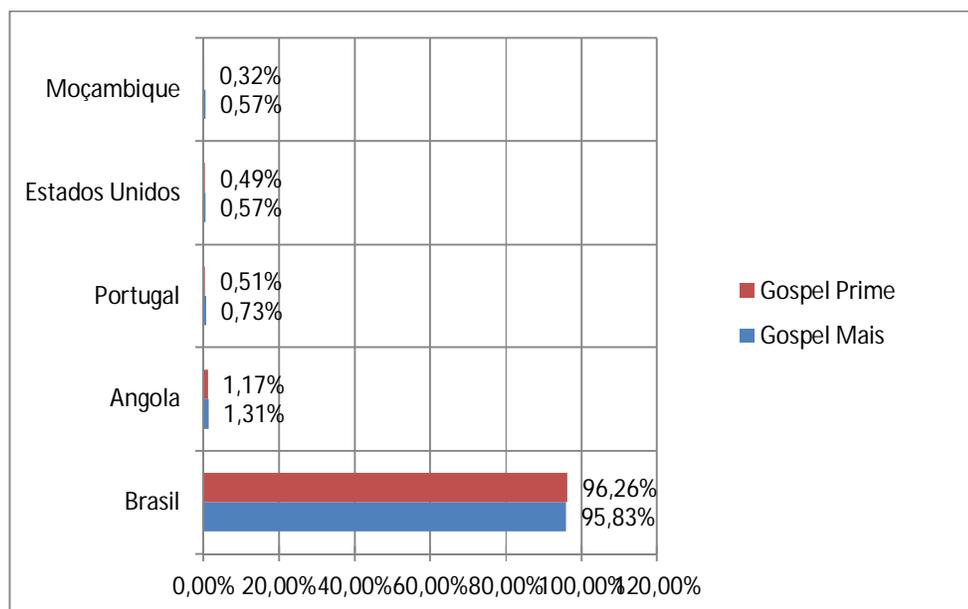
Nº	URLs	Facebook	Pins	Total
1	https://www.gospelprime.com.br/evangelicos-nao-se-arrependem...	16.3k	-	16.3k
		Shares: 1.6k		
		Comments: 2.3k		
		Comments Plugin: 0		
		Reactions: 12.4k		
2	https://www.gospelprime.com.br/haddad-foi-o-candidato-mais-v...	9.5k	-	9.5k
		Shares: 1.7k		
		Comments: 1.4k		
		Comments Plugin: 0		
		Reactions: 6.4k		
3	https://www.gospelprime.com.br/guerra-contra-comunismo-precl...	0	-	0
		Shares: 0		
		Comments: 0		
		Comments Plugin: 0		
		Reactions: 0		
		Total: 25.9k	0	25.9k

Como o *Shared Count* faz a contagem dos compartilhamentos sem considerar o tempo de vida dos endereços eletrônicos foi feita a avaliação mensal de cada um dos artigos produzidos por ambos os jornais para se obterem números que condizem com a evolução das notícias compartilhadas. Ou seja, os endereços de artigo só foram analisados um mês após sua produção para conseguir um número mensal válido.

### **Dados de audiência:tráfego e produção durante o período eleitoral.**

De acordo com os dados apreendidos pelo *SimilarWeb* os websites *Gospel Mais* e *Gospel Prime* detêm as posições 1723º e 2063º respectivamente num ranking nacional que conta os números de acessos, o tempo gastos pelos visitantes nos veículos estudados e a quantidade de recursos de propaganda recebido num período de 1 ano. Com relação a abrangência internacional os websites alcançam a determinada projeção de audiência:

### Tráfego por localidade 1

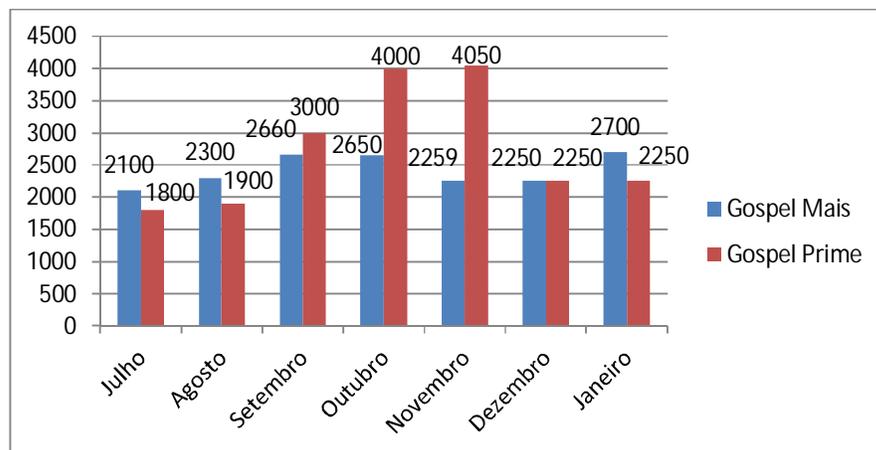


É de se concluir com os dados na tabela apresentada que os objetos de pesquisa possuem uma larga audiência social, e apesar da maior parte da audiência ser nativa, possuem uma discreta penetração internacional.

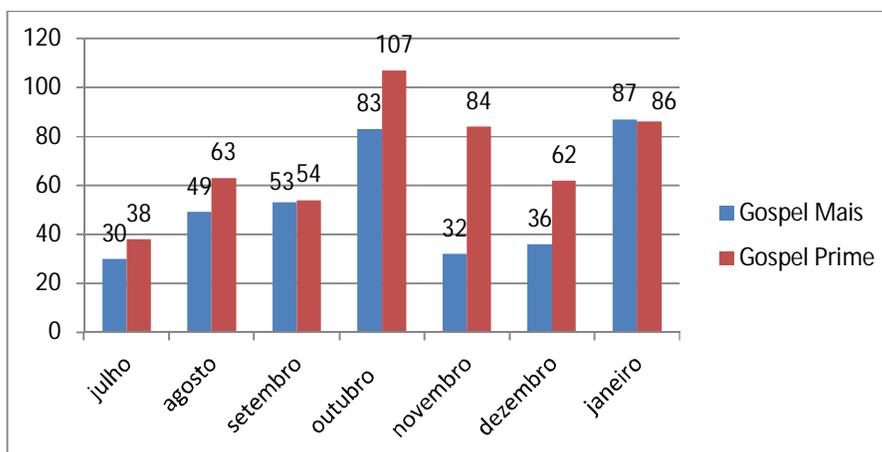
Ambos os objetos são ainda dotados de certa relevância diante do panorama competitivo e diversificado da internet brasileira. Como a ferramenta demonstra, o ranking os posiciona de forma centralizada numa perspectiva crescente, mas ainda em posição ressaltante num contexto de mais de 10 mil websites avaliados pelo *SimilarWeb*.

Dada a proeminência de audiência dos websites jornalísticos, o dados colhidos pela análise de audiência, durante a campanha, se revelam de extrema importância para responder a as dúvidas que permeiam esse trabalho. Para fazer referência a essas dúvidas do projeto de pesquisa os dados fornecidos pelo *SimilarWeb* entre Julho de 2018 e Janeiro de 2019 foram cooptados no intuito de medir a audiência antes, durante, e após a Campanha Eleitoral.

### Tráfego ( em milhares de acessos). 1



### Produção de artigos 1



O número de produção de artigo foi medido de forma parcialmente manual, com a coleta dos endereços eletrônicos dos websites com o auxílio do *Web Colletor* para *M.A.X.Q.DA*. O *Web Colletor* digitaliza automaticamente os artigos em um PDF, para que o programa *M.A.X.Q.D.A* faça, a contagem do número de artigos. Com isso foi possível separar os artigos de acordo com os meses da campanha, fazendo uma contagem mais exata e objetiva.

A contagem revelou que enquanto o *Gospel Mais* produziu cerca de 370 artigos jornalísticos sobre política, durante a campanha eleitoral, em uma frequência de dois artigos por dia, o *Gospel Prime* produziu cerca de 440 artigos, com frequência de 2,444 artigos por dia.

De acordo com os gráficos é possível determinar que houve uma mudança no perfil da audiência em ambos os websites. Enquanto o *Gospel Mais* antes recebia maior volume de acesso nos meses de Julho (com cerca de 2,1 milhão de acessos) e Agosto (com 2,3 milhões),

e que posteriormente, a partir de Setembro, é ultrapassado pelo Gospel Prime, chegando a receber o dobro de acessos a partir dos meses de Outubro e Novembro (cerca de 4 a 4,5 milhões de acessos). O *Gospel Prime* curiosamente despenca sua audiência e após se igualar ao *Gospel Mais*, volta ao segundo lugar no número de acessos.

Outro ponto importante é a evolução no número de artigos jornalísticos durante a campanha. Ambos os websites apresentaram aumento exponencial de produção de artigos, que acompanharam a evolução da campanha, com um pico de produção entre os meses de Outubro e Novembro.

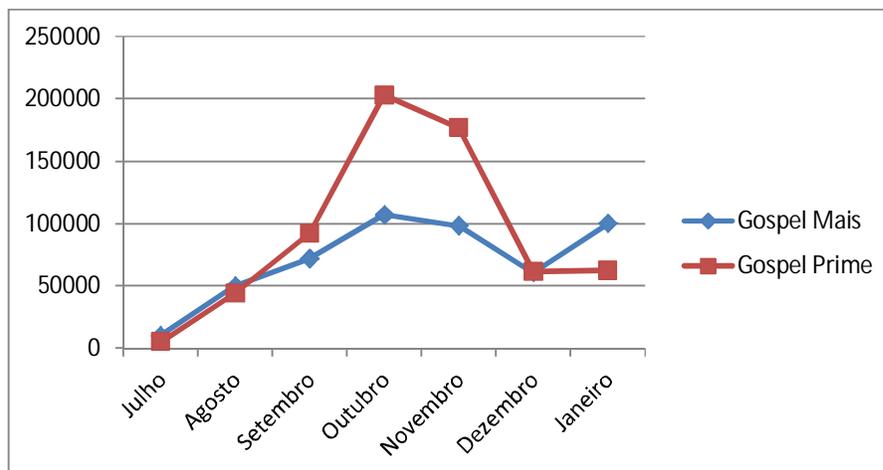
Apesar da menor audiência nos dois primeiros meses, o *Gospel Prime*, demonstrou uma produção superior de artigos durante a campanha, tendo quase triplicado a produção no mês de outubro em relação ao *Gospel Prime*, diminuindo apenas após o mês de novembro, para retomarem com vigor o mês de Janeiro.

Os meses de outubro e novembro, meses do primeiro e do segundo turno eleitoral, ganham destaque com o maior número de produção e acessos para ambos os websites. As vésperas e as pós dos primeiro e segundo turnos também concentraram boa parte das produções jornalísticas, sendo eventos devidamente cobertos e explorados, e responsáveis pelo pico de produção de artigos em ambos os websites.

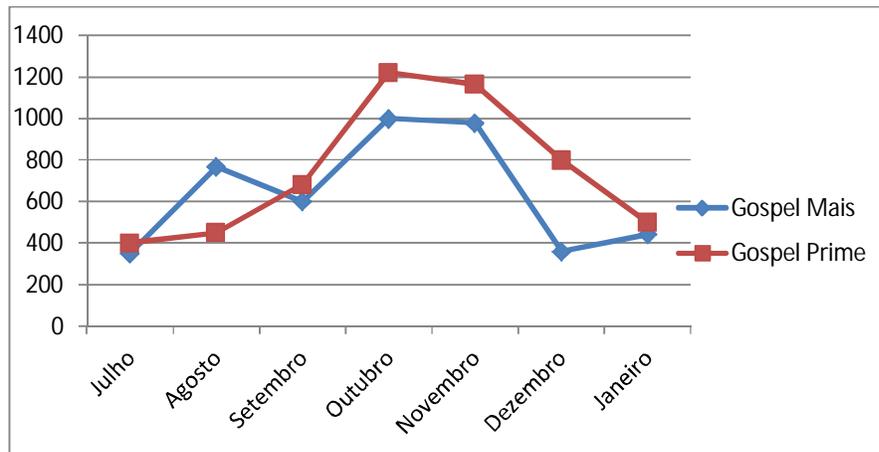
#### **Número de compartilhamentos em redes sociais.**

Segundo analisado no SharedCount os arquivos analisados tiveram mais de 1 milhão de compartilhamentos, sendo os do Gospel Mais compartilhados cerca de 498 mil vezes e os do Gospel Prime 645 mil vezes no Facebook, e em cerca de 4,5 mil para Gospel Mais, 5,3 mil no Gospel Prime. A presença de ambos *websites* nas redes sociais fica dividida entre 99% do facebook e 1% do twitter.

**Evolução de compartilhamentos. 1**



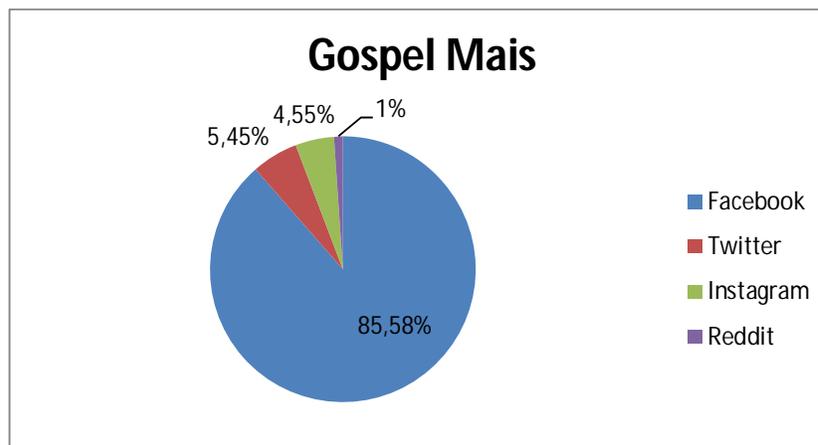
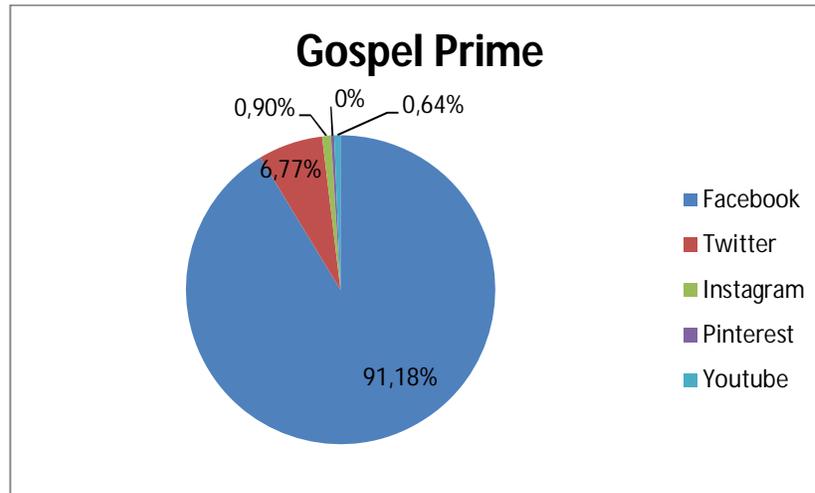
Evolução de compartilhamentos Twitter. 1



Outras redes pesquisadas não geraram dados no SharedCount, ou os dados fornecidos foram considerados numericamente irrelevantes ou imprecisos. Por outro lado, o *SimilarWeb* consegue fornecer em porcentagem a presença desses jornais com relação aos acessos em outras redes sociais.

Aqui se demonstra que o número de acessos, em ambos os sites, foi diretamente proporcional ao número de produção de artigos pelo jornal durante os meses analisados. Houve entretanto, picos de produção de artigos jornalísticos seguidos por picos de acessos em fases específicas da campanha.

#### Porcentual de presença nas redes, 1



É interessante observar que o número de compartilhamentos é diretamente proporcional ao número de acessos. Também, que segue a mesma tendência de desenvolvimento dos números de produção e de tráfego.

Já os dados fornecidos pelo SimilarWeb confirmam o Facebook como a plataforma de mídia social onde as notícias foram mais viralizadas, sendo o veículo principal de dissipação das notícias. São mantidas as tendências de picos de atividade durante os meses de Outubro e Novembro, bem como a evolução do Gospel Prime como em segundo lugar no início da campanha, tendo aumento progressivo, e, pico de audiência durante os meses do primeiro e segundo turno para, posteriormente, declinar e ficar em segundo lugar no número de atividade em relação ao Gospel Mais no período pós campanha, de Dezembro de 2018 ao mês de Janeiro de 2019.

### **Estratégias em comum.**

Com base nos dados apreendidos sobre audiência, reprodução nas redes, é possível perceber que há estratégias simbólicas em curso.

Ambos o *websites* se comportam de forma bastante similar, e parecem seguir uma lógica de atuação em comum. Essa forma de produção obedece uma lógica muito familiar ao campo jornalístico, o que implica como objetivo a audiência, e a cobertura do acontecimento social. Há então, uma lógica midiática sendo cumprida.

O aumento de produção de artigos sobre política que cobrem as eleições de 2018, evidencia que há um interesse crescente sobre a política partidária por ambos os jornais. As relações sociais dos jornalistas com atores políticos por parte do Gospel Prime, e o interesse por política partidária de Will R. Filho contribuem para a conclusão de que há uma visão sobre política preestabelecida.

É possível perceber que todos os colunistas são preponderantes no campo religioso, alguns são diplomados em teologia, outros praticam algum ativismo cristão, ainda que restrito ao espaço virtual em alguns casos. Ou seja, de fato, há uma diversidade de denominações, inclusive como no caso de João Carlos Biagini há espaço para atores de fora do meio evangélico.

Ao lembrar que ambas as missões dos jornais se referiam a um espaço de produção simbólica que abarca a diversidade do meio cristão numa função representativa, pode-se pensar que a variedade de denominações dos colunistas é acertiva. Contudo, será que a simples diversidade de denominações é suficiente para corresponder essa diversidade? Ela carrega também a diversidade de opiniões políticas necessárias?

Para responder essas perguntas a análise textual se faz necessária.

## **A MATRIZ DO HABITUS CONSERVADOR BRASILEIRO DURANTE AS ELEIÇÕES DE 2018.**

### **Metodologia de pesquisa e conceitos identificados.**

Uma pesquisa que envolva a análise de conteúdo em sociologia deve estar calcada em seu devido rigor científico. Cabe a análise de conteúdo documental apreender dados que fogem ao óbvio e a interpretações instantaneas, de origem do senso comum, sobre o objeto de estudo e dos fatos sociais que o cercam. Uma pergunta sobre um objeto de pesquisa das ciencias sociais, principalmente àqueles relacionados aos acontecimentos políticos e sociais, pode, em alguma analise mais apressada, parecer óbvia ou simples de responder, se depender apenas da boa percepção de um analista ou cientista social. Entretanto, uma resposta simples acerca de um fenomeno ou objeto social sempre deixa escapar elementos importantes que suscitam outras perguntas e trazem outros aspectos sobre tal fenomeno social.

Segundo Bardin (1989, p. 29) a análise de conteúdo tem os objetivos de “ultrapassagem das incertezas”, e “enriquecimento da leitura”. O que a Análise de Conteúdo pode fornecer através desse “enriquecimento da leitura” a apreensão de uma grande variedade de informações sobre dados documentais de forma objetiva, ao mesmo tempo que possibilita a apreensão de elementos presentes nos texto documental, não facilmente detectáveis ou óbvios que estão presentes em textos documentais: repetições, palavras chaves, e descrições sobre atores e personagens recorrentes. Sendo a análise de conteúdo uma conjunto de técnicas e não apenas uma técnica de “análise das comunicações”(BARDIN, 1989, p. 30), certezas são certamente desnudadas durante sua aplicação.

O presente projeto bucou na analise de conteúdo, uma forma de trazer a tona elementos objetivos sobre os jornais estudados que nos tragam nuances não facilmente perceptíveis, que contribuam para o debate sociopolítico sobre o qual o objeto se debruça.

Entende-se ainda que a Analise de Conteúdo tem uma dupla característica quantitativa e qualitativa, por partir de uma variação numerica de frequencia de termos e palavras chave em um grande número de documentos para uma apreensão de categorias de analise textuais baseadas nessas frequencias numericas, bem como, nas iferencias, de ordem qualitativa, que o analista possa performar. A ênfase dada a cada uma dessas fases pode depender do analista, mas aqui, devido a grandeza dos dados cooptados, busca-se um equilíbrio na importancia tanto qualitativa tanto quantitativa. Os dados quantitativos dos websites estudados tem a

importância de conferir não só a objetividade devida a pesquisa mas também a abrangência sociológica que os dados alcançam.

Durante o período das eleições de 2018 fora feita uma leitura prévia e diária dos textos publicados pelo *Gospel Mais* e o *Gospel Prime* que tratavam das eleições presidenciais. Essa leitura prévia proporcionou informações básicas sobre os textos, formas de abordagem dos temas e personalidades políticas importantes. Essa fase da pesquisa se deu num período de Julho a Janeiro de 2018. Julho fora escolhido por ser um mês onde são estabelecidos os rumos das campanhas eleitorais, e janeiro para constatar se as tendências observadas são mantidas.

A primeira parte da análise de conteúdo textual procurou identificar os atores políticos, religiosos e temas mais citados no total dos mais de 348 textos do *Gospel Mais*, e do *Gospel Prime* publicados durante as eleições de 2018. Com ajuda do programa *M.A.X.Q.D.A*, essa contagem foi feita separadamente, e posteriormente, fez-se uma subdivisão entre os temas de campanha mais citados e os atores mais recorrentes. Foram divididos critérios como número absoluto de citações, números de documentos em que são citados e porcentagem de frequência em relação ao número absoluto como se pode ver no ANEXO I.

Graças as leituras prévias realizadas ainda no período das eleições e da adição dos dados coletados do *M.A.X.Q.D.A* foi possível angariar informações sobre os autores e temas recorrentes, como as relações textuais entre eles. Somadas as informações sobre o número de compartilhamentos fornecidas pelo Shared Count, e pelo de acessos fornecidos pelo SimilarWeb, essas informações permitiram a escolha dos artigos mais representativos para a fase qualitativa da pesquisa.

A primeira coisa detectada foi a semelhança ideológica e de estilo de escrita apresenta pelo *Gospel Mais* e *Gospel Prime*, onde muitas vezes. Essa grande proximidade permitiu que ao invés de serem divididos em dois grupos, os textos fossem estudados de forma uniforme. Dessa forma foi possível obter resultados abrangentes, gerais, em um período de tempo mais sucinto, e com a objetividade necessária.

Foram escolhidos 30 textos que foram analisados com a ajuda das informações obtidas pelo *M.A.X.Q.D.A*, e pelas anotações oriundas dessa leitura prévia. Seguindo então as recomendações de Bardin (2013), foi feita a unitarização dos temas e atores recorrentes, para a identificação das categorias de análise centrais. Essa técnica permitiu a identificação de uma narrativa, como se os textos contassem uma história, expondo os eixos de representação sobre os atores políticos, religiosos, e temas abordados.

As categorias de representação se concentram em pontos principais que permeiam todo o enunciado da narrativa sociopolítica construída pelos jornais pesquisados. Esses pontos são os eixos preponderantes descritos em categorias de análise com suporte teórico dos conceitos epistemológicos de Pierre Bourdieu.

Fez-se então a construção de uma análise de acordo com as categorias principais:

- A defesa do mundo social.
- Os líderes elencados como legítimos.
- O cristão conservador como a única possibilidade para o campo evangélico.
- A reificação dos termos “comunismo/socialismo” e ideologia de gênero.
- A construção de um pânico moral em torno dos candidatos de esquerda .
- A construção da parcialidade via defesa da doxa.
- O protagonismo de Jair Messias Bolsonaro como única possibilidade nas eleições de 2018.
- A representação de Marina Silva como a grande antagonista de Jair Bolsonaro.

Compreende-se que esses eixos dão conta das significações e das relações sociais presentes no enunciado de textos que cobriram as Eleições Presidenciais de 2018.

A análise se propõem a identificar como os portais *Gospel Mais* e *Gospel Prime* perpassaram os campos político, religioso e midiático. O conceito de campo, como já foi desenvolvida na introdução, é o de Pierre Bourdieu, e sua aplicação consiste na utilização de conceitos teóricos propostos pelo autor. Esse conceitos servem de base teórica que orientam os dados identificados na análise de conteúdo, no intuito de prover a devida profundidade científica e a crítica sociológica.

Para entender o funcionamento do conceito de campo é necessário compreender os conceitos de doxa, ortodoxia e heterodoxia que influenciam o habitus, isto é, o funcionamento interno e posições do indivíduos dentro de um campo.

A *doxa*, consiste no arranjo do espaço social reconhecido, ou, irreconhecido, como estabelecido pelos atores sociais desse campo (BOURDIEU, 2008; 2007). A *doxa*, é a forma permanente dos símbolos e sígnos sociais, consiste em tudo aquilo que é considerado natural, dado, inquestionável. São os interesses inerentes a cada um dos atores sociais de um campo que vão ditar as posições destes quanto a *doxa* “uma visão correta, dominante, que só se impôs ao cabo de lutas contra visões concorrentes” (BOURDIEU, 2007, p. 132). De uma lado há os dominantes, interessados em manter o status-quo de suas relações sociais, de outro os dominados, interessados na “quebra da doxa” (BOURDIEU, 2007, p. 32) na subversão do espaço social.

O discurso dos dominantes, é o discurso da proteção da doxa, ou seja a ortodoxia, que visa a defesa constante do que é *natural* (BOURDIEU, 2008), e enquanto natural, inquestionável, seguro. Dando o exemplo sobre as posições dos sujeitos nos campos culturais, sobretudo artístico, Bourdieu acrescenta que o compromisso dos ortodoxos é com o “silêncio, a discrição, a reserva” (2007, p. 32), com a manutenção do *status-quo*, a permanência.

O discurso dos dominados é de *heterodoxia*, ele buscam a subversão das leis arbitrárias do campo. Ainda que mantenham as diretrizes elementares de funcionamento do campo, os dominados devem lançar estratégias de motim contra hierarquia da doxa.

O próprio funcionamento do campo, seu *habitus*, depende da disputa simbólica entre essas formas de discurso. A maneira de formulação das estratégias de disputa tem haver com a *illusio*, “a relação encantada com um jogo, que é o produto de uma relação de cumplicidade, entre as estruturas mentais e estruturas objetivas do espaço social” (BOURDIEU, 2007 p. 140). A *illusio* implica na aceitação e na consciência das regras e benefícios de se disputar uma posição no campo.

Esses conceitos são fundamentais para o entendimentos da análise proposta aqui. Para posicionar os sujeitos dentro de um campo, é necessário o entendimento sobre qual discurso eles adotam em suas estratégias de *illusio*. Se tratando de um objeto que perpassa os campos jornalístico, político e religioso, esses conceitos auxiliam em identificar como o Gospel Prime e o Gospel Mais fazem esse percurso discursivo

### **Em defesa do mundo social.**

Como já foi mencionado anteriormente, os textos jornalísticos do *Gospel Prime* e *Gospel Mais* possuem uma estrutura muito semelhante. As ideologias, os temas abordados, e até a forma como os atores políticos e religiosos são interpretados possuem um denominador comum: a defesa da *doxa*.

Os jornais atendem a um discurso de reivindicação de uma *ortodoxia*, visando a manutenção da doxa do campo político e do campo religioso. Essa reivindicação os mantém em sintonia ideologica e partidária. Ainda que os autores e colunistas venham de denominações religiosas distintas, com doutrinas e ritos religiosos diferentes, eles clamam pelo mesmo conjunto de pensamentos e posições políticas ao qual clamam “conservadorismo”.

Como já vimos anteriormente, a posição dos autores do *Gospel Mais* e do *Gospel Prime*, é de especialistas diplomados no campo religioso, possuindo uma posição hierárquica proeminente em suas denominações. Ainda que suas respectivas Igrejas não façam parte de um bloco hegemônico no Campo Religioso Evangélico, eles adotam posições em conformidade com a defesa da *doxa*.

Para proferirem essa defesa eles elegem as posições políticas os temas políticos a serem tratados e a forma de abordagem legítimas para o campo religioso. Elegem ainda os candidatos ilegítimos, numa perspectiva política e religiosa, bem como centram em Jair Bolsonaro (PSL/RJ), a única possibilidade legítima de voto.

Portanto é possível afirmar que os jornais estudados rompem com a premissa de parcialidade e objetividade, comum ao campo jornalístico e adotam um estilo parcial ao trazer uma visão própria de política e religião. Mais do que isso, eles adotam um visão arbitrária sobre a religião evangélica ignorando a diversidade de pensamento apontada por estudiosos do campo evangélico (LOWY, 2018) (MARIANO, 2013) (BURITIY, 2018).

### **A voz dos líderes legítimos.**

A primeira característica percebida pela análise foi a eleição de líderes evangélicos conservadores como voz legítima perante o campo religioso. Líderes como Silas Malafaia, pastor e líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), Magno Malta, também pastor da ADVEC, o deputado Marcos Feliciano na época do Partido Social Cristão, pastor da assembleia de Deus, entre muitos outros tem um destaque especial em ambos os jornais.

Silas Malafaia, é o agente religioso mais predominantemente citado, aparecendo em mais de 99 textos, com uma frequência total de 14% nos textos sobre política partidária. Nos textos analisados ele é interpretado como um líder legítimo, todos os seus posicionamentos e prescrições são apresentados sem uma crítica do autor. Aparece sempre em matérias onde seus pronunciamentos em vídeos são transcritos, geralmente Thiagos Chagas do *Gospel Mais* e Jarbas Aragão no caso do *Gospel Prime*.

a proximidade das eleições, o pastor Silas Malafaia lançou mais um vídeo da série que explica motivos essenciais na escolha do voto. Dessa vez, abordou a candidatura de Jair Bolsonaro (PSL), afirmando que o deputado federal e capitão do Exército é alguém sem amarras com o atual sistema político. (...) Ao final, encorajou seus seguidores nas redes sociais a votarem em Bolsonaro. “Vamos colocar um homem que vai ter uma grande equipe para governar esse país e termos dias melhores. Eu quero ser profeta! Eu creio que o Brasil vai viver os melhores momentos, em nome

de Jesus. E que Deus abra a mente do povo brasileiro para perceber essas coisas. 17 neles.<sup>17</sup>

Como é demonstrado na análise dos principais pontos de representação da narrativa de textos que se segue, ele atua como uma espécie de conselheiro político. Ele elege a forma de abordar os temas políticos e o candidato que deve receber a confiança do público evangélico.

O segundo mais mencionado é Magno Malta, citado em 60 documentos, o terceiro Marcos Feliciano, em 40 documentos, recebem um tratamento diferente. Geralmente são mencionados em entrevistas onde tem suas opiniões retradas sobre temas e candidatos políticos destacados.

### **O cristão legítimo: o conservador.**

As linhas de distinção as quais tanto o *Gospel Mais* quanto o *Gospel Prime* se valem do posicionamento perante os campos aos quais perpassam, e, vão ao encontro da construção da imagem legítima do evangélico. Essa imagem legítima é ancorada na ortodoxia do campo evangélico e político. Ou seja, na reivindicação da manutenção da *doxa*, logo das ideias e formas de representação dominantes presentes nos campos político e religioso.

Todos os atores e temas políticos são representados pelos textos seguindo essa premissa de manutenção da doxa, ou ortodoxia. Os jornais se despem de qualquer pretensão de neutralidade, comum ao habitus do campo jornalístico, e embarcam em uma narrativa que visa a construção do que é ideal, em suma legítimo, dentro do campo evangélico. Há nessa narrativa a prescrição de atores políticos, ideologias, formas de abordagem de temas, como normais, naturalizados, para o reconhecimento do cristão ideal.

O evangélico ideal no contexto criado por essa narrativa tem como base em um cristão conservador, anticomunista, e que prefere candidatos do espectro de direita. Essas qualidades são elencadas como cruciais para a adequação do cristão evangélico enquanto eleitor. Aqui é apontado um único caminho que perpassa o aspecto político e religioso dos fieis.

A forma mais perceptível dessa prescrição se dá em artigos sobre o voto cristão, onde as tendências políticas legítimas são eleitas, bem como, na própria forma como os espectros e atores políticos são descritos e criticados. Outra maneira dessa prescrição se apresenta no fato de que narrativa dá voz somente aos líderes políticos e religiosos que venham corroborar seu posicionamentos.

---

<sup>17</sup>CHAGAS, Thiago. Pastor Silas Malafaia elenca motivos para votar em Bolsonaro, “um homem que teme a Deus”. *Gospel Mais*. 27 de setembro de 2018. Disponível em <https://bitly.com/IXpJQ>. Acesso em 20 de Abril de 2020 as 19 h.

Um bom exemplo dessa edificação é o artigo de opinião de João Biagini “Brasil conservador ou progressista” de 19 de setembro, publicado pelo Gospel Prime.

Como sempre acontece, às vezes analisamos a vida como uma novela, que tem um personagem do mal contra outro do bem. E a confusão nas nossas mentes é tão grande que os artistas que fazem os papéis das pessoas malignas são agredidos nas ruas, enquanto na vida real se dá o contrário, os criminosos atacando e matando as pessoas de bem, sem nenhuma punição.

Nas eleições não é diferente. Nós confundimos a pessoa física do candidato com o projeto de governo. E ficamos brigando pela pessoa e não pelo país.

Agora, nas eleições, a confusão se acentuou, pela inclusão das questões morais: corrupção, aborto, homossexualismo, homofobia e outros tantos.

Para tentar mostrar que a eleição não é de uma pessoa física contra a outra, há várias menções na Internet para a divisão do Brasil em dois, sendo um conservador e um progressista, mais ou menos com as seguintes características e composição:

Conservador

Organizado e cristão, que una o povo; com respeito à família tradicional; contra o aborto; contra as drogas proibidas; escolas com disciplina e respeito às professoras, para não apanharem dos alunos; respeito ao tempo da criança; sem ideologia de gênero; com as pessoas reconhecidas pelo seu sexo natural, masculino ou feminino; economia de mercado livre; empreendedores, empresários e comerciantes, pequenos ou grandes, com seus contratos e negócios respeitados; todos igualmente respeitando as leis; policiais que defendem nossas vidas respeitados.

O exército, que a paz quer com fervor, garantindo a segurança nacional; com os estupradores presos; com os assassinos condenados e cumprindo suas penas; sem MST invadindo terras e matando o gado; sem o MST destruindo centro de pesquisas de 15 anos, sem sindicatos queimando pneus e impedindo as pessoas de irem para o trabalho; sem black blocs destruindo vitrinas; sem bolsa prisão; com todos iguais e incentivados a estudar e pesquisar, para todos melhorarem suas condições de vida; com os que têm boas condições físicas trabalhando para seu sustento; com a valorização do mérito de cada um; com governantes empenhados nas prioridades da Nação e um país aliado aos outros países democráticos do mundo.

Progressista

Com um governo socialista ou anarquista; desejando uma bala e uma vala para todos os que pensarem diferente; com luta de classes (branco contra negros, trabalhadores contra empresários, nordestinos contra sulistas, homossexuais contra heterossexuais, feministas contra donas de casa e muitas outras classes); sem cristãos; com vadias vilipendiando a crença dos outros; com família de qualquer tipo; com todos sem sexo ou com o mesmo sexo; com escola sem disciplina e professoras apanhando; com crianças de 4 a 10 anos aprendendo na escola a fazer sexo; com aborto livre; com drogas livres, com pedofilia livre; com policiais considerados criminosos; com traficantes e assassinos considerados vítimas; com governo a favor do assalto; com governo aprovando roubos.

Sem exército para defender o país; sem polícia armada para defender as pessoas; sem presídios e sem cumprimento de penas pelos criminosos; sem empreendedores, empresários e comerciantes livres; com estado socialista, monopolizador das empresas e da economia; com as pessoas estimuladas a não estudar; com as pessoas desobrigadas de trabalhar para seu sustento, esperando tudo do Estado; sem a obrigação de respeitar as leis; com bolsa-prisão para os criminosos maior que o salário mínimo; com partido único, socialista ou comunista, e um país aliado somente de Cuba, Venezuela, Coreia do Norte, Nicarágua e outras ditaduras do planeta.

É claro que a pessoa e a vida social do candidato devem ser examinadas, para não serem eleitas pessoas inescrupulosas, que se apropriam dos bens do povo, que buscam as prioridades próprias e dos seus partidos. Na hora de votar, muito além das pessoas físicas dos candidatos, precisamos analisar bem qual dos projetos queremos

para nós, para as gerações futuras e para o Brasil: um país conservador ou um país progressista?

A intenção inicial do artigo é defender a despersonalização da política mediante da adoção de um projeto nacional em detrimento do apoio de um candidato. A partir daí se desenha o projeto ideal a partir de uma divisão de duas percepções políticas. De um lado tem-se o conservadorismo, o “Brasil Conservador”, de outro o progressismo, o “Brasil Progressista” sem se fazer a menção a direita e a esquerda.

É fato que o Brasil conservador se refere diretamente ao pensamento na política partidária que defende a *doxa*, a manutenção do *status-quo* nos campos político e econômico. Um pensamento que se alinha a norma, a manutenção das posições de gênero, dos papéis administrativos do Estado, da estrutura familiar, a ordem garantida pelos poderes coercitivos estatais. Tudo isso em uma atmosfera em que reina a palavra “respeito”, que tem uma conotação positiva por prever um benefício social na manutenção dos respectivos *status*.

A exacerbação ao militarismo, “que a paz quer com fervor”, a manutenção da ordem através da garantia de segurança vem aqui combinar com um atmosfera onde a utopia é a ausência dos movimento sociais como o MST, ou os *black blocks*, sem sindicatos “queimando pneus”. A manutenção do status-quo social privilegia aquilo que já é dado, já é tido como naturalizado em nossa sociedade, ao passo que nega qualquer forma do que é visto como quebra dessa harmonia.

Por outro lado, o Brasil Progressista, é de esquerda, pois os valores elencados são heterodoxos, que não apenas contradizem o status-quo social, mas, trazem o caos e a violência. Nessa lógica a esquerda é caótica, é corruptível, é violenta. Países em crise são retratados como governados pela esquerda, culpada de todos os seus problemas.

Não há aqui espaço para dicotomias, não há equivalência de forças baseadas em prós ou contras, há apenas um lado ideal a ser seguido. A pergunta final ilustra o ponto ao qual o leitor deve se perguntar. A ordem ou o caos?

Esse foi um dos primeiros de uma série de artigos de opinião que se dedicaram a prescrição do posicionamento político ao público cristão. Uma outra ação recorrente é a publicação de declarações e entrevistas de líderes religiosos, sobre o assunto como no artigo a seguir:

O pastor Franklin Ferreira, diretor do Seminário Martin Bucer e consultor acadêmico de Edições Vida Nova, vem falando constantemente em suas redes sociais sobre movimentos de evangélicos que possuem abertamente uma posição “progressista”. O termo é usado para definir a corrente de pensamento “dos que aceitam a evolução ou mudanças, especialmente em matéria de religião”.

De acordo com Ferreira, estes membros de igrejas evangélicas são “esquerdistas” que veem “a missão principal do cristão é o serviço aos pobres ou a defesa das causas das minorias”.(..) O pastor lamenta que os cristãos progressistas “desprezam as igrejas tradicionais”, preferindo “agências paraeclesiais ou ONGs apartadas das igrejas” para atuar. O contraponto histórico apontado por Ferreira é justamente que foram as igrejas tradicionais espalhadas por todo o Brasil que “fundaram hospitais, escolas, universidades, orfanatos, asilos, institutos para deficientes visuais, etc...”.Destacando o exemplo da “Cristolândia”, conhecido projeto batista, contrasta com a ausência de trabalhos significativos criados pelos que gostam de criticar as igrejas tradicionais. “Os ‘cristãos progressistas’ tendem por subverter a Igreja, a comunidade da Palavra e do Sacramento, transformando-a numa mera associação social e humanitária a serviço da esquerda. Mas quando isso ocorre, pastores progressistas, metidos a intelectuais, ricos e bem vestidos, não mais cuidam dos membros da igreja – somente os usam”, dispara. Em sua opinião, esses grupos acabam se tornando apenas aliados casuais “de partidos de esquerda e extrema-esquerda”<sup>18</sup>.

Como é possível observar as tendências averiguadas no texto anterior se repetem nessa matéria. A primeira explicação sobre o que é progressismo “corrente de pensamento dos que aceitam a evolução ou mudanças, especialmente em matéria de religião” indica que o desvirtuamento referido no título, consiste na quebra da *doxa* por parte desses cristãos progressistas que ao proporem uma mínima mudança no *habitus* religiosos ou político são automaticamente são retratados como “esquerdistas”.

A afirmação que esses cristãos “progressistas” ou “esquerdistas” “desprezam as igrejas tradicionais” e as preterem em favor de “ONG’s” vem para deslegitimar sua posição no campo religioso. Afinal os retira do seio da instituição religiosa, (a qual não só “não querem fazer parte”, como “desprezam”) e os coloca direto num lugar vago, inserto, que remete a política. De fato as Organizações Não Governamentais são representadas nos textos estudados como um espaço pertencente ao espectro de esquerda da política partidária, portanto, nesse contexto, contrários ao campo religioso.

O último parágrafo assenta a pá de cal nessa formulação ao proclamar claramente que o cristão progressista se afata da sua denominação em detrimento da adoção de práticas do espectro de esquerda. A contradição nessa formulação é a de que o *habitus* religioso seria incompatível com o *habitus* político do espectro de esquerda, ao mesmo tempo em que o silêncio sobre a direita política também é sugestivo. Nota-se que não se fala do campo político como um todo, ou seja de uma possível promiscuidade entre a política partidária e as igrejas evangélicas, mas, sim de uma suposta deslegitimação do fiel que se aproxima da esquerda política.

---

<sup>18</sup> <https://www.gospelprime.com.br/cristaos-progressistas-desvirtuaram-a-missao-crista-alerta-teologo/>

Ao analisar os dois textos há uma construção do posicionamento político legítimo a partir daquilo que o cristão não deve ser. O cristão ideal não deve propor quebras na *doxa*, ou seja atodar qualquer tipo de mudança como visão de mundo preestabelecida, mas sim abraçar a *doxa*, o que transmite “paz” e “segurança”. A manutenção do status-quo é então a forma eleita de legitimidade para se transitar entre os campos político e religioso.

A consistência do status-quo defendido é permeada por dois conceitos-chave para o entendimento da narrativa: a ideologia de gênero, o socialismo, ou comunismo.

### **A representação do “comunismo/socialismo”.**

O comunismo e o socialismo não são necessariamente o mesmo conceito epistemológico. Em a Ideologia Alemã, Marx e Engels (2008) descrevem o comunismo como a última etapa da superação das contradições e desigualdades do sistema capitalista, e sendo assim, de todos os sistemas econômicos anteriores. No comunismo, o proletariado regeria os meios de produção em torno de um sistema que tem como base o suprimento das necessidades materiais, em suma reais, dos homens (MARX e ENGELS, 2008).

O comunismo, uma vez baseado na gestão comum dos meios de produção socialmente pensada de acordo com as condições e necessidades reais dos homens, teria que superar toda a ideologia fomentada pelo sistema capitalista. A crítica de Marx e Engels (2008) é que o sistema capitalista tem como suporte uma ideologia que mantém o status-quo da classe burguesa naturalizando a divisão social do trabalho, onde a classe trabalhadora, aquela que produz a riqueza, é desapropriada dos meios de produção, em domínio da classe burguesa. Para isso, a ideologia capitalista, seria aquela onde as relações sociais de produção, historicamente construídas, são ocultadas em nome de ideias que preservam a exploração da mão de obra da classe trabalhadora via mais-valia por aqueles que detêm os meios de produção com fins de obtenção de lucro (ou acumulação de capital) (MARX e ENGELS 2008).

Para a superação dessa ideologia Marx e Engels elaboraram uma transformação sistemática da sociedade capitalista para o comunismo, onde o socialismo seria um período de transição entre o capitalismo, destituído por uma revolução, e o comunismo. Essa transição seria realizada por um Estado temporário, um estado socialista, no intuito de reorganizar a sociedade, abolir a propriedade privada, e a divisão de classes e superação das ideologias capitalistas prévias. Por fim, com o movimento dialético de superação das contrariedades

capitalistas concluído, o socialismo daria espaço para o comunismo, um sistema sem estado, sem classes sociais onde os meios de produção seriam geridos de forma socialmente pensada (MARX e ENGELS, 2008).

O termo socialismo ainda é utilizado por Marx e Engels (2008) e Marx (2008,) para falar sobre proposições de econômicas e filosóficas que se propunham em superar o capitalismo, mas segundo os autores, não conseguiam sobrepujar as contradições materiais e ideológicas do sistema capitalista. Esses autores foram considerados os socialistas utópicos, na concepção marxiana.

Apesar da complexidade desses termos, os textos analisados não fazem distinção clara destes. Ambos os conceitos são associados a violência, a desordem, a opressão e a repressão religiosa.

Um exemplo são essas passagens de um artigo sobre o líder cristão conservador e evangélico E.W Jackson, que dispara:

A onda conservadora que vem crescendo no mundo nos últimos anos não é por acaso. Com a liberdade religiosa sendo cada vez mais suprimida em nome do “politicamente correto” e a relativização radical dos valores judaico-cristãos trazendo consequências negativas no comportamento das famílias, lideranças cristãs iniciaram uma campanha de reação contra o avanço do que chamam de “marxismo cultural”.

Um desses líderes é o bispo e ativista político conservador E.W. Jackson, fundador do STAND (Permanecendo Fiel ao Destino Nacional da América), uma organização que tem como objetivo “preservar a vida, a família tradicional e os valores judaico-cristãos como a base de nossa cultura”.

Jackson, que também lidera a igreja do Exodus Faith Ministries em Chesapeake, Virgínia (EUA), publicou um vídeo onde faz um apelo aos eleitores para que não votem nos candidatos alinhados com o “socialismo”, já que segundo ele essa perspectiva não apenas nega a existência de Deus, como também visa substituí-lo em nome do Governo.

“O socialismo é uma ideologia marxista que nega a existência de Deus, que tenta substituir pelo governo. [Essa ideologia] foi responsável pela fome em massa, tortura, assassinato e escravidão”, disse ele, referindo-se aos antigos regimes comandados por Josef Stalin, Vladimir Lenin, Mao Tsé-Tung e outros, além dos atuais, como o líder venezuelano Nicolás Maduro e Daniel Ortega, da Nicarágua.

Jackson argumenta que o objetivo dos políticos socialistas é submeter os cristãos à sua ideologia, não permitindo que exista discordância, mas apenas obediência. “[O socialismo] não permite liberdade de expressão ou pensamento. Os cristãos são seus principais inimigos, pois acreditamos na liberdade e adoramos ao único Deus verdadeiro e vivo”, disse ele.

Um outro artigo intitulado “Estamos em guerra com o comunismo e precisamos vencê-lo<sup>19</sup>”, de Helio Eguinaldo de Souza, publicado pelo Gospel Prime, possui uma premissa semelhante. O artigo conclama os cristãos a uma guerra contra o comunismo:

“Guerra” é uma palavra forte, mas quem ainda não foi contaminado pelo delírio marxista sabe muito bem que estamos falando de algo muito maior que uma simples escolha de governantes. Estamos falando da escolha entre a vida e a morte, entre o avanço e a falência, entre uma normalidade civil e uma sociedade patogênica. A história da Rússia e do leste europeu são claros testemunhos históricos, ignorados apenas por aqueles que desejam reproduzir os mesmos infernos.(...) A Venezuela é talvez o termômetro mais acessível sobre o perigo que corremos. Os que hesitam em usar bem seu voto e nos tirar dos trilhos esquerdistas rumo aos abismos profundos da loucura bolivariana deveriam mudar-se para Coreia do Norte ou Cuba. Melhor desfrutarem por livre e espontânea vontade de seu inferno particular do que obrigar todos a viver nele por causa de sua loucura voluntária.

Vale lembrar que na década de 1960, Deus levantou homens como o pastor Enéas Tognini para que a Igreja orasse contra o comunismo. E Deus ouviu a oração de seu povo. Do mesmo modo, durante as décadas de 60 e 70, houve um avivamento no Brasil. E muitos jovens, cheios do Espírito Santo, agiram no sentido de deter a onda comunista que já atuava nas universidades. Agora é a nossa vez.

Ambos os textos tratam de palavras distintas ao qual é atribuído o mesmo significado e abordagem. A reificação dos conceitos de comunismo e socialismo convergem para um caminho comum. Atribue-se a estes uma forma de governo baseada no autoritarismo, na violência, na perseguição religiosa e ao fim dos valores familiares.

Somado a isso, essa forma de governo do espectro de esquerda demoveria a figura de Deus como central na sociedade substituindo pelo “Estado”. Essa substituição se dar de forma violenta, através da subjulgação dos cristãos a “ideologia de esquerda” afinal, “estamos falando da escolha entre a vida e a morte, entre o avanço e a falência, entre uma normalidade civil e uma sociedade patogênica”. Como exemplo a situação da Venezuela, Rússia, Cuba, Coreia do Norte, países que nessa narrativa vivem o “inferno” comunista.

É uma tendência geral que a narrativa desse tipo de texto se feche de forma eleitoral. Nessa lógica, o voto é a única arma nessa “guerra” contra a opressão anticristã e violenta dessa “forma de governo de esquerda”. A solução para ganhar a guerra: “não vote em candidatos de esquerda”.

A “ideologia de gênero” é o outro conceito utilizado para se detratar posições políticas. Nos textos analisados sobre reivindicações de líderes evangélicos a luta contra a

---

<sup>19</sup> SOUZA, Eguinaldo de Souza. Estamos em guerra contra o comunismo e precisamos vencê-la. Gospel Prime. 13 de outubro de 2016. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/guerra-contra-comunismo-precisamos-vencer/>.

“ideologia de gênero” é sempre presente, ainda que o conceito não seja explicado. Uma matéria com declaração do pastor R.R. Soares de apoio a Jair Bolsonaro é emblemática:

Nas últimas 24 horas, duas manifestações de importantes líderes religiosos do país em favor do presidenciável Jair Bolsonaro (PSL) reforçaram a ideia de que ele é visto como o mais viável para que o combate a agendas liberais como a “ideologia de gênero”. O Missionário R. R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, que nunca tinha apoiado oficialmente um candidato a presidente antes, decidiu se manifestar em um vídeo publicado na noite desta sexta-feira (5). “Eu vou votar no Bolsonaro. Eu analisei todos os projetos e o dele é o melhor, principalmente no caso da ideologia de gênero. Estão convencendo que meninos podem ser meninas, ou meninas podem ser meninos. Isso é uma loucura”, justifica Soares.<sup>20</sup>

Nos textos a ideologia de gênero é utilizada como recurso retórico para enfatizar o desvio sexual impostos a criança ou adolescente pela escola e pelo ativismo LGBTQ. Não há nenhuma explicação mais concreta do seja a ideologia de gênero nos textos pesquisados durante as eleições de 2018. Contudo foi feita uma averiguação da palavra ideologia de gênero e foram identificados 320 matérias tratando sobre ou mencionando o tema em ambos os *websites* durante os anos de 2016 a 2018.

O entendimento do que seja Ideologia de Gênero nesse contexto é melhor explicado em um artigo de 18 de março de 2018:

O que é Ideologia de Gênero?

A Ideologia de Gênero, ou melhor dizendo, a Ideologia da Ausência de Sexo, é uma crença segundo a qual os dois sexos — masculino e feminino — são considerados construções culturais e sociais, e que por isso os chamados “papéis de gênero” (que incluem a maternidade, na mulher), que decorrem das diferenças de sexos alegadamente “construídas” — e que por isso, não existem — são também “construções sociais e culturais”.

O que é Ideologia de Gênero?

A Ideologia de Gênero, ou melhor dizendo, a Ideologia da Ausência de Sexo, é uma crença segundo a qual os dois sexos — masculino e feminino — são considerados construções culturais e sociais, e que por isso os chamados “papéis de gênero” (que incluem a maternidade, na mulher), que decorrem das diferenças de sexos alegadamente “construídas” — e que por isso, não existem — são também “construções sociais e culturais”.

Que chance tem uma criança em meio a uma ofensiva tão violenta?

Abuso de crianças toma uma série de formas, e às vezes é mais psicológico do que físico. Quando uma criança é privada da verdade sobre seu gênero, todo o inferno se solta na auto percepção da criança. E quando você mexer com uma mente jovem de uma maneira tão nefasta, há uma alta probabilidade de que a criança nunca venha se recuperar.

(...) Os cromossomos são ignorados, já que a progressiva parentalidade\* exige neutralidade de gênero. Na realidade, as fêmeas têm um par XX de cromossomos

---

<sup>20</sup> ARAGÃO, Jarbas. R. R. Soares pede voto em Bolsonaro: “Contra a ideologia de gênero”. Gospel Prime 20 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/r-r-soares-pede-voto-em-bolsonaro-contra-a-ideologia-de-genero/>. Acesso em 20 de abril 2019.

sexuais, enquanto os machos têm um par XY. A ciência confirma o que a Escritura revela: “Macho e fêmea, Ele os criou”. (Gênesis 1:27) Christian post  
Porque os ativistas preferem a doutrinação da criança?

A ideia é simples: Eles destroem os princípios bíblicos ensinando a criança, pois quando essa estiver crescida vai continuar defendendo essa ideologia. Usam a mesma estratégia bíblica descrita em Provérbios 22:6 “Ensina a criança no Caminho em que deve andar, e mesmo quando for idoso não se desviará dele!”

Não podemos mudar o que DEUS fez!

“Assim Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou. MACHO e FÊMEA os criou” (Gênesis 1.27). No ventre já está definido o nosso gênero, somos o que o ultrassom revelou. Não aceite pais que seus filhos sejam doutrinados por esses ativistas, eles estão a servido do diabo e a intenção é trazer confusão na mente de nossas crianças.

Esse trecho confirma a “ideologia de gênero” como uma forma de violência infligida contra a criança e o adolescente, onde se negam o sexo da criança. É uma forma de entender o sexo que se opõe as posições “normais”, e enquanto “normais”, predispostas do gênero no âmbito social. Essa ideologia tem como principal objetivo de “destruir os princípios bíblicos” ao tentar subverter o dogma de que “Deus criou macho e fêmea”.

Na narrativa de textos a “ideologia de gênero” é atribuída a todo o espectro de esquerda do campo político. Da mesma forma como o comunismo e o socialismo estão em guerra contra o cristianismo, a ideologia de gênero aparece para subverter os valores cristãos. A solução apontada nos textos por líderes religiosos para lidar com o problema é a mesma: não votar em candidatos de esquerda.

É interessante apontar que em momento alguma a palavra “democracia”, ou “democrático” é mencionada nos textos. Apesar de se atribuir a perseguição e autoritarismo a “esquerda”, ao “progressismo”, ao “comunismo” e a “ideologia de gênero”, não se profere que o combate a esses conceitos deve ser feitos para proteger os direitos democráticos. Apesar de se citar a palavra “liberdade”, essa acena para o campo religioso, não para o político.

A proteção da *doxa* defendida pelos jornais é de caráter exclusivamente religioso. O que aponta que há uma perspectiva de que o campo político pode interferir diretamente no campo religioso. Essa perspectiva cria a necessidade de formas de ação e percepção transversais entre os campos.

Para se pensar mais profundamente sobre essa perspectiva transversal é necessário primeiro se fazer uma análise da representação dos candidatos a eleição. A narrativa dos textos representa as personalidades de esquerda como agentes deslegitimados e deslegitimadores dos campos político e religioso, portanto, os principais a serem vencidos. Os candidatos de direita, foram sub-representados, com nenhuma matéria exclusiva sobre eles em ambos os jornais, com algumas poucas menções.

Em contrapartida, há a representação do candidato Jair Bolsonaro como a única opção viável para disputar a eleição. Há uma centralidade do então candidato pelo PSL que será explorada mais a frente.

### **A representação dos candidatos do campo político nas Eleições Presidenciais 2018.**

A representação dos candidatos de esquerda segue as mesmas regras da representação dos conceitos ao redor desse segmento do campo político. Tal qual com o comunismo, o socialismo, e a ideologia de gênero, os candidatos do espectro de esquerda vêm trazendo “o caos e a perseguição religiosa”. Da mesma maneira como sua forma de governo, eles são autoritários e se envolvem em corrupção.

O partido político mais citado foi o Partido dos Trabalhadores, sendo responsável por 91,4% das menções a partidos políticos. A atmosfera criada em torno do partido pela narrativa de textos é a do envolvimento do partido com a prisão do ex-presidente Lula, durante a operação Lava-Jato. A fórmula da descrição a partir da perspectiva de um líder evangélico que segue uma postura de conformidade com a linha editorial se repete.

Malafaia diz que PT é formado por “produtores do caos”  
Pastor diz que evangélicos devem orar para “Deus nos livrar” dos comunistas  
Nos últimos dias o Brasil assistiu a um imbróglio judicial referente à soltura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, causado pela decisão do desembargador Rogério Favreto, plantonista do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4).  
Ao expedir um habeas corpus para que Lula pudesse fazer campanha presidencial, Favreto desafiou as leis em vigor no país, atropelando decisões tomadas tanto pelo pleno do TRF-4 quanto do Supremo Tribunal Federal (STF). Indignado com a tentativa de soltar Lula através do “ativismo jurídico”, o pastor Silas Malafaia gravou um vídeo onde voltou a denunciar o Partido dos Trabalhadores.  
Lembrando que Favreto foi filiado ao PT quase 20 anos e foi indicado pela ex-presidente Dilma para a posição que ocupa, Malafaia disparou: “É uma vergonha este desembargador petista... existe resolução do judiciário. Um plantonista não pode fazer o que ele fez”.  
Na opinião do pastor, “não podemos aceitar o jogo desses esquerdopatas, que querem desmoralizar [os poderes] judiciário, legislativo e executivo”.  
Segundo o líder do ministério Vitória em Cristo, “eles mesmos [petistas] são produtores do caos e agem de maneira cínica”. Classificando-os de “verdadeiros comunistas”, o pastor enumerou vários elementos que mostram como funcionou o “aparelhamento” do país nos anos em que o PT governou.  
“Agora eles querem inverter tudo”, sentenciou, afirmando que os petistas foram “o governo mais corrupto da história do Brasil”. “Não podemos aceitar”, lamentou Malafaia, ressaltando que há muitas pessoas pobres que os apoiam por que dependem do “Bolsa esmola”. “Isso é coisa de comunista. Essa gente precisa ser varrida pelo viés legal. Povo evangélico vamos orar para Deus nos livrar, pois isso é uma praga na sociedade brasileira”, encerrou<sup>21</sup>.

<sup>21</sup> ARAGÃO, Jarbas. *Malafaia diz que PT é formado por “produtores do caos”*. 10 de julho de 2018. *Gospel Prime*. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/malafaia-pt-produtores-do-caos/>

A matéria trata da ocasião quando o então desembargador Rogério Favreto, em plantão como desembargador do Tribunal Regional Federal da Quarta Região (TRF-4), emitiu um pedido de Habeas Corpus (ordem de soltura) para o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva (Lula), que se encontrava preso numa prisão federal da cidade de Curitiba<sup>22</sup>. A ocasião causou controvérsias com o juiz Sérgio Moro, responsável pela prisão de Lula, e com o presidente do TRF-4 na época, Thompson Flores. O habeas corpus foi cancelado 14 horas depois pelo procurador Gebran Neto, também ligado a operação Lava-Jato<sup>23</sup>. A abordagem política por ambas as partes gerou bastante controvérsia como abordam os principais veículos de comunicação.

Não se abordam nessa análise os juízos de valor que o pastor Silas Malafaia faz sobre o caso, mas sim os elementos adicionais que ele evoca para construir sua crítica. Elementos como “bolsa esmola” em referência ao “Bolsa Família”, “produtores do caos”, “verdadeiros comunistas” são destacados na matéria ocupando um espaço maior do que a própria crítica ao caso em si. Isso posiciona a matéria em consonância com a maior parte de textos que tratam do Partido dos Trabalhadores e seus candidatos.

Também é mantida a denúncia de subversão da doxa (“eles querem inverter tudo”) ao infringir o caos através da implantação do “comunismo”. O comunismo é ainda associado com o Bolsa Família, programa social de transferência de renda criado pelo governo de Luís Inácio Lula da Silva, basea-se no pagamento de 89,00 R\$ reais por integrante de famílias em extrema pobreza<sup>24</sup>, mantido até a presente data como um bem sucedido programa social. Uma vez já explicitado o que “comunismo” significa nesse contexto, é possível avaliar que qualquer ação proferida pelo Partido dos Trabalhadores é passível de crítica contundente e associação ao termo.

Um outro aspecto interessante é que a palavra “petista” não só é usada para se referir ao partido, mas também é resignificada, como sinônimo de “esquerdista” ou “comunista”, e passa a ser atribuída a outros personagens sem relação direta com o partido.

---

<sup>22</sup> CONSULTORIO JURÍDICO. *Desembargador do TRF-4 manda soltar Lula ainda neste domingo*. 8 de julho de 2018. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2018-jul-08/desembargador-trf-manda-soltar-lula-neste-87>. Acesso em 20 de abril de 2019.

<sup>23</sup> OLIVEIRA, Mariana. *Relator da "lava jato" no TRF-4 manda PF não cumprir liminar de soltura de Lula*. 8 de julho de 2018. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2018-jul-08/gebran-neto-determina-pf-nao-cumpra-liminar-soltura-lula>. Acesso em 20 de Abril de 2019.

<sup>24</sup> CAIXA. *Bolsa Família*. Disponível em <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Acesso em 20 de abril de 2019.

A corrupção é outra atribuição direcionada para retratar o partido. E um artigo sobre o mesmo tema, mas dessa vez retratando a perspectiva do pastor e deputado, Ezequiel Teixeira (PSL):

Teixeira mostrou indignação com os argumentos que vem sendo usados pela defesa do ex-presidente preso para tentar sua liberação. “Os petistas querem transformar o Brasil numa anarquia... Afrontam nossas instituições e desafiam a nossa inteligência”, acusou, destacando que Lula não poderá se candidatar nas próximas eleições porque foi condenado em duas instâncias, sendo, portanto, “ficha suja”. O parlamentar, que também é pastor e líder da Igreja Projeto Vida Nova, fez um apelo: “Minha gente, não se deixe enganar. Vamos banir do nosso país todos esses corruptos. As eleições estão chegando e é uma excelente oportunidade para que possamos colocar o Brasil de cabeça para cima... o Senhor abomina a corrupção. O PT já está condenado. Não ficará pedra sobre pedra! Que o Senhor tenha misericórdia da nossa nação”<sup>25</sup>.

A própria palavra “corrupção” é citada frequentemente, contudo, nenhum episódio é citado claramente. Apesar disso, alia-se “corrupção” a narrativa de subversão dos valores sociais via implantação do “caos” e da “anarquia” proporcionada pelo partido.

A representação do Partido dos Trabalhadores funciona como uma “preparação do cenário” para o seus candidatos. A matéria intitulada “Autoritário, plano de governo de Lula quer controle da Justiça e legalização de aborto e drogas” publicada pelo Gospel Mais, de Thiago Chagas, traz uma análise sobre os pontos do Plano de Governo do Presidente Lula. Apenas quatro planos de Governo foram analisados, os de Bolsonaro, Marina Silva e Lula e posteriormente o de Fernando Haddad.

Autoritário, plano de governo de Lula quer controle da Justiça e legalização de aborto e drogas.

O Partido dos Trabalhadores montou um plano de governo para a candidatura do ex-presidente Lula com propostas claras de controle da mídia, apoio ao aborto e ideologia de gênero, legalização das drogas, nova constituição e intervenção externa na Justiça.

O autoritarismo embutido no plano de governo proposto pelo ex-presidente – condenado e preso por corrupção e lavagem de dinheiro – também pretende combater oposições políticas, além de prever uma reforma no currículo educacional para excluir as aulas de História, importante ferramenta usada para expor o fracasso do socialismo e comunismo mundo afora<sup>26</sup>.

Antes mesmo de iniciar a análise do Plano de Governo do ex-presidente todos os conceitos previamente atribuídos a esquerda foram evocados. Esses elementos constituem a

---

<sup>25</sup>GOSPEL PRIMEI. *Ezequiel Teixeira: “o PT quer transformar o Brasil numa anarquia”*. 10 de julho de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/ezequiel-teixeira-o-pt-quer-transformar-o-brasil-numa-anarquia/>. Acesso em 20 abril de 2019.

<sup>26</sup>CHAGAS, TIAGO. *Autoritário, plano de governo de Lula quer controle da Justiça e legalização de aborto e drogas*. GOSPEL MAIS. 24 de agosto de 2018. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/lula-plano-de-governo-aborto-drogas-justica-101688.html>. Acesso em 20 de abril de 2020.

base da crítica política direcionada aos candidatos Lula e Fernando Haddad ambos do Partido dos Trabalhadores. Nesse mesmo artigo cada um desses pontos é comentado em conformidade com a narrativa identificada nos textos pesquisados.

#### Progressismo

A ditadura de pensamento se faz presente no plano de governo do Partido dos Trabalhadores – que deverá indicar o candidato a vice, Fernando Haddad, ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo, como cabeça de chapa caso o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) indefira o registro de Lula – com a proposta de fazer o Estado um inimigo de quem possui visão ideológica diferente dos partidos de esquerda.

O documento fala abertamente em institucionalizar o combate ao pensamento conservador, ao propor ações estatais “contra o racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa e o avanço do conservadorismo no Brasil”.

Há ainda uma intenção do PT em exercer uma espécie de tutela sobre o povo, com o texto sugerindo que o eventual futuro governo irá fazer a “qualificação da democracia” a partir de programas e ações sociais: “Lula promoverá de maneira inequívoca a universalidade, integralidade e intersetorialidade dos direitos humanos [...] a democratização do poder político e qualificação da democracia”, frisa o documento.

A palavra “progressismo” como já explicitado anteriormente é novamente utilizada para se evocar a própria heterodoxia nos campos político e religioso. Ao mesmo que essa “ditadura de pensamento” se propõe a quebrar a doxa através do combate “contra o racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa e o avanço do conservadorismo no Brasil”, ela “tutela” o povo via “democratização do poder político e qualificação da democracia”. É curioso que como já demonstrado a palavra “democracia” seja pouco mencionada nos textos ao passo que “ditadura” é amplamente trabalhada para se referir a projeto político da esquerda.

Note que o próprio ator não limitou o “combate ao pensamento conservador” somente ao termo “avanço do conservadorismo no país” mas também aos termos “racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa” todas causas que propoem a quebra da doxa nas estruturas sociais. Nesse contexto, o termo “autoritarismo” vem de forma reificada, tentando atribuir um poder simbólico, ou seja, uma força arbitrária de transformação social (BOURDIEU, 1989) que essas causas não dispõem. Ainda assim, essa força arbitrária de transformação é entendida como agressiva e deslegitimadora ao campo religioso se mantendo também a Fernando Haddad.

É interessante destacar que o mesmo trecho aparece em uma matéria sobre Fernando Haddad no Gospel Mais.

A ditadura de pensamento se faz presente no plano de governo de Fernando Haddad, ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo, com a proposta de fazer o Estado um inimigo de quem possui visão ideológica diferente dos partidos de esquerda. O documento fala abertamente em institucionalizar o combate ao pensamento conservador, ao propor ações estatais “contra o racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa e o avanço do conservadorismo no Brasil”<sup>27</sup>.

No que concerne a Fernando Haddad, como o trecho acima sugere, mantém-se a mesma fórmula de abordagem: a constante atribuição de conceitos que venham perverter a ordem e as denúncias de corrupção. Entretanto essas atribuições alcançaram uma abrangência bem maior, sobretudo com o maior destaque em causas que envolvem gênero e sexualidades. Pode-se tomar como um exemplo o artigo de Viviane Petinelli, a única colunista feminina do Gospel Prime publicou um artigo de opinião sobre as eleições intitulado “Por que não votarei no poste de Lula”<sup>28</sup>:

As eleições se aproximam e muito temos ouvido falar de cada candidato. É tanto ataque e tanta mentira veiculada que resolvi, eu mesma, ler e avaliar seus planos de governo (aqui). Eis abaixo minhas razões para não votar em Haddad/Lula:

Haddad não defende a vida desde a concepção. Ele promete fortalecer os conselhos e conferências de saúde, onde o discurso pró-legalização do aborto é fortemente defendido (Plano de governo, Proposta 3.2).

Haddad não defende a família natural. Ele promete implementar programas e ações de educação para a diversidade, o que significa ensinar as crianças e adolescentes que todo tipo de relacionamento é família e que todo tipo de relação é natural e positiva (Plano de governo, Proposta 2.4 e 3.1);

Haddad não protege a infância e adolescência. Ele promete implementar e massificar programas e ações de educação para a diversidade, o que significa ensinar e incentivar crianças e adolescentes a terem múltiplas identidades (mulher, homem, gênero fluido, entre outras) e orientação sexual diversa (hetero, homo, bissexual, etc.) (Plano de governo, Proposta 2.4 e 3.1);

Haddad defende uma educação controlada pelo Estado, isto é, a continuidade da doutrinação de crianças e adolescentes nas escolas. Ele promete ampliar a centralização da política educacional no governo federal e fortalecer o projeto de educação (doutrinador) desenvolvido nos governos Lula, Dilma e Temer (Plano de governo, Proposta 3.1);

Haddad defende que as políticas culturais devem ser políticas de Estado. Ele quer investir ainda mais recurso nosso em artistas, peças teatrais e programas que erotizam crianças e propagam a pornografia e a inventada “diversidade sexual” (Plano de governo, Proposta 3.5);

Haddad acredita num Estado forte e controlador da economia e da sociedade (Plano de governo, p. 5-6). Mas temos visto e já sabemos que quanto maior o Estado, mais ineficiente ele é e mais corrupção há;

Haddad não só apoia como também fortalecerá a aliança com governos ditatoriais e corruptos como o da Venezuela. Ele promete priorizar os esforços para fortalecer a União da América do Sul, isto é, fortalecer o projeto socialista do Foro de São Paulo (Plano de governo, p. 11);

---

<sup>27</sup> GHAGAS, Tiago. *Haddad reproduz plano de governo apresentado por Lula: pró-aborto e legalização das drogas*. Gospel Mais. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/haddad-plano-lula-legalizacao-drogas-aborto-102808.html>. Acesso em abril de 2020.

<sup>28</sup> A palavra “poste” é mencionada em uma alusão ao estatura de Fernando Haddad de 1,83 metros, forma de se referir comum em artigos de opinião de comentaristas de direita em referência a aparência pacata do ex-Ministro da Educação.

Haddad quer implementar uma ditadura “democrática” no país. É isso mesmo! Em nome da democracia, ele rejeita a Constituição e as leis democraticamente criadas. Ele se vê acima da lei. Quer “refundar a democracia brasileira”, como se ela não existisse mais (Plano de governo, p. 4, 10, 12, 17)<sup>29</sup>.

Se por um lado as críticas relacionadas aos casos de corrupção relacionados ao PT em Lula, bem como, as referências a sua prisão, tem um grande apelo na representação do ex-presidente, com Fernando Haddad, essa deixa de ser uma menção. A representação do candidato substituto de Lula e ex-Ministro da Educação, girou em torno do seu suposto autoritarismo aliado ao apelo de gênero e sexualidade. Apenas no artigo de Petinelli, há tres menções a esse supostos plano de imposição de novos comportamentos sexuais através da “ideologia de gênero” com o agravante do envolvimento da figura da “criança”.

A ideia de que a chamada “ideologia de gênero” impõe uma erotização precoce da criança é presente em um grande número de textos, e, atribuído a diversos candidatos de esquerda. Contudo, com Fernando Haddad, ela ganha um contorno mais drástico, pelo fato do envolvimento com o episódio do “Kit Gay”.

O chamado “kit gay” foi uma proposta de material a ser entregue ao programa Escola sem Homofobia do Ministério da Educação, na época tendo Fernando Haddad a frente. O material seria destinado “à tematização e à prevenção ao bullying homofóbico nas escolas” (VITAL e LOPES, 2012 p.109). O “kit gay” consistia em

1) um caderno de orientação para o educador, o “Caderno Escola Sem Homofobia”; 2) uma série de seis boletins elaborados com uma linguagem juvenil, voltado para a distribuição entre os estudantes; 3) um cartaz de divulgação do projeto na escola, em que se estimulava que a comunidade escolar procurasse ter mais informações sobre o projeto; 4) cartas de apresentação para os gestores e educadores, apresentando o projeto e indicado as melhores formas de trabalhá-lo; 5) e três vídeos educativos que, acompanhados por suas respectivas guias de discussão, poderiam funcionar como estimuladores, pontos iniciais de debate. (VITAL e LOPES, 2012 p. 110).

Esse material, que fora “elaborado após diversas reuniões com técnicos do Ministério da Educação, ativistas do movimento de LGBT, educadores de diferentes partes do Brasil” (VITAL e LOPES, 2012 p.110) entrou em conflito com deputados da Bancada Evangélica. Em especial com, o na época deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro Jair Bolsonaro (PSL), que distorceu o significado do material e criou alarde na mídia, juntamente com integrantes da Bancada Evangélica da Câmara dos Deputados, dando a alcunha de Kit Gay ao material (VITAL e LOPES, 2012).

---

<sup>29</sup> PETINELLI, Viviane. *Porque não votarei no “poste de Lula”*. GOSPEL PRIME. 5 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/porque-nao-votarei-no-poste-de-lula/>. Acesso em abril de 2020.

Esse material foi amplamente citado nos textos referenciando Fernando Haddad, chegando a ser citado como “pai do kit gay”:

Quando era ministro da educação (2005-2012) Fernando Haddad teve embates com a bancada evangélica no Congresso por conta do material “Escola sem homofobia”, que ensinava como natural a homossexualidade e a transexualidade para “alunos a partir dos 11 anos e que cursavam o ensino fundamental, do 6º ao 9º ano. Embora o tema não esteja sendo tratado nesta campanha, muitos ainda associam Haddad ao apelido de “pai do kit gay”, como o material proposto por ele na época ficou conhecido<sup>30</sup>.

As mesmas fórmulas de representação para Haddad e Lula estão presentes em Manoela D’Avila (PC do B), vice candidata a presidência de Fernando Haddad, e Guilherme Boulos candidato pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Apenas duas matérias trataram de Manoela D’Avila (PC do B), uma no Gospel Prime e outra no Gospel Mais. A matéria “Conheça Manuela D’ávila, favorável ao aborto, legalização das drogas e soltura de presos” mantém o uso dos mesmos temas atribuídos a Lula e a Haddad. O uso semântico da prisão do líder do Partido dos Trabalhadores no intuito de desqualificar a ex-deputada é reforçado:

No mesmo âmbito da segurança pública, a candidata comunista é uma das incentivadoras da proposta adotada por Fernando Haddad em seu plano de governo, que prevê a liberação de presos condenados por crimes considerados “menores”. “Essa política do encarceramento em massa não dá resultados positivos para nossa gente”, afirmou em um manifesto lançado em abril deste ano. Na lógica de Manuela D’Ávila, esse posicionamento deve ser estendido ao ex-presidente Lula (PT), conforme declaração dada ao programa Roda Viva, da TV Cultura, em junho<sup>31</sup>.

Guilherme Boulos foi candidato a Presidência da República em 2018. Sua representação foi baixa nos textos analisados se comparado com a dos demais candidatos de esquerda. O único artigo tratando de Guilherme Boulos faz referência a série de artigos de opinião criticando os chamados evangélicos progressistas.

#### Evangélicos com Boulos

No Manifesto publicado esta semana, o movimento faz correlações que ecoam o conhecido discurso da chamada “Teologia da Missão integral”. É senso comum que vivemos em um país marcado pela desigualdade e os evangélicos têm como um de seus valores a busca da justiça. Contudo, a maneira como essa situação pode ser mudada apresenta um contraste drástico com o que o PSOL se propõe a fazer.

<sup>30</sup>ARAGÃO, Jarbas. *Haddad diz que evangélicos “cultivam mesmos valores” que o PT*. Gospel Prime. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/haddad-evangelicos-mesmos-valores-pt/>. Acesso em abril de 2020.

<sup>31</sup>CHAGAS, TIAGO. *Conheça Manuela D’ávila, favorável ao aborto, legalização das drogas e soltura de presos. 22 de outubro de 2018*. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/manuela-davila-favoravel-aborto-drogas-soltura-presos-103686.html>. Acesso em abril de 2020.

Guilherme Boulos, o candidato do partido à presidência, defende abertamente, por exemplo, a legalização do aborto, das drogas e o fortalecimento da agenda LGBT. (...)

Dentro do regime democrático todas as manifestações políticas têm espaço, contudo, chama a atenção o fato de termos lideranças evangélicas que se posicionam abertamente ao lado de grupos que, historicamente, são a antítese do que defendem os evangélicos<sup>32</sup>.

Figurando como um candidato do espectro de esquerda Ciro Gomes, ainda que tenha assumido uma posição centrista, foi também pouco citado. As críticas pontuais a candidatos do espectro de esquerda se mantêm na representação de Ciro Gomes com acréscimo de um foco maior em suas declarações polêmicas:

Hoje candidato pelo PDT à presidência, Ciro Gomes já manifestou sua contrariedade ao crescimento dos evangélicos. Em 2016, durante uma entrevista à revista Piauí, tentando explicar o que é neopentecostalismo afirmou que seus membros “pagam pelo pertencimento”. Ignorando qualquer aspecto espiritual, reduziu-o a um “fenômeno que conhece a debilidade psicológica” das pessoas – em especial os mais pobres – e cresce “no buraco deixado pelo Estado”. Já pré-candidato, fez declarações em março desse ano que tiveram grande repercussão. “Eu desconfio que serão as eleições mais fraudadas da história do país e vai ser muito facilitado por quem circula com grandes quantidades de dinheiro em espécie. Por exemplo, igrejas e narcotráfico, que estão praticamente se explicitando sobre a mesa”, avaliou. A comparação de Ciro das igrejas evangélicas com traficantes pegou muito mal. Nos últimos dias, ressurgiu nas redes sociais uma “resposta” a esse tipo de acusação, feita pelo pastor Armando Bispo, da Igreja Batista Central de Fortaleza. Quero registrar o meu outdoor para um indivíduo que abriu a boca em algum lugar... anos atrás nossa propriedade foi vizinha ao então Ciro Gomes... Nós tivemos a oportunidade para ministrar a vida daquela família de uma forma direta e uma forma indireta”, conta Bispo, que lidera uma das maiores igrejas do Ceará. “Esse mesmo homem abre a boca para comparar igreja evangélica com o tráfico. Só que eu preciso dizer para ele: Senhor Ciro Gomes e seus amigos, eu tenho mais medo de políticos sem alma e sem coração, de político corrupto que busca sua reeleição apenas para se manter no poder e não para beneficiar o povo do que tenho medo dos traficantes”, assegurou<sup>33</sup>.

As declarações controversas de Ciro Gomes, como a presente comparação de denominações evangélicas com o narcotráfico citada acima, vem sempre acompanhadas de respostas de líderes evangélicos. As críticas ad-hominem são mais presentes na representação de Ciro Gomes do que as dos demais candidatos considerados de esquerda. Chama a atenção uma matéria onde o pastor Silas Malafaia o critica com veemência:

---

<sup>32</sup>ARAGÃO, Jarbas. *Evangélicos que apoiam Boulos comparam socialismo ao “reino de Deus”*. Gospel Prime 22 de agosto de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/evangelicos-guilherme-boulos-socialismo-reino-de-deus/>. Acesso em abril 2020.

<sup>33</sup>ARAGÃO, Jarbas. *Traficantes respeitam mais a igreja que políticos como Ciro Gomes, diz pastor*. Gospel Prime. 24 de setembro 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/traficantes-respeitam-igreja-politicos-ciro-gomes/>. Acesso em abril 2020

Três dias após divulgar um vídeo pedindo para que os eleitores não votassem em Fernando Haddad (PT), o pastor Silas Malafaia agora está fazendo um apelo para que os brasileiros não confiem seu voto em Ciro Gomes (PDT). Iniciou lembrando que o candidato tentou visitar Lula na cadeia para receber o apoio dele. Em seguida, disparou: “Agora imaginem um cara que vai pedir apoio ao maior corrupto da história política do Brasil, que é Lula, merece crédito?”. (...)“Isso é um esquerdopata, um destrambelhado, está no DNA dele a ideologia da esquerda. Não se enganem. Diga não a Ciro Gomes, não caia nessa conversa fiada dele, que está mostrando uma coisa que ele não é”, finalizou<sup>34</sup>.

Os candidatos de direita foram expressamente sub-representados. Não há nenhuma matéria jornalística exclusiva sobre Ricardo Amoedo (NOVO) e Henrique Meirelles (PMDB). Há apenas menções esporádicas a sua agenda em artigos que tratam da movimentação dos candidatos durante as eleições. Também não foram constadas críticas ou opiniões sobre os candidatos proferidas por nenhuma liderança religiosa.

Sobre Geraldo Alckmin (PSDB) há uma exceção apesar de apenas dois artigos, um publicado no Gospel Prime outro no Gospel, falam sobre uma aparição malfadada em um evento evangélico.

Sob gritos de “Bolsonaro”, Alckmin é vaiado em feira cristã  
A 14ª edição da Expo Cristã contou com a presença de personalidades do cenário evangélico e político brasileiro. Realizada nos dias 27, 28, 29 e 30 de setembro no pavilhão de exposições do Anhembi, em São Paulo, ela também teve 40 atrações, palestras e workshops. Durante um coffee break para autoridades políticas e eclesiais de relevância dentro e fora do Brasil ocorreu um dos momentos mais marcantes do evento, considerando o contexto político atual do país, que se encontra na reta final das eleições 2018. Falando para o público na abertura da feira, o candidato a governador de São Paulo, João Dória (PSDB), resolveu apresentar o seu aliado político e candidato à Presidência da República, Geraldo Alckmin, como o “próximo presidente” do Brasil. A reação do público foi praticamente imediata, gritando o nome de “Bolsonaro” e vaiando Geraldo Alckmin, enquanto este subia no palco. O candidato tucano tentou amenizar a situação desfavorável, iniciando a fala pedindo orações pelo país. “A única coisa que peço é a oração de vocês para que Deus ilumine a todos os brasileiros e brasileiras. Feliz a nação cujo Deus é o senhor”, disse ele, depois alegando nos bastidores que havia um público “dividido”, enquanto outro era “mais ruidoso”. Representando o candidato Jair Bolsonaro (PSL), que ainda estava internado no Hospital Albert Einstein, o senador Magno Malta falou sobre a importância da igreja evangélica lutar contra pautas que contrariam os valores cristãos. “Esse país foi assolado por uma série de ataques à família. As autoridades do Brasil glamourizam bandidos em detrimento da segurança da população”, disse Malta segundo o Guiame, alertando que o país “esqueceu de Deus”. “Glamourizam a erotização de crianças e a ideologia de gênero. É uma tentativa de distorcer a ordem social, porque a ordem social correta é aquela estabelecida por Deus”, acrescentou o senador, concluindo sua fala com o slogan do PSL: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”<sup>35</sup>.

<sup>34</sup> ARAGÃ, JARBAS. Malafaia chama Ciro Gomes de desequilibrado: “Não merece voto”. Gospel Prime. 20 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/silas-malafaia-nao-voto-ciro-gomes/>. Acesso em Abril de 2020.

<sup>35</sup> CHAGAS, Tiago. Sob gritos de “Bolsonaro”, Alckmin é vaiado em feira cristã. Gospel Mais. 2 de outubro de 2018. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/alckmin-vaiado-bolsonaro-feira-crista-103018.html>. Acesso em 2020.

Essa é a única vez em que Geraldo Alckmin (PSDB) aparece em um título em matérias que cobriram as eleições presidenciais de 2018. Mesmo aparecendo na chamada, a maior parte da matéria se refere ao candidato Jair Bolsonaro (PSL), frizando desde o constrangimento causado pelo coro de vaias clamando por ele até seu lema de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de Todos” mencionado no final.

A própria palavra “direita” é pouco citada na narrativa de textos pesquisada. Em seu lugar, o termo conservadorismo é eleito como o mais adequado para representar a manutenção do status-quo do mundo social. Como efeito, os candidatos tidos como participantes da direita tradicional na política brasileira perdem espaço para os ditos “conservadores” nessa narrativa.

Esse efeito é observável pelo eclipsamento dos candidatos de direita por Jair Bolsonaro. A representação de Bolsonaro é um dos eixos principais da narrativa criada pelos jornais durante as eleições. O candidato PSL aparece no centro dessa estrutura, eleito como o adversário legítimo representante do campo religioso frente a esquerda, ao passo em que os candidatos de direita se somam a essa disputa como meros participantes do campo político.

### **A construção da parcialidade via defesa da doxa.**

A construção simbólica em torno dos candidatos e temas de esquerda evoca uma disputa onde os vilões tem uma função primordial de tornarem legítimas as investidas das figuras eleitas como “heróis”. Como num conto clássico, os vilões são os detratores da ordem, ameaçam a paz, e subvertem os valores da sociedade em que se passam o conto (BENTLEHEIM, 2002). A intensidade da vilania é diretamente proporcional ao brio e a virtude dos mocinhos, geralmente em consonância com a atmosfera criada pelo escritor, que corresponde ao tempo histórico e ao ethos social do mesmo (BENTLEHEIM, 2002).

Como se pode perceber ambos os jornais se despem totalmente da premissa de objetividade e de imparcialidade do campo jornalístico. Isso acontece ao darem voz apenas para os líderes religiosos mais conservadores do campo evangélico e por terem autores e colunistas dedicados a desferir críticas constantes a apenas uma parte do campo político e do campo religioso. Também ao elegerem um toda uma corrente religiosa (os “evangélicos progressistas”) como ilegítima por suas práticas ou crenças ao mesmo tempo em que se propõe em suas missões a dialogar com público evangélico de forma geral.

É fato que o próprio conceito de imparcialidade se encontra em crise. O entendimento da imparcialidade do jornalismo como “a pretensa capacidade de expor o mundo ‘tal qual ele é’ a seus leitores, ouvintes ou espectadores” (MIGUEL e BIROLI, 2010, p 59 ) encontra obstáculos para se firmar como valor principal no campo jornalístico. Isso se deve a própria forma de funcionamento desse campo que depende de um conjunto de relações “objetivas e invisíveis” com agentes políticos e sociais dos campos de produção cultural que constituem o próprio habitus do campo (BOURDIEU, 1997).

É fato que para entender que o jornalismo como um campo significa entender que “há dominantes e dominados e há relações constantes, permanentes de desigualdade” (BOURDIEU, 1997, p 31), portanto, a produção de um jornalista depende da posição a qual ele, ou sua empresa, ocupa no campo jornalístico. Por conseguinte a descrição de mundo do jornalista ,ou de um jornal, é submetida a essa “visão de mundo” (ou “cosmovisão” como os próprios autores dos jornais defendem em suas missões) contruída mediante aos laços com atores sociais em diversos campos.

Essa contradição entre o conceito de imparcialidade e o funcionamento do campo não impede, contudo, que esta ideia não esteja em voga na agenda do jornalismo. Esse conceito ainda é pertinente como forma de legitimação do trabalho jornalístico.

A legitimidade do campo jornalístico é fundada no reconhecimento disseminado da competência específica de seus profissionais, que se manifesta no discurso imparcial e universal. (MIGUEL e BIROLI, 2010, p. 68)

Contudo, por ser baseada no reconhecimento, a imparcialidade não é aplicada arbitrariamente tampouco descartada. Em jornalismo a imparcialidade funciona muito mais como uma estratégia de *illusio*, “reconhecimento fundamental do jogo, e do que culturalmente está no jogo,” (BOURDIEU, 2007, p. 234) do campo jornalístico. A *illusio* é “tanto a condição quanto produto de funcionamento do campo” (BOURDIEU, 2008 p. 70), implica no conhecimento das regras e estratégias, bem como na reprodução destas, na disputa simbólica que permeia o campo.

Entender a imparcialidade como *illusio*, (ou seja como forma de operar a disputa) implica que para ser reconhecido no campo jornalístico, um jornal ou um jornalista, tem que se aproximar, ou mesmo, passar a idéia de imparcialidade.

A contradição observada é que os jornais pesquisados se furtam dessa estratégia e escancaram sua parcialidade. Considerando a forma de tratamento direcionada em seus editoriais aos “cristão progressistas”, a parcialidade se estende aos campos religioso e

político. Esse fato ilustra que há uma visão transversal sobre a forma de operação nos campos político e religioso.

O *modus operandi* do *Gospel Mais* e do *Gospel Prime* respeita a preservação da ordem e dos valores preexistentes no mundo social. Sua forma de perpassar o campo religioso e o político se apoia nessa premissa. A ortodoxia, ou seja a defesa da doxa, é a principal força motriz dos portais jornalísticos, que elegem como ilegítimo qualquer tema ou ator social que venha propor uma quebra dessa doxa.

Ai se baseia seu eixo principal de distinção.

Os temas eleitos como ameaça a ordem social são temas com um apelo para a quebra da *doxa*. O comunismo, ou socialismo, representariam uma quebra da ortodoxia na ordem econômica e política. A “ideologia de gênero”, o “aborto”, “casamento gay” uma quebra na hierarquia de gênero e sexualidade que é encarado de forma dogmática no campo religioso. Esses conceitos confluem de maneira indistinguível para a alcunha de “progressismo” a forma de pensamento da esquerda político-partidária, a qual procura impor de forma violenta e autoritária.

A partir desse entendimento se constata que o discurso eleito é o discurso dos dominantes, ainda que não se possa eleger os portais de comunicação como preponderantes no campo midiático ou seus idealizadores no campo político. Do ponto de vista do campo religioso figura como Jarbas Aragão, Tiago Chagas, David Gregório, e Petinelli, são especialistas, são investidos de posições dentro de denominações evangélicas, diplomados em teologia, representam a elite conservadora ascendendo em cargos na burocracia estatal no atual governo. As motivações que os levam a adotar esse discurso se justificam por suas posições hierárquicas dentro das denominações que ocupam até relações com os agentes políticos ao qual eventualmente fazem parte.

O discurso dos dominantes sempre visa preservar o *status-quo*, “o discurso ortodoxo, sempre extorquido pelos questionamentos dos novos pretendentes e imposto pelas necessidades de retificação” (BOURDIEU, 2004, p. 10). Assim se apresentam as abordagens sobre os temas referidos, tidos como centrais durante as eleições, como defesa de pensamentos e valores preexistentes.

É claro que essas abordagens são historicamente trabalhadas, e de fato, possuem uma relação histórico-social com o campo religioso que é exterior ao meio evangélico. A própria criação do termo “ideologia de gênero” tem origem nos debates protagonizados pelos movimentos feminista e representantes do Vaticano durante a Conferência Internacional da

Mulher, em Pequim, em 1995 (MACHADO, 2017). De acordo com os estudos de Machado (2017) a insistência da defesa das posições biológicas do sexo pelos representantes do Vaticano os fez questionar as integrantes do movimento feminista sobre a palavra “genero”, anos depois da Conferência a inteligência católica cunhou um contradiscurso se apropriando do termo.

Esse contradiscurso consistia em

uma inversão argumentativa dos embates que aconteceram na Europa do século XIX, quando alguns filósofos e sociólogos imbuídos do espírito iluminista interpretaram os valores e ideias religiosas como expressões ideológicas que deturpavam a realidade social. (MACHADO, 2017, p. 5)

Essa concepção foi desenvolvida entre os anos 1990 a 1998 no cenário europeu e norteamericano, chegando a America Latina posteriormente pela influência de ativistas católicos (MACHADO, 2017). No Brasil, a “ideologia de gênero” teve impacto através do livro do advogado católico argentino Jorge Scala que publicou o livro “Ideologia de gênero: neototalitarismo e morte da família” em 2011.

Nesta linha de interpretação, com a inserção da terminologia de gênero na plataforma da ONU e nas políticas públicas desenvolvidas pelos países signatários dos acordos firmados com a chancela daquela organização, gênero se tornou “uma ferramenta de poder global que, se imposta, levará a um regime totalitário – ainda quando haja eleições e partidos políticos como na Alemanha nazista”. É importante registrar que o dinheiro arrecadado na venda dos exemplares do livro no Brasil seria revertido para o Movimento Pró-Vida do país. Ou seja, para financiar a mobilização de ativistas religiosos locais contra a demanda feminista de descriminalização do aborto. (MACHADO 2017, p. 7)

No Brasil, o termo “ideologia de gênero” ganhou dimensão a partir do campo político. A já mencionada disputa em torno do material “Escola sem Homofobia” capitaneada pelo então deputado Jair Bolsonaro e a Bancada Evangélica da Câmara dos Deputados, deu os devidos holofotes ao termo (VITAL E LOPES 2013). Segundo a pesquisa de Aragusuku (2018) a disputa em torno da “ideologia” de gênero na Câmara dos Deputados gira em torno de políticas educacionais.

Como se pode constatar nos artigos pesquisados, os jornais mencionam a “ideologia de gênero” como uma ameaça a formação da criança. Esse conceito foi apresentado pelo então deputado Erivelton Santana (PSC/BA), em 2011, referindo-se uma “doutrinação ideológica” promovida pelo Ministério da Educação na época.

(...) o objetivo não é transmitir conhecimento aos alunos, mas sim inculcar determinados valores e sentimentos na consciência do estudante, a fim de que ele adote determinado comportamento. É um tipo de lavagem cerebral, porque utiliza,

muitas vezes, técnicas de manipulação mental bastante conhecidas. Recomenda-se, a propósito, a leitura do livro *Maquiavel Pedagogo*, de Pascal Bernardin<sup>36</sup>.

Dentro desse embate, o movimento “Escola sem Partido” se cristalizou em torno de um projeto a ser aplicado nas instituições de ensino fundamental que prevê que a palavra gênero seja proibida, bem como, qualquer menção a sexualidade, feminismo e direitos dos LGBTQ, pelo exercício dos professores em sala de aula (VITAL e LOPES, 2013) (ARAGUSUKI, 2018). O movimento encabeça vários parlamentares da bancada evangélica, e tem crescido no debate público nacional, sendo defendido por figuras da política nacional e da religião. A organização mantém uma página na internet denominada *Escola sem Partido*<sup>37</sup>, e, dedicada a denúncias sobre supostos abusos de professores em impor a “ideologia de gênero” em sala de aula.

No campo político, a ideologia de gênero ganhou tanta notoriedade quanto o aborto, outra bandeira identificada na análise dos portais. Os dois temas andaram juntos nos debates públicos, no Poder Legislativo e na grande mídia (VITAL e LOPES, 2013) (MACHADO, 2017) (ARAGUSUKI, 2011). O aborto é uma pauta feminista que se posiciona no debate sobre os direitos da mulher sobre o próprio corpo, e como todo o aparato.

A ideologia de gênero, o combate ao aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo, fazem parte de uma retórica criada por grupos conservadores em torno da idéia de “ameaça a criança” (BALIERO, 2018). Essa retórica evoca um pânico moral que é utilizado como estratégia para inviabilidade da luta dos movimentos sociais pela igualdade política, jurídica e social.

Adversários da inclusão do respeito à diversidade sexual e de gênero na agenda dos direitos humanos ocultaram seu posicionamento restritivo às diferenças disseminando pânicos morais. A partir da construção da ameaça às crianças, conseguiram barrar iniciativas de combate à homofobia nas escolas, impedir o uso do termo gênero nos planos educacionais e até impedir ou cercear mostras artísticas com o tema das sexualidades diversas. O disparar do pânico moral serviu ao impedimento da apreensão racional dos eventos, distorcendo-os, contribuindo para a disseminação de preconceitos, reiterando perseguições agressivas a alvos momentâneos e até forçando limites ao livre pensamento. (BALIERO, 2018. p. 10)

O fato de que a maior parte da adesão político-partidária dessa retórica em torno de questões de sexualidade e gênero como pânicos morais se dá por parte de atores religiosos, e sobretudo evangélicos, denuncia uma forma bem sucedida de transito entre o campo e

---

<sup>36</sup> 24 Trecho do pronunciamento realizado pelo dep. Erivelton Santana (PSC/BA) no Plenário da Câmara em 16/12/2013, às 16h27 disponível em ARAGUSUKI (2018)

<sup>37</sup> ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em <https://www.escolasempartido.org/>. Acesso abril de 2020.

político. Os pânico morais são um ferramenta de controle social que são geralmente direcionados a uma grupo social minoritário .

Uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas passa a ser definido como um perigo para valores e interesses societários; sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa; as barricadas morais são preenchidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de Direita; especialistas socialmente aceitos pronunciam seus diagnósticos e soluções; recorre-se a formas de enfrentamento ou desenvolvem-nas. Então a condição desaparece, submerge ou deteriora e se torna mais visível. Algumas vezes, o objeto do pânico é absolutamente novo e outras vezes é algo que existia há muito tempo, mas repentinamente ganha notoriedade. Algumas vezes o pânico passa e é esquecido, exceto no folclore e na memória coletiva. Outras vezes ele tem repercussões mais sérias e duradouras e pode produzir mudanças tais como aquelas em política legal e social ou até mesmo na forma como a sociedade se compreende.(MISKOLCI apud COHEN, 2007 p. 111)

O uso dos pânico morais tem sido utilizado contra a luta pelos direitos LGBT, tradicionalmente por políticos e atores do campo político, midiático e religioso em várias partes do mundo onde sempre tem adesão considerável. O sucesso dos pânico morais é baseado no fato de que a tolerância direcionada a um grupo social encontra limitações por parte da população majoritária. De fato o machismo, a homofobia estão arraigados nas estruturas sociais de poder, hierarquizando os corpos e naturalizando a violência contra as mulheres e a população LGBTQ (MISKOLCI, 2007).

Em um país como Brasil, com profundos setores tradicionalistas, a dominação masculina, ou seja, a eleição da masculinidade heterossexual como forma superior de expressão de gênero em todas as estruturas sociais (BOURDIEU, 2008), e a eleição da defesa da infância mediante uma nova visão de sexualidade tem um terreno fértil. A ortodoxia é familiar a todo o campo religioso, não só o evangélico. Ela transita entre os campos, e parece ter se tornado um meio pelo qual essa retórica pode se propagar de maneira mais eficiente.

A adoção dessa forma de expressão pelos jornais os posiciona muito mais como meios de propagação de uma ideologia do campo político do que do campo religioso evangélico. Com um engendramento exterior ao campo evangélico, esse pânico moral em torno de uma suposta agenda de imposição da “ideologia de gênero” funciona pelas peculiaridades da própria sociedade brasileira.

Aborto e homossexualidade entre pessoas próximas são mais transigidos na vida cotidiana do que defendidos no espaço público (compreendido como visibilidade legítima e ordenamento jurídico). Isso não é propriamente uma característica tão somente dos evangélicos, mas diz respeito ao conservadorismo da própria sociedade brasileira, que lida de forma mais flexível nas relações interpessoais e com maior rigidez de valores morais no espaço público. (ALMEIDA, 2017, p. 13)

Ademais, como cita Almeida (2017), a homofobia, o machismo, a misoginia, o preconceito em torno do gênero extrapola o próprio campo religioso. São conceitos fabricados por relações históricas de dominação patriarcal que de fato encontram respaldo entre parte do meio evangélico. Contudo, por não serem valores exclusivos do meio, tampouco são unanimidade, sendo mais marcantes dentro da militância política de deputados e senadores, que constituem não apenas o campo religioso evangélico, mas no intercruzamento desse com o campo político (ALMEIDA, 2017)(VITAL e LOPES, 2013)(ARAGUSUKI, 2018) (BALIERO, 2018).

Portanto, os pânico morais relativos a ideologia de gênero e as reivindicações dos movimentos sociais (feminista e LGBT), não podem constituir uma cosmovisão exclusiva do campo religioso evangélico.

O mesmo pode-se falar da adoção dos termos “comunismo” e “socialismo”. Esses termos, se tomamos a definição de Miskolci (2007), também configuram como um “pânico moral” inflingido nas narrativas de textos. Se pensarmos que esses pânico morais são utilizados para desferir a estigmatização em cima de grupos e movimentos sociais, a adoção desses termos se torna adequada.

Comunismo e socialismo, como entendidos no enunciado dos textos jornalísticos pesquisados não se configura como o conceito figurado por Karl Marx, ou seja da abolição das classes sociais e construção de uma sociedade igualitária determinada pelas necessidades reais e objetivas dos homens mediante a superação das contradições da sociedade capitalista. De acordo com Sá Motta (2000), o anticomunismo é uma estética de combate ao comunismo, mais relacionada com o bolchevismo soviético<sup>38</sup>, e toda a estética no entorno dele, do que ao conceito de Karl Marx.

Os agravantes históricos do anticomunismo no Brasil, se derão em dois surtos. O primeiro, no período de 1935 a 1937, foi como reação ao conflito da Aliança Nacional Libertadora, entidade comunista liderada por Luis Carlos Prestes, contra a repressão do governo de Getúlio Vargas, chamado de Intetona Comunista. O segundo se deu durante o Golpe Militar de 1964, onde o anticomunismo fez parte da ideologia e da política estatal do Regime Militar, fortemente influenciado pela Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética (SÁ MOTTA, 2000).

---

<sup>38</sup> Forma de organização social, política e econômica desenvolvida após a emergência da revolução Russa de 1917, com a criação da União Soviética até o fim desta em 1991. O Bolchevismo teve influência do marxismo, com contribuições ideológica dos seus líderes fundadores, Vladimir Lenin e Josef Stalin. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/stalin/biografia/ludwig/cap08.htm>.

A imprensa foi o principal veículo de propaganda do anticomunismo em ambos os surtos, influenciada por estratégias políticas norte-americanas, que possuem laços ideológicos com os donos de grandes empresas, sobretudo de comunicação (SÁ MOTTA, 2000). A estética do anticomunismo visa o descrédito e a criação de um estigma em volta de alvos do espectro de esquerda, muitas vezes não ligados ao comunismo. Essa definição se adequa na forma como o comunismo, e o socialismo é abordado na análise do Gospel Prime, e do Gospel Mais.

Baseado nessas constatações é possível afirmar que o uso de pânico morais configura em um discurso político, dedicado ao descrédito da esquerda política, e qualquer tema ou luta que propõe a quebra da doxa de ambos os campos político e religioso. A atribuição aos candidatos de esquerda implica que esse tipo de abordagem se constitui em um discurso essencialmente político, que apesar de ter respaldo no campo religioso, tem fins e atribuições políticas.

A abordagem dos candidatos de esquerda, sempre em torno de temas tratados dentro de pânico morais, escancara as intencionalidades de natureza política dos autores dos textos. Outrossim, a prevalência de uma única visão política em todos os comentaristas, colunistas e líderes religiosos, que como Malafaia, atuam como atores que direcionam a visão política ideal para o público evangélico, endoçam essa visão unilateral de política.

Entretanto, essa visão, a qual os jornais proclamam como conservadora, não compreende necessariamente o espectro de direita do campo político. De fato a direita tradicional brasileira, que carrega uma tradição política antiga tendo o PSDB como maior expoente, foi eclipsada dentro da narrativa criada para as eleições. Só havia dois espaços de poder concebíveis: o progressismo (com a devida alusão ao comunismo, o autoritarismo e ao caos), representado pela esquerda, e o conservadorismo, (que traria a ordem e a liberdade religiosa) centrado na figura de Jair Bolsonaro, presidente eleito, e então candidato do PSL.

Ao passo em que a figura de Jair Bolsonaro é tratada como central nos textos, como representante do conservadorismo, os demais candidatos de direita são deixados à parte na narrativa. Eles se tornam coadjuvantes sem relevância em um entendimento do campo político que só entende uma batalha entre conservadores contra progressistas, ortodoxia versus heterodoxia. Como efeito os dados sobre esse grupo político se tornam incipientes para uma análise mais profunda acerca da sua representação dentro da narrativa estudada.

No entanto, há uma ausência da palavra “democracia” e de assuntos específicos do campo político que não perpassam a agenda do contradiscurso conservador. É perceptível que

as menções à partidos e as trajetórias políticas são dadas sempre com relação aos candidatos de esquerda. Não há descrição do Partido Social Liberal, contudo há várias menções e críticas ao Partido dos Trabalhadores, o partido mais citado nos textos.

As posições, críticas e recomendações políticas defendidas pelos jornais são colocadas como conceitos eminentemente religiosos. A “cosmovisão” que alimenta o *Gospel Prime*, por exemplo, é tida como bíblica, voltada para o campo religioso evangélico. Há o uso de uma linguagem religiosa, com o endosso dos líderes evangélicos eleitos como a voz única desse espaço, ao mesmo tempo em que há uma negação da política-partidária e supressão de temas exclusivamente políticos.

As reivindicações dos jornais no enunciado dos textos não são enfatizadas como políticas, e sim como forma de proteção da doxa religiosa e da ordem social. O que configura uma contradição, pois essas reivindicações tem implicações políticas, e a disputa se dá no campo político entre atores políticos, muitos sem relação com o campo religioso, sendo que os próprios efeitos dessa disputas são sentidos além do campo religioso.

Portanto é possível afirmar que a utilização de símbolos, atores e linguagens religiosas é utilizada em uma denegação prática da política.

Denegação, como utilizado aqui, não se trata simplesmente de uma negação da política, mas de uma forma de mascarar interesses políticos. Esse conceito é utilizado por Bourdieu para explicar a forma de funcionamento econômico do campo da arte, onde os interesses econômicos são dissimulados como forma de legitimar os valores “puramente artísticos”. Seguindo essa lógica o capital econômico envolvido, ou seja, os ganhos que uma obra de arte poderia proporcionar, deveria sofrer uma conversão em capital simbólico pois

quando o único capital útil, eficiente, é o capital irreconhecido, reconhecido, legítimo, a que se dá o nome de "prestígio" ou "autoridade", neste caso, o capital econômico pressuposto, quase sempre, pelos empreendimentos culturais só pode garantir os ganhos específicos produzidos pelo campo - e, ao mesmo tempo, os ganhos "econômicos" que eles sempre implicam- se vier a converter-se em capital simbólico. (BOURDIEU, 2007. p 20)

Seguindo essa proposta, as relações objetivas e econômicas entre os artistas, suas obras de artes, os *marchands* e os compradores de arte são ocultados em nome da consagração do artista e da sua obra de arte. Os interesses mercantis são dissimulados produzindo uma aurea sacra em torno do artista, ou do objeto, como alguém ou coisa puramente devotado ao campo artístico.

A presente análise entende que o interesse político dos jornais *Gospel Prime* e *Gospel Mais*, assim como o dos colunistas e líderes religiosos eleitos como representativos

ideológicos, é ocultado pelo uso de símbolos e expressões religiosas. Percebe-se nos textos elaborados que há apenas menções as relações políticas voltadas para o espectro de esquerda do campo político. Não se fala sobre o então candidato Fernando Haddad sem falar de Lula, ou do Partido dos Trabalhadores, nem sequer Ciro Gomes (PDT), ou Boulos (PSOL), fogem a essa associação.

Como efeito há uma denegação da política, pois se por um lado as relações políticas da esquerda são bem realçadas, as críticas de teor político são entendidas como forma de proteção do campo religioso evangélico. Não são reveladas as relações políticas de personalidades como Silas Malafaia, que desferiu as maiores críticas aos personagens de esquerda e que apoiou o candidato Jair Bolsonaro, candidato da direita pelo do Partido Social Liberal.

Os motivos que tornam os candidatos de esquerda ilegítimos perante o eleitorado evangélico, segundo os jornais pesquisados são encarados como puramente religiosos, ainda que tenham conotações importantes no campo político. As relação dos próprios autores que trabalham em ambos os jornais, bem como dos colunistas, nos campos políticos e evangélicos permanecem nos bastidores, como geralmente atuam as empresas de comunicação.

Jarbas Aragão, redator do *Gospel Prime*, no momento das eleições, era conhecido pelo deputado Marcos Feliciano (PSC/SP), tendo sido convidado por esse para palestras na Câmara dos Deputados e hoje ocupa a cadeira de secretário geral do Ministério dos Direitos Humanos e da Mulher. Viviani Pettinelli, única mulher colunista tanto do *Gospel Prime* quanto do *Gospel Mais*, na época era militante do Partido Social Liberal hoje ocupa o cargo de Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente do Governo Jair Bolsonaro.

É possível então compreender que os autores da atividade jornalística possuem relações políticas bem delimitadas com personalidades e instituições do campo político. O enunciado dos textos demonstra que essas personalidades e instituições têm seus interesses defendidos por ambos os jornais, ou seja, há uma influência direta dessas relações políticas. Há um discurso mais político, do que propriamente religioso sendo defendido.

A denegação da política, considerando o contexto eleitoral brasileiro, pode ser entendida como uma estratégia política. Durante a época das eleições o Brasil ainda enfrentava resquícios de uma crise institucional envolvendo o impeachment da presidente Dilma Rousseff:

No dia 12 de maio de 2016, a então Presidente Dilma Rousseff, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), foi afastada da chefia do Estado brasileiro pelo Senado Federal para ser julgada, por esta mesma casa legislativa, por um crime de responsabilidade, a fraude fiscal. No dia 31 de agosto, Dilma viria a ser

definitivamente destituída da Presidência, passando Michel Temer a ser o chefe de governo efetivo do país. (NETO, 2016)

Em torno desse episódio houve uma crise institucional que vai desde um período de ingovernabilidade no segundo mandato do governo Dilma Rousseff (2014-2016), e que perpassou o período de governo do ex-presidente Michel Temer, sucessor de Dilma. Ao redor dessa crise, houve a criação de uma atmosfera de criminalização da política nacional, perpetrado pelos grandes oligopólios de mídia e pela usurpação do sistema judiciário por interesses da classe dominante no país (SANTOS, 2016) (CARDOSO e MORAIS, 2018) .

Nesse cenário, houve o crescimento de grupos de discurso conservador, que alimentados pelas constantes e direcionadas denúncias de corrupção na política pela mídia, propunha uma ruptura do debate político nacional. Esses grupos se intitulam “a nova direita” (TELLES, 2018)(SANTOS, 2016)(CARDOSO e MORAIS 2018).

O fato de haver um pensamento conservador não é gerador de crise. Contudo, é importante refletir sobre alguns fatores que antecederam a crise e outros fatores que são efeitos da crise política, entre os quais se destacam a emergência de uma Nova Direita, o papel das campanhas personalistas que foram sendo levadas a cabo no Brasil, baseadas mais em valências e menos em ideologia; o papel da piora dos indicadores econômicos, a reduzida institucionalização do sistema partidário, o crescimento do antipetismo, além da influência da mídia. Como estes fatores se organizam num mosaico bastante complexo para produzir a ausência de política e, portanto, a crise política. (TELLES, 2018 p. 21)

Ao mesmo tempo, a já conturbada relação dos grupos evangélicos com o governo Dilma, devido aos episódios do “kit gay” e do “PNHD-3”(VITAL e LOPES, 2013), passou a se agravar e foi para uma ruptura geral contribuindo com o *impeachment* (MARIANO, GERARDI, 2019). Coincidentemente, esses grupos conservadores passaram a se alinhar com o espectro mais conservador do campo religioso evangélico resultando em um “ativismo conservador evangélico”, com uma agenda também alinhada com outros grupos de mesma ideologia.

O ativismo político evangélico conservador tende a avançar na América Latina. Sua atuação nas eleições presidenciais revela o intento de restaurar uma ordem moral e social tradicional tida sob ataque de forças malignas. Suas lutas antigênero e anti-pluralista reproduzem repertórios morais e batalhas políticas da direita cristã e também do Vaticano, como a noção de “ideologia de gênero”, arma ideológica que se tornou onipresente nos pleitos e disputas parlamentares na região. (MARIANO, 2018)

É possível perceber então que não apenas o discurso proferido no enunciado dos textos é alinhado aos laços políticos de seus idealizadores, como também a um contexto social de

crise do campo político. A denegação da política é um discurso que evoca uma renovação, uma luz no fim do túnel, que parece ser a resposta para essa questão, e que os jornais capitalizaram em seu discurso.

Afinal, se o campo político se encontra em uma crise sistêmica que afeta o campo religioso, o melhor a ser seria um candidato não alinhado com o sistema e que defenda os interesses religiosos. Essa lógica, é claro ignora a complexidade tanto do sistema político, quanto da diversidade do campo religioso (MARIANO, 2013) (LOWY, 2010). Contudo, fora extremamente evocada no discurso apresentado, na figura do presidente eleito Jair Bolsonaro.

O presidente Jair Bolsonaro não é só uma figura importante na narrativa dos textos, é uma figura central, o protagonista. Ele incorpora esse *outsider*, preservador da doxa religiosa e política. Apesar de seus mais de 30 anos de carreira de política como deputado federal e de sua recém conversão a uma denominação evangélica, ele é eleito representante do campo religioso, sobretudo evangélico, única alternativa possível para representante dos interesses cristãos dentro do campo político.

Sua importância foi tão central para entendimento dessa análise que ele, assim como Marina Silva (apesar que por um motivo oposto) se torna um eixo importante de análise.

### **O protagonismo de Jair Messias Bolsonaro.**

Jair Messias Bolsonaro é um político brasileiro nascido em 1955 em Campinas (São Paulo). Em 1977, concluiu o curso de formação em paraquedismo na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Resende (RJ). Em 1986, se envolveu em uma controvérsia com a publicação de um artigo na revista *Veja* sobre o salário dos militares, sendo preso logo após por infringir o código de disciplina militar. No ano seguinte, ainda motivado pela questão salarial, foi noticiado pela revista *Veja* que Bolsonaro orquestrou um plano para explosão de bombas na Vila Militar da AMAN, dando origem a um processo que resultaria na sua expulsão em 1988<sup>39</sup>.

No mesmo ano, por ter ganhado notoriedade no meio militar pelo envolvimento em polêmicas se elegeu vereador na Câmara Municipal do Rio de Janeiro em novembro de 1988, na legenda do Partido Democrata Cristão (PDC). Sua vida política fora cercada de polêmicas, discursos voltados ao meio militar e de segurança pública e contra os Direitos Humanos e as pautas feministas, sem emplacar grandes projetos, sua atuação política se desenvolveu em

---

<sup>39</sup>GLOSSÁRIO DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. FGV. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonaro>. Acesso em abril 2019.

torno de bravatas e ofensas a outras figuras políticas<sup>40</sup>. Voltou a ganhar notoriedade nacional em 2011, por se envolver no episódio em que intitulou o material do Programa Brasil Sem Homofobia “kit gay” (VITAL E LOPES, 2013).

Candidatou-se a presidente pelo Partido Social Liberal em agosto de 2018, vencendo em novembro do mesmo ano. Tomou posse como presidente da República Federativa do Brasil em janeiro de 2019.<sup>41</sup>

Em ambos os jornais, Jair Bolsonaro, presidente eleito pelo Partido Social Liberal (PSL), aparece como o mais citado e com maior número de frequência, superando até mesmo as menções a Deus, sempre próximo a Bolsonaro nos artigos apurados durante a campanha. Elementos de parcialidade foram encontrados repolsam em quase todos os textos analisados sobre o presidente. O programa MAXQDA permitiu que se apurasse uma frequência de citação de até 90% do nome do candidato, sendo retratado de forma positiva, e como o candidato com o maior espaço de fala nos textos estudados, com suas falas e declarações sendo redigidas sem críticas ou qualquer conotações negativas.

Entretanto, as primeiras menções ao candidato durante a campanha em artigos se deram em tom mais comedido. Um bom exemplo é um artigo publicado em julho de 2018, portanto ainda em pré-campanha, intitulado: Bolsonaro fala sobre campanha: “não vamos fazer pacto com o diabo” do 14 de julho de 2018:

O presidenciável do PSL, Jair Bolsonaro, tem como lema de campanha “Deus acima de todos”. E a religiosidade faz parte de muitos de seus discursos. Nesta quinta-feira (12), em visita ao estado do Pará, ele foi questionado sobre as alianças de seu partido com os “políticos tradicionais”, a quem ele rejeita.

“Só não vamos fazer pacto com o diabo”, afirmou ele à imprensa, fazendo referência a um discurso em que a presidente cassada Dilma Rousseff afirmou que podia “fazer o diabo quando é hora da eleição”.

O político carioca afirmou que não tem “nada a ver” com as alianças no Pará e destacou que já barrou um acordo do PSL com o PCdoB no interior de Minas Gerais.

A campanha deste ano pode ter uma aproximação entre o PSL e o MDB no Pará, o que se traduziriam em uma aliança indireta com o clã do senador Jader Barbalho para formar palanques.

Bolsonaro diz que não consegue impedir todos os acordos nas sucessões estaduais. “Se o nosso foco é a cadeira presidencial, paciência”, minimizou.

Diante da multidão que o recebeu em Marabá, estimada em mil pessoas pela Polícia Militar, ele afirmou que rejeita alianças com nomes tradicionais da política. “O que eles têm, não queremos. O que temos, eles não terão: o povo ao lado do futuro”, discursou, em cima de um carro de som<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> ARAGÃO, JARBAS. Bolsonaro fala sobre campanha: “não vamos fazer pacto com o diabo”. GOSPEL PRIME. Julho de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/jair-bolsonaro-nao-pacto-diabo/>. Acesso em 20 de abril de 2020.

A citação ao lema da campanha “Deus acima de todos” (que é na verdade “Brasil acima de tudo, Deus Acima de todos”) vem logo antes da fala “só não vamos fazer pacto com o diabo” fazem menção a religiosidade do candidato explorada em todos os textos que tratam dele candidato. A segunda alocução diz respeito a uma menção da ex-presidente Dilma Rousseuf (PT) sobre as ações políticas durante a campanha eleitoral em que declara: “Podemos fazer o diabo quando é hora de eleição, mas quando se está no exercício do mandato, temos de nos respeitar, pois fomos eleitos pelo voto direto”<sup>43</sup>. A fala de Dilma fora obviamente distorcida, e uma mera menção a palavra “Diabo” em forma de expressão popular virou uma maneira do candidato se vender como um *outsider*, de fora do campo político, que não faz conchavos políticos, e ao mesmo tempo um defensor da religiosidade brasileira, o que não é debatido no artigo.

A última fala é representativa de outro ponto interessante: “o que eles têm, não queremos. O que temos, eles não terão: o povo ao lado do futuro”. Essa fala contém um tom belicoso, dedicado aos adversários políticos, sobre quais são os lados a velha política detêm e qual o outro ele possui, não se trata do tradicional “estamos do lado do povo” do populismo tradicional, e sim um “possuímos o povo ao nosso lado”, o que soa autoritário, masculino. Uma das características que foram acentuadas é justamente a potencialidade da “dominação masculina” de Bolsonaro, que foi explorada de forma rica pelos artigos jornalísticos de ambos os jornais.

A análise identificou formas as quais Bolsonaro fora representado: o defensor da religião, o outsider político e líder másculo. Esses três eixos vieram acompanhados de uma atmosfera de parcialidade em torno do então candidato, como se os jornais tivessem elencado-o como o candidato ideal, o mais representativo para ambos os campos político e religioso evangélico.

### **Bolsonaro: o escolhido por Deus, outsider e líder viril.**

Dois meses após Bolsonaro sair vitorioso das eleições, no dia 4 de janeiro, o Gospel Mais publicou uma matéria intitulada “Bolsonaro é um escolhido de Deus, diz ministro em discurso ao lembrar do atentado”. Trata-se de uma declaração do engenheiro militar Tarcísio Gomes de Freitas, que subiu ao cargo de comando no Ministério da Infraestrutura.

---

<sup>43</sup> UOL. *Podemos fazer o diabo quando é hora de eleição”, diz Dilma com aliado de Eduardo Campos na PB... – Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/03/04/podemos-fazer-o-diabo-quando-e-hora-de-eleicao-diz-dilma-com-aliado-de-eduardo-campos-na-pb.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em 10 de março de 2019.*

A eleição de Jair Bolsonaro (PSL) é resultado de uma intervenção divina, segundo o novo ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas.

Em seu discurso de posse no último dia 02 de janeiro, Freitas declarou que a eleição, democrática, é fruto de uma determinação de Deus. Centenas de pessoas acompanharam a fala do novo ministro, na cerimônia realizada na sede do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit).

Tarcísio Freitas lembrou a facada que atingiu Bolsonaro durante sua campanha e disse que o capitão do Exército foi “escolhido de Deus”, de acordo com informações do portal O Povo.

“Tenho certeza de que o presidente Bolsonaro é um escolhido, não só um escolhido pela população brasileira, que lhe outorgou essa condição, que manifestou seu desejo de mudança, mas é um escolhido de Deus. Do contrário, não teria escapado do atentado”, declarou Freitas.

A idéia de que há uma “intervenção divina” na performance política de Jair Bolsonaro é explorada por praticamente todos os textos sobre o capitão reformado. A palavra “Deus” é sempre citada, e como se pode ver no texto acima é citada mais de uma vez, sendo aqui três vezes. A menção ao atentado com faca sofrido pelo capitão na cidade de Jundiá três semanas antes do primeiro turno da eleição dá o devido tom espiritual da fala de Tarcísio: trás a ideia bíblica do Messias e do Martir.

A religião não é um assunto muito presente no passado do capitão reformado. Sua trajetória política foi quase que inteiramente voltada para questões envolvendo as Forças Armadas do Brasil, sendo incerta a sua religião no período em que foi vereador do Rio de Janeiro. O momento ao qual o candidato se converteu a Igreja Assembleia de Deus também é incerto até a sua filiação no Partido Social Cristão (PSC) em 2016 “quando postou nas redes sociais um vídeo em que é batizado nas águas do Rio Jordão, em Israel, pelo ex-aliado Pastor Everaldo, candidato ao Senado pelo Rio de Janeiro e presidente nacional do PSC”<sup>44</sup>.

A despeito da conversão recente em relação a outros candidatos evangélico, a imagem de bom cristão conservador é constantemente reforçada. Ao contrário dos outros candidatos evangélicos, Bolsonaro possui um destaque especial dentro da narrativa de textos. Marina Silva (REDE) e Cabo Daciolo (Patriota) tiveram bem menos destaque, tendo menos da metade de textos dedicados a eles como é possível observar nos gráficos anteriores sobre a frequência de citações.

Aliado a isso há líderes religiosos como Magno Malta e Silas Malafaia, que são retratados nos textos recitando Jair Bolsonaro como um líder cristão ideal. Um artigo no dia 27 de setembro do Gospel Mais, Thiago Chagas transcreve as declarações de um vídeo de Silas Malafaia enumerando os motivos para se votar em Jair Bolsonaro.

---

<sup>44</sup> REVISTA ÉPOCA. Como bolsonaro, marina e daciolo se tornaram evangélicos — que somam um quarto do eleitorado brasileiro. Disponível em <https://epoca.globo.com/como-bolsonaro-marina-daciolo-se-tornaram-evangelicos-que-somam-um-quarto-do-eleitorado-brasileiro-23072463>. Acesso em abril de 2019.

“Ele é a favor dos valores de família; ele é contra essa bandidagem de querer erotizar criança em escola, que toda a esquerda quer; ele é a favor da vida; ele não deve nada a esse sistema político que está aí e por isso ele pode fazer um excelente governo; ele é um camarada que é a favor do bem-estar de todos, que não fez escolha de pobre, de classe média ou rico”, disse, destacando a rejeição à guerra de classes promovida pelos partidos de esquerda.

“Minha gente, acorda povo brasileiro! Nós temos que dar um basta a essa gente que roubou durante 13 anos, essa gente que destruiu a economia brasileira. Esse é o caos que eles deixaram, governo Lula e Dilma, e que agora vêm com seus postes, Ciro e Haddad. Isso é poste de Lula, o maior corrupto da história política do Brasil. Vamos dar um basta nisso”, disse o pastor.

“Se queremos ver uma nação melhor, um homem que teme a Deus, que tem liderança, não tem medo dessa imprensa esquerdopata, vergonhosa, que tenta denegrir o cara todo dia. Essa é uma das maiores provas de que esse cara é o cara. Então, não vamos brincar com isso. Não vamos deixar o Brasil virar uma Venezuela e uma Cuba”, reiterou.

Ao final, encorajou seus seguidores nas redes sociais a votarem em Bolsonaro: “Vamos colocar um homem que vai ter uma grande equipe para governar esse país e termos dias melhores. Eu quero ser profeta! Eu creio que o Brasil vai viver os melhores momentos, em nome de Jesus. E que Deus abra a mente do povo brasileiro para perceber essas coisas. 17 neles!”

Os três eixos citados anteriormente se encontram nessa transcrição: Bolsonaro como *outsider* político, o Messias, e como líder viril.

O *outsider* político remete a construção da imagem de Bolsonaro como um líder idôneo, não alinhado a nenhum grupo político tradicional e anti-esquerda. O termo *outsider* no contexto de política partidária brasileira faz menção aos políticos que ingressam na “política mais tarde, após uma vida profissional já estabelecida, conquistando sua cadeira parlamentar sem a necessidade de percorrer todas as escalas da carreira e de um longo estágio no interior de organizações partidárias” (SANTOS, 1997, p. 43). Identificar Jair Bolsonaro como um *outsider* nesse contexto dos websites pesquisado significa aponta-lo como alguém de fora do campo político, e por isso, alguém que não compactua com o “jogo político tradicional” apesar de que o próprio seja um político de carreira.

O trecho do primeiro parágrafo ilustra bem: “ele não deve nada a esse sistema político que está aí e por isso ele pode fazer um excelente governo”. Essa afirmação se refere a ausência de laços de Bolsonaro com outros atores do campo político, sobretudo laicos. Isso se refere a outros candidatos do espectro da direita como Geraldo Alckmin (PSDB), Henrique Meirelles (PMDB), e do espectro da esquerda como Fernando Haddad (PT) e Ciro Gomes (PDT), que possuem carreiras políticas profissionais em partidos com laços sociais tradicionais no campo político brasileiro.

Jair Bolsonaro, é um político de carreira, tendo mais de 40 anos de vida política desde a sua eleição a vereador da cidade do Rio de Janeiro nos anos 1960. Apesar disso, não teve durante sua carreira laços significativos com grandes nomes da política nacional, como o caso

de Fernando Haddad, que teve como mentor o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, fundador do Partido dos Trabalhadores, ou como Geraldo Alckmin do PSDB que tem como influência a figura do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Ambos os partidos, PT e PSDB são grandes instituições políticas brasileiras que disputaram o poder no país entre os anos 1998 a 2014.

A ideia de apresentar Bolsonaro, como um outsider, tem a ver com uma série de casos de corrupção envolvendo o PT e PSDB em seus mandatos a presidência. Ambos os partidos foram marcados por denúncias de corrupção. O Partido da Social Democracia Brasileira, é o principal partido de direita do Brasil, durante a gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2003) o partido esteve envolvido em uma série de escândalos envolvendo desvio de verba das privatizações de seu governo que ganhou notoriedade em livros como a “A privatária Tucana” (2011) de Amaury Ribeiro Junior e “Um Brasil privatizado”(2003) de Aloysio Biondi que avaliam que o prejuízo nacional com a corrupção nesse caso pode ter sido incalculável. Já o Partido dos Trabalhadores dos trabalhadores esteve envolvido no escândalo do mensalão durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011), que consistia em um “pretenso esquema de propinas pagas regularmente a parlamentares federais, com dinheiro público desviado para que votassem a favor do governo”(MIGUEL, 2007) e no escândalo da Operação Lava-Jato durante o governo Dilma Rousseff (2011 a 2016) operação que descobriu indícios de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo a estatal Petrobrás, grandes empreiteiras e políticos inclusive de outros partidos (CIOCCARI, 2015).

Devido a esses acontecimentos a corrupção foi um tema chave das eleições de 2018. Esse assunto se agravou ainda mais devido ao desdobramento da prisão por uma condenação por corrupção passiva e lavagem de dinheiro do ex-presidente Lula, na época então pré-candidato pelos juízes ligados a Operação Lava-Jato<sup>45</sup>. A seguinte fala de Malafaia é emblemática:

“Minha gente, acorda povo brasileiro! Nós temos que dar um basta a essa gente que roubou durante 13 anos, essa gente que destruiu a economia brasileira. Esse é o caos que eles deixaram, governo Lula e Dilma, e que agora vêm com seus postes, Ciro e Haddad. Isso é poste de Lula, o maior corrupto da história política do Brasil. Vamos dar um basta nisso”, disse o pastor.

Ao colocá-lo como *outsider* a narrativa dos textos confere a Bolsonaro, o ar de honestidade e idoneidade, uma vez que sua ausência de relações com os protagonistas da

---

<sup>45</sup> DEUTSCHE WELLE. *Lula se entrega à Polícia Federal*. 7 de abril de 2018. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/lula-se-entrega-%C3%A0-pol%C3%ADcia-federal/a-43293959>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

política brasileira o assenta em uma posição privilegiada: longe dos maiores e notórios escândalos de corrupção da política nacional conhecidos até então. Ademais a posição de *outsider* aliado a sua fé cristã pentecostal o vende como o político ideal para o campo evangélico.

O uso de expressões como o “teme a Deus”, “escolhido por Deus” “cumpre missão de Deus” são frequentes, utilizadas em falas transcritas do próprio Bolsonaro e de apoiadores. Entre as muitas matérias que expõem essas expressões se destaca a matéria do Gospel Prime intitulada, “Bolsonaro cita a Bíblia e diz estar ‘cumprindo missão de Deus’”<sup>46</sup>, de Jarbas Aragão, publicada em 4 de agosto de 2018.

Desde que lançou sua pré-candidatura, o deputado federal pelo Rio de Janeiro Jair Bolsonaro escolheu usar como lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Casado com uma evangélica, ele se define apenas como cristão.

Durante a entrevista à Globo News na noite desta sexta-feira (3), declarou, para espanto dos jornalistas que o sabatinavam: “Eu estou cumprindo uma missão de Deus”. Roberto D’Ávila mostrou-se incrédulo.

A resposta do candidato foi: “Eu sou cristão. Olha só a situação que eu cheguei. Sou do baixíssimo clero, não sou ninguém na política, não sou nada. E tenho o apoio popular que está aí. Não é inimaginável o que está acontecendo? Como eu consegui isso?”.

Acabou citando na Globo News o mesmo versículo que havia mencionado durante a entrevista ao Roda Viva, no meio da semana. O seu lema, garante, é: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. João 8:32”.

Ao ser questionado qual figura do exterior admira, respondeu Donald Trump, destacando ainda que seguiria seus passos e mudaria a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém.

Embora diversas vezes já tenha dito que não se considera o “salvador da pátria”, o fato inegável é que ele não lidera a maioria das pesquisas à toa (sic). A maneira com que vem sendo recepcionado em todo o Brasil atestam sua popularidade que parece crescente.

Mesmo sendo bombardeado de perguntas que não foram feitas a outros candidatos que passaram pelo programa, Bolsonaro afirmou que está acostumado a ser tratado assim. “Eu sou diferente. Posso até não ser o melhor, tudo bem, paciência. Mas sou diferente”, asseverou.

O artigo que cobre uma entrevista feita para a Globo News no dia anterior lança uma estratégia muito comum a todos os artigos que tratam do capitão. Aqui se cobre as falas de cunho religioso cristão, e se suprime as falas sobre outros temas na entrevista. É notório que o autor parece complementar as falas destacadas com comentários favoráveis, situação que se repete em artigos sobre Jair Bolsonaro, tomemos como exemplo o último parágrafo:

Mesmo sendo bombardeado de perguntas que não foram feitas a outros candidatos que passaram pelo programa, Bolsonaro afirmou que está acostumado a ser tratado assim. “Eu sou diferente. Posso até não ser o melhor, tudo bem, paciência. Mas sou diferente”, asseverou.

---

<sup>46</sup>ARAGÃO, Jarbas. Jair Bolsonaro na Globo News. 7 de outubro de 2018. Disponível em Gospel Prime: <https://www.gospelprime.com.br/jair-bolsonaro-globo-news/>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

Nenhum das perguntas as quais o autor faz menção são destacadas, entretanto a palavra “bombardeado” aqui deixa a impressão ao leitor de que são perguntas agressivas que deixam Bolsonaro em uma situação de desvantagem frente aos outros adversários. A resposta “eu sou diferente” soa vaga isoladamente, mas ela é colocada aqui para fazer referência a primeira parte do texto.

“Eu estou cumprindo uma missão de Deus”. Roberto D’Ávila mostrou-se incrédulo. A resposta do candidato foi: “Eu sou cristão. Olha só a situação que eu cheguei. Sou do baixíssimo clero, não sou ninguém na política, não sou nada. E tenho o apoio popular que está aí. Não é inimaginável o que está acontecendo? Como eu consegui isso?”.

O próprio político do PSL fala sobre sua campanha política como “missão de Deus”. Nessa fala ele faz referência a sua posição política de outsider, creditando sua ascensão eleitoral a ação de “Deus”. Fala que é endossada pelo próprio autor:

Embora diversas vezes já tenha dito que não se considera o “salvador da pátria”, o fato inegável é que ele não lidera a maioria das pesquisas à toa (sic). A maneira com que vem sendo recepcionado em todo o Brasil atestam sua popularidade que parece crescente.

O autor complementa a fala do então candidato, destacando a sua humildade em não se considerar o “salvador da pátria” ao mesmo tempo que lidera “a maioria das pesquisas”. Essa posição não é dada “atoa” mas fruto de intervenção divina. O tom religioso não é questionado, é reforçado e é aliado a idéia do salvador da pátria, mas, com um a humildade típica de líderes religiosos.

Na maioria dos textos estudados prevalece a ideia do Messias, do homem que cumpre uma missão divina, de “salvador da pátria” em nome de Deus. Mas em que consiste a missão divina do salvador da pátria em questão? A resposta para essa pergunta pode ser exemplificada pela fala do pastor Silas Malafaia no artigo mostrada anteriormente:

Ele é a favor dos valores de família; ele é contra essa bandidagem de querer erotizar criança em escola, que toda a esquerda quer; ele é a favor da vida; ele não deve nada a esse sistema político que está aí e por isso ele pode fazer um excelente governo; ele é um camarada que é a favor do bem-estar de todos, que não fez escolha de pobre, de classe média ou rico”, disse, destacando a rejeição à guerra de classes promovida pelos partidos de esquerda

A missão divina consiste nisso: a luta contra a esquerda, pela preservação da vida e da família, o sistema político. A retórica antiesquerdista e antipetista é muito presente nos textos pesquisados, como já fora mencionada. Isso solidifica a figura de Bolsonaro como “homem de

Deus”, ligado aos princípios da fé cristã evangélica por ser conservador e defensor da família ao mesmo tempo em que é um líder político ideal. A fala de Malafaia é bem clara no artigo anteriormente citado:

“Se queremos ver uma nação melhor, um homem que teme a Deus, que tem liderança, não tem medo dessa imprensa esquerdopata, vergonhosa, que tenta denegrir o cara todo dia. Essa é uma das maiores provas de que esse cara é o cara”.

A construção de Bolsonaro como “messias” é baseada no engendramento da imagem do herói viril. Aqui Silas Malafaia é enfático: a nação precisa de um “homem”, “o cara”. E não qualquer homem, mas um salvador que enfrente as forças poderosas da imprensa. A masculinidade de Bolsonaro é sempre posta exortada em declarações de Silas Malafaia como uma quase heróica qualidade do candidato.

É certo que todo herói precisa de um embate. Para se fazer isso os autores dos textos elegem os inimigos, geralmente a esquerda, a grande imprensa, o sistema político, e as lutas identitárias. A construção desse “inimigos” quase sempre se dá ao passo em que o então candidato do PSL é o grande desafiador, o grande atacado e algumas vezes o grande injustiçado.

A grande imprensa é apontada em diversos artigos como uma concorrente, uma força externa que se coloca contra o então candidato. Em vários debates veiculados pelos mais diversos veículos de comunicação durante as eleições Bolsonaro teve um desempenho medíocre, não conseguindo se expressar de forma satisfatória para alguém que pleiteava o cargo de presidente da República do Brasil. É justamente nesses debates que a imprensa é criticada por ambos os portais jornalísticos.

Em 31 de agosto de 2018, o Gospel Mais publicou a matéria <sup>47</sup> “Pergunta Idiota Tolerância Zero” de João Carlos Biagini. Nessa matéria Biagini faz uma análise de uma entrevista feita no Jornal Nacional, da TV Globo, do dia 28 de outubro<sup>48</sup>, com o então candidato Jair Bolsonaro. Essa análise se debruçou apenas em duas perguntas pelo Jornalista William Bonner e no final fez uma pergunta típica do modus operandi do autor.

Analisando friamente a entrevista, acho que estou com aquele personagem do programa humorístico da mesma emissora, chamado Seu Saraiva: pergunta idiota, tolerância ZERO!

---

<sup>47</sup> BIAGINI, João Carlos. Gospel Prime. 31 de agosto de 2018. *Bolsonaro na Globo: Pergunta idiota, tolerância zero*. <https://www.gospelprime.com.br/bolsonaro-na-globo-pergunta-idiota-tolerancia-zero/>. Acesso em abril de 2020.

<sup>48</sup> JORNAL GLOBO. Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional. 28 de Agosto de 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em abril de 2020.

Várias perguntas idiotas foram feitas ao candidato Bolsonaro. Vejamos algumas deles.

Pergunta idiota: O apresentador perguntou se o casamento do candidato com o provável ministro da economia, Paulo Guedes, seria eterno. Resposta óbvia: O candidato respondeu o óbvio, dizendo que casamento é para sempre. Mas, como no caso dele, Willian Bonner, que esteve casado até recentemente com Fátima Bernardes, pode terminar.

Pergunta idiota: O homem e a mulher devem ganhar o mesmo salário? Resposta óbvia: Claro que sim, dentro das regras previstas no artigo 461 da CLT: “Sendo idêntica a função, a todo trabalho de igual valor, prestado ao mesmo empregador, na mesma localidade, corresponderá igual salário, sem distinção de sexo, nacionalidade ou idade, entre pessoas cuja diferença de tempo de serviço não for superior a 2 anos”.

O debate sobre as eleições não pode ficar no nível de um FlaxFlu. Quem ganhou ou quem perdeu na entrevista. O futuro do Brasil e dos brasileiros e das brasileiras estará em jogo. Estaremos escolhendo entre um Brasil cristão e livre ou uma Venezuela.

Pergunta responsável: Você prefere um Brasil cristão e livre ou uma Venezuela, na qual as pessoas são mortas a tiros nas ruas, como já aconteceu em todos os regimes comunistas, pelas forças do ditador Maduro?

As perguntas feitas na íntegra por William Bonner e Renata Vasconcelos são radicalmente diferentes, bastante mais estruturadas e tocam sobre temas que foram relevantes durante a campanha. Trechos da entrevista ao qual Biagini se refere denotam essa discrepância :

William Bonner: O senhor tem repetido, inúmeras vezes, que Paulo Guedes vai permanecer com o senhor até o fim. Já foi questionado sobre isso: ‘Mas e se os senhores brigarem? Não, não tem briga, ele vai ficar’. No entanto, existe um conceito de gestão que diz o seguinte: não se deve contratar ninguém que depois não possa ser demitido. E o senhor sabe que é impossível o senhor garantir que um subordinado vá acompanhá-lo até o fim do seu mandato. É uma garantia que o senhor não tem como oferecer, candidato. Então, a questão que eu gostaria de propor é a seguinte: digamos que Paulo Guedes um dia entre no seu gabinete como presidente da República e diga assim, sei lá, como ministro, ele diga assim: “Presidente, ou o senhor faz isso, isso e isso ou eu vou pegar o meu boné e vou-me embora”. O que o senhor faria numa situação como essa com Paulo Guedes? O senhor deixaria ele ir embora, e aí o senhor descumpriria essa promessa de mantê-lo até o fim, ou o senhor obedeceria a exigência feita por ele?

Jair Bolsonaro: Bonner, é quase que um casamento. Eu estou namorando o Paulo Guedes há algum tempo e ele a mim também. Nós, Bonner, somos separados. Até o momento da nossa separação, nós não pensamos numa mulher reserva para isso. Se isso vier a acontecer, por vontade dele ou por uma vontade minha, paciência. O que eu tenho de Paulo Guedes até o momento é de uma fidelidade, de um compromisso enorme para com o futuro do Brasil. Tenho certeza, acredito nas propostas dele e ele vai implementar, se não vai implementar todas é porque temos, sim, um filtro chamado Câmara e Senado. Nem tudo que ele quer ou o que eu quero podemos aprovar, porque passa pelo parlamento brasileiro

(...)

Renata Vasconcelos: Candidato, vamos falar agora de um tema muito importante também, que é desigualdade de gênero. Segundo o IBGE, as mulheres ganham 25% menos que os homens. O senhor já disse que no serviço público já há a garantia dessa igualdade salarial. E no setor, na iniciativa privada, vale o que o empregador... O livre-arbítrio do empregador. O senhor já disse que um presidente da República, na sua opinião, não pode fazer nada a respeito para mudar esse quadro. O fato é que o senhor afirmou que, se fosse empregador, não empregaria mulheres com os mesmos salários dos homens. Ou seja, o senhor se solidariza pessoalmente com os

empregadores que compartilham dessa desigualdade salarial. Como explicar isso às mulheres?

Na entrevista, que pode ser acessada na íntegra no portal de notícias online da TV Globo, o “G1”<sup>49</sup>, Jair Bolsonaro chegou a negar que teria dito que não empregaria mulheres, foi corrigido pela jornalista Renata Vasconcelos que apontou o programa onde teria dito. No final não respondeu a pergunta dizendo apenas que não cabia ao Poder Executivo e sim ao Ministério do Trabalho com a seguinte fala.

Jair Bolsonaro: Olha, mas é lógico que a gente faria, mas estou falando que o Ministério Público do Trabalho pode ser questionado. Eu estou vendo aqui uma senhora e um senhor, eu não sei ao certo, mas com toda certeza há uma diferença salarial aqui, parece que é muito maior para ele do que para a senhora. São cargos semelhantes, semelhantes, são iguais.

A resposta da jornalista Renata Vasconcelos foi contundente em responder que o seu salário só dizia respeito a ela, podendo garantir que “jamais aceitaria receber um salário menor de um homem que exercesse as mesmas funções e atribuições”. A seguinte fala repercutiu em vários outros jornais e revistas como a Exame<sup>50</sup>, o Huffington Post Brasil<sup>51</sup>, Catraca Livre<sup>52</sup> e Uol Notícias. Nos websites evangélicos pesquisados não houve repercussão sobre esse debate a não ser pela análise publicada por Biagini.

Não só é notável a abrupta simplificação feita pela análise de Biagini sobre as perguntas feitas pelos jornalistas como fica claro que houve uma distorção dos fatos. Sequer a resposta de Renata Vasconcelos foi destacada. A pergunta final feita pelo jornalista do Gospel Prime parece intencionalmente deslocada da realidade e do contexto do debate.

O debate sobre as eleições não pode ficar no nível de um FlaxFlu. Quem ganhou ou quem perdeu na entrevista. O futuro do Brasil e dos brasileiros e das brasileiras estará em jogo. Estaremos escolhendo entre um Brasil cristão e livre ou uma Venezuela.

---

<sup>49</sup> JORNAL GLOBO. Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional. 28 de agosto. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em abril de 2020.

<sup>50</sup> CALEIRO, João Pedro. Bolsonaro tem embate tenso com Renata Vasconcelos no Jornal Nacional. Revista Exame. 28 de agosto de 2018. <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-o-entrevistado-desta-terca-feira-no-jornal-nacional/>. Acesso em abril de 2020.

<sup>51</sup> IRAHETA, Diego. *Renata Vasconcelos para Jair Bolsonaro no Jornal Nacional: 'Ajudo a pagar seu salário'*. *Huffington Post*. 28 de agosto de 2020. Disponível em [https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/28/renata-vasconcelos-para-jair-bolsonaro-no-jornal-nacional-ajudo-a-pagar-seu-salario\\_a\\_23511365/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/28/renata-vasconcelos-para-jair-bolsonaro-no-jornal-nacional-ajudo-a-pagar-seu-salario_a_23511365/). Acesso em Abril de 2020.

<sup>52</sup> CATRACA LIVRE. Renata Vasconcelos dá lição em Bolsonaro no JN e viraliza na. 28 de agosto de 2018. Disponível em [webhttps://catracalivre.com.br/cidadania/renata-vasconcelos-da-licao-em-bolsonaro-no-jn-e-viraliza-na-web/](https://catracalivre.com.br/cidadania/renata-vasconcelos-da-licao-em-bolsonaro-no-jn-e-viraliza-na-web/). Acesso em abril 2020.

Pergunta responsável: Você prefere um Brasil cristão e livre ou uma Venezuela, na qual as pessoas são mortas a tiros nas ruas, como já aconteceu em todos os regimes comunistas, pelas forças do ditador Maduro?

Nesses parágrafos finais mais uma vez elenca-se Jair Bolsonaro como uma espécie de salvador, que impediria o “Brasil de se tornar uma Venezuela”, fazendo alusão a crise que o país latinoamericano vive desde a segunda metade da década de 2010. Um salvador, que luta contra o comunismo pela liberdade e o cristianismo, o qual, a grande imprensa quer apenas atacar e desacreditar.

A estratégia de colocar a grande imprensa como uma inimiga do candidato Jair Bolsonaro, é ainda uma forma de delimitar a concorrência. O descredito total da mídia laica é feito para legitimar a maneira como Bolsonaro é retratado pelos jornais evangélicos, assim como, efetuar um movimento de blindagem de Bolsonaro contra críticas por parte da imprensa. Representar grandes empresas de comunicação contra Bolsonaro auxilia na imagem dele como um martir, que luta contra inimigos poderosos, “pelo Brasil Cristão e Livre”.

A retórica da Venezuela é utilizada em alguns artigos para endemonizar o “comunismo” e todo o espectro de “esquerda”. Não se explica ao leitor exatamente no que consiste essa ameaça, mas a violência e a morte são atribuídas ao país latinoamericano como algo que pode acontecer se Bolsonaro não ganhar a eleição. Em um artigo de opinião publicado em 13 de outubro, próximo do segundo turno das eleições, tratou-se desse assunto de forma bem semelhante a maioria dos artigos sobre o país.

A Venezuela é talvez o termômetro mais acessível sobre o perigo que corremos. Os que hesitam em usar bem seu voto e nos tirar dos trilhos esquerdistas rumo aos abismos profundos da loucura bolivariana deveriam mudar-se para Coreia do Norte ou Cuba. Melhor desfrutarem por livre e espontânea vontade de seu inferno particular do que obrigar todos a viver nele por causa de sua loucura voluntária<sup>53</sup>.

Apesar das inúmeras menções à Venezuela em artigos sobre Bolsonaro, não há nenhuma matéria que fale diretamente da situação do país caribenho. Apenas uma crise é citada para fazer menção ao comunismo (que apresentam como uma forma de governo venezuelano) como uma espécie de ideologia violenta, que vai contra o próprio cristianismo. Também não há uma explicação do que seja a vertente socio-política ou filosófica do comunismo, há apenas a constante reiteração de sua *profanidade*.

---

<sup>53</sup> SOUZA, Eguinaldo Helio de. *Estamos em guerra contra o comunismo e precisamos vencê-la*. Gospel Mais. 13 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/guerra-contra-comunismo-precisamos-vencer/>. Acesso em abril de 2020.

O uso da narrativa de caos social e violência criada para a Venezuela em matérias sobre Bolsonaro, como se pode perceber nos artigos mostrados até aqui, tem o objetivo de ilustrar uma situação hipotética em que os adversários ganhem as eleições. O caos venezuelano é uma garantia do que possa acontecer caso Bolsonaro perca as eleições. O capitão reformado é o único capaz de trazer o “Brasil cristão e livre”, citado por Biagini, ao invés de uma “Venezuela”, ou seja, aquele pode trazer a ordem ao invés do caos, em uma clássica estória do que vai do herói romântico, viril e protetor, ao messias religioso.

O auge de todas as tendências apontadas até aqui se deu durante o atentado contra Jair Bolsonaro do dia 6 de setembro de 2018, na cidade de Juiz de Fora, interior do estado de Minas Gerais. Segundo o Jornal Tribuna de Minas, Jair Bolsonaro foi atacado com uma facada no abdômen “no Calçadão da Rua Halfeld, no Centro, quando fazia corpo a corpo com os eleitores em visita à cidade<sup>54</sup>” sendo logo após levado pela multidão a um carro que foi direto para o hospital mais próximo. O homem que atacou o candidato do PSL, Adélio Bispo de 40 anos, foi preso no mesmo dia, e confessou que participou o ato “a mando de Deus<sup>55</sup>”.

Houve comoção nacional sobre o ocorrido, vários jornais veicularam matérias e vídeos sobre o caso. No furor desse trágico acontecimento os Gospels Prime divulgou 4 matérias sobre o ocorrido, enquanto o Gospel Mais 5 matérias sobre o ocorrido na mesma semana. Chama a atenção trechos da matéria sobre o ocorrido feita no dia 7 de setembro de 2018 intitulada, “Ex-filiado ao PSOL e apoiador de Lula, agressor de Bolsonaro diz que atentado foi ordem de Deus”:

O atentado contra a vida do deputado federal e candidato a presidente Jair Bolsonaro (PSL) teve complicações mais sérias do que se noticiou inicialmente, sendo necessária a realização de uma cirurgia emergencial para conter uma hemorragia e costurar os órgãos que foram atingidos. O homem preso em flagrante pela tentativa de homicídio é um militante de esquerda, ex-filiado ao PSOL e apoiador de Lula (PT).

Adélio Bispo de Oliveira, 40 anos, confessou o crime após ser preso e afirmou em depoimento à Polícia Federal que obedeceu a uma ordem de Deus para esfaquear Bolsonaro. “Em conversa com o autor, este nos informou que saiu de casa com uma faca de uso pessoal afim de acompanhar a comitiva, e no melhor momento pudesse, tentar contra a vida do candidato, assim tendo feito no momento em que a comitiva passava pela Rua Batista, por achar ser o mais oportuno”, diz trecho do Boletim de Ocorrência (B. O.).

(...)

Ódio

---

<sup>54</sup> TRIBUNA DE MINAS. Jair Bolsonaro é vítima de atentado em Juiz de Fora. 06 de setembro de 2018. Disponível em <https://tribunademinas.com.br/noticias/politica/06-09-2018/jair-bolsonaro-e-vitima-de-atentado-em-juiz-de-fora.html>. Acesso em 2020.

<sup>55</sup> CHARLEUX, João Paulo. O atentado a Bolsonaro e o clima de de violência na política. 06 de setembro de 2018. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/09/06/O-atentado-a-Bolsonaro.-E-o-clima-de-viol%C3%A2ncia-na-pol%C3%ADtica>. Acesso em 2020.

O perfil de Adélio Bispo de Oliveira no Facebook foi rapidamente descoberto pela Polícia e apoiadores de Bolsonaro, e evidenciou que o agressor nutria sentimentos de ódio ao candidato, assim como expressava sua admiração por ideais comunistas.

De acordo com a revista IstoÉ, Adélio Bispo de Oliveira é natural de Montes Claros, cidade na região norte de Minas Gerais, localizada a 700 km de Juiz de Fora, e trabalhava como servente de pedreiro.

Em meio às publicações com ofensas a Bolsonaro, há fotos do agressor pedindo a renúncia do presidente Michel Temer (MDB), defendendo a liberdade do ex-presidente Lula (PT) – preso por condenação em segunda instância por crimes de corrupção e lavagem de dinheiro – e muitas críticas à maçonaria.

A relação de Oliveira com o PSOL foi confirmada pelo presidente nacional do partido, Juliano Medeiros. O agressor integrou a legenda entre 2007 e 2014, mas segundo Medeiros, não exerceu cargo partidário.

O fato de Adélio Bispo ter sido filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), partido de esquerda, e apoiador de Lula foi amplamente explorado. O nome do ex-presidente é citado três vezes na matéria, no título, no primeiro parágrafo e no último. As menções ao PSOL somam-se em 4. Apesar de a reportagem na íntegra de fato dissertar sobre a saúde de Jair Bolsonaro e da prisão de Adélio Bispo, a intencionalidade de matéria consiste em aproximar Lula, o Partido dos Trabalhadores e o PSOL ao atentado, visto que os respectivos ator e partido político são mencionados logo na chamada da matéria.

Em todos os textos averiguados sobre o atentado Adélio Bispo aparece como uma figura próxima do espectro de esquerda. Porém pouca coisa da vida de Adélio fora explorada pelos portais de jornalismo evangélico. Não se falou por exemplo que Adélio Bispo era um fiel da Igreja da Fé, uma igreja pentecostal com sede em Maricá, e foi obreiro do pastor Romildo Cândido, segundo reportagem da UOL de 13 de setembro de 2018<sup>56</sup>.

Segundo essa reportagem do site UOL, Adélio Bispo de fato era ligado ao PSOL, apoiador do ex-presidente Lula. Contudo vários entrevistados, inclusive o pastor Romildo Cândido, afirmam que o ex-obreiro sofria de problemas mentais. De fato, Adélio Bispo não fora condenado como réu comum, sendo condenado a internação por tempo indeterminado por ser diagnóstica com esquizofrenia segundo matéria<sup>57</sup> publicada pelo “Jornal O Globo” em julho de 2019.

Contudo, uma narrativa político-partidária foi criada pelos portais estudados. É emblemática uma matéria publicada pelo Gospel Mais com falas do pastor Silas Malafaia.

---

<sup>56</sup> UOL NOTÍCIAS. Vendedor de livros, pastor e 'quase candidato': o passado de Adélio Bispo. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/13/vendedor-de-livros-pastor-e-quase-candidato-o-passado-de-adelio-bispo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 2020.

<sup>57</sup> JORNAL O GLOBO. Adélio Bispo é absolvido de facada em Bolsonaro por ter doença mental e ficará internado por tempo indeterminado. 14 de julho de 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/adelio-bispo-absolvido-de-facada-em-bolsonaro-por-ter-doenca-mental-ficara-internado-por-tempo-indeterminado-1-23741031>. Acesso em 2020.

O discurso de violência adotado pela esquerda brasileira ao longo dos anos é amplamente negado pelos adeptos dessa corrente ideológica, e com o crescimento da liderança de Jair Bolsonaro (PSL) nas pesquisas de intenção de votos, cresceu também as acusações contra o candidato conservador de incitação ao ódio.

O pastor Silas Malafaia, um dos principais apoiadores da candidatura de Bolsonaro, publicou um vídeo resgatando a incitação à violência por parte de representantes da esquerda, citando a apologia à “rebelião e desobediência civil” feita pelo senador Lindbergh Farias (PT), o “derramamento de sangue” da deputada federal Benedita da Silva (PT) – declaradamente evangélica – e a agressão de Ciro Gomes (PDT) a Arthur Moledo (DEM), youtuber do canal Mamãe Falei e candidato a deputado estadual em São Paulo.

“Bolsonaro quem incita ódio e violência, ou são os esquerdopatas, a esquerda brasileira? Acusam Bolsonaro de incitar o ódio porque ele fala em combate a criminoso e porque ele acredita que a população deve estar armada para se defender. É isso que é incitar ódio?”, questionou o pastor, antes de mostrar as cenas de incentivo à violência de representantes da esquerda.

“Minha gente, tem muito mais vídeo da violência da esquerda. É Bolsonaro que é violento? Cuspiram nele, não reagiu. Tacaram ovo nele, não reagiu. Jogaram purpurina nele, não reagiu. E olha o que fizeram com ele aí, olha a facada que ele ganhou. E foi um esquerdopata”, comentou, mencionando o atentado ocorrido em Juiz de Fora (MG)<sup>58</sup>.

No artigo acima, como na maioria das matérias sobre o pastor Silas Malafaia, há um endosso a suposta “violência da esquerda” que teria sido fundamental ao atentado, tanto por parte do pastor quanto pelo autor do artigo Thiago Chagas. O nome de Adélio Bispo não é mencionado, mas a palavra “esquerda” é mencionada cinco vezes, uma pelo autor do texto, quatro pelo pastor citado. Adélio Bispo ao invés disso é referido como “esquerdopata” designação pejorativa comumente usada para se referir a militantes de esquerda. Inclusive autores de esquerda são citados em situações controversas, rementendo a suposta tendência violenta da esquerda.

Se somando então a retórica de “caos da Venezuela”, “de ameaça comunista”, a facada desferida a Bolsonaro foi capitaneada como forma de atribuir a esquerda como uma facção política violenta, tanto pelos autores dos textos, quando pelas personalidades citadas.

O atentado ganhou não só um contorno político, mas, também religioso. Várias matérias com os dizeres de líderes religiosos falando sobre a milagrosa recuperação foram publicadas tanto pelo Gospel Mais quanto pelo Gospel Prime. Chama a atenção uma profecia feita por um pastor e publicada no Gospel Prime no dia 12 de setembro de 2018<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> CHAGAS, Tiago. Silas Malafaia evidencia violência da esquerda que culminou em atentado. Gospel Mais. 1 de setembro de 2018. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/malafaia-violencia-da-esquerda-culminou-atentado-102401.html>. Acesso em abril de 2020.

<sup>59</sup> ARAGÃO, Jarbas. Jesus derramou sangue para governar, não reclame da facada”, afirma pastor. 12 de setembro de 2018. Disponível em [https://www.gospelprime.com.br/jesus-sangue-governar-facada-bolsonaro-luiz-herminio/?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=mariahelena](https://www.gospelprime.com.br/jesus-sangue-governar-facada-bolsonaro-luiz-herminio/?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=mariahelena). Acesso em abril de 2020.

Durante uma pregação na Igreja Batista Getsêmani, em Belo Horizonte (MG) no sábado (7), o apóstolo Luiz Hermínio, do ministério Mevam, pregava o sermão “Livrando-se do trono da Carência”. Fiel ao seu estilo, ele trouxe, no meio da mensagem, uma palavra profética.

“Deus está fazendo um renovo na nossa nação. Nós vamos viver nos próximos meses coisas inacreditáveis. Deus vai fazer coisas sobrenaturais na nossa nação e levantar pessoas improváveis”, sentenciou.

Pedindo que as pessoas “julguem” sua profecia, insistiu que o Senhor irá “levantar as que não são” [1 Coríntios 1:27]. Numa comparação improvável, já que falava no mesmo dia em que o candidato a presidente Jair Bolsonaro sofreu um atentado, disparou: “Jesus para governar teve de derramar sangue, então não reclame da fachada. Não há governo sem sangue”.

Conforme lembra o pastor, “o modelo de Deus é primeiro sacrifica, depois governa”. “Não pense que Deus perdeu o controle da nação. Ele está fazendo tudo como ele determinou”, finalizou.

O tom profético relacionado ao atentado é recorrente nas falas de líderes religiosos retratados. As menções a Deus, comparações com Jesus, e referências ao sobrenatural são comuns nos textos estudados. A ideia explorada frequentemente é de que a sobrevivência de Bolsonaro seria um “milagre divino”, para isso, falas e testemunhos de vários líderes evangélicos foram utilizados.

A fachada desferida por Adélio Bispo de Oliveira contra Jair Bolsonaro (PSL) em Juiz de Fora (MG), durante um ato de campanha, chamou atenção para um momento ocorrido no evento pentecostal Gideões Missionários da Última Hora, realizado em abril último, quando o então pré-candidato à presidência recebeu uma oração e um dos pastores impôs as mãos sobre seu abdômen.

O momento foi resgatado pelo pastor Reuel Bernardino em seu perfil no Instagram, na última segunda-feira, 10 de setembro. “Capitão Jair Bolsonaro dia 29 de abril desse ano aqui no Gideões, tivemos o sentimento de orar pelo seu abdômen! Seria coincidência ou providência divina? Reflita”, escreveu o líder do ministério

O que pode-se apreender com a análise é que a formação da representação de Jair Bolsonaro feita por ambos os portais de jornalismo evangélico analisado segue uma narrativa que o transforma de político de carreira, com mais de 30 anos de experiência, em um verdadeiro messias heróico. Nos textos, Bolsonaro aparece com um messias com uma missão divina a ser cumprida ao mesmo tempo que um salvador que vem livrar o Brasil de se tornar um “país caótico como a comunista Venezuela”. Um herói viril que enfrenta uma mídia hostil e poderosa e da mesma forma que barra uma esquerda violenta, interessada em destruir as famílias.

O episódio do atentado de 6 de setembro, é um marco para a representação de Bolsonaro tanto no Gospel Prime quanto no Gospel Mais. Antes desse acontecimento havia espaço para matérias que retratassem alguns poucos críticos de Bolsonaro como o pastor Ricardo Gondim, ou a também candidata na época Marina Silva. A partir do acontecimento

qualquer ruído dissonante da imagem criada pelos jornais estudados fora contido, e prevaleceram as matérias com personalidades que reforçavam o mito de Bolsonaro como o “político ideal para o voto evangélico” que tanto fora explorado.

### **A narrativa de Jair Bolsonaro como o “messias”.**

Os textos analisados, como vimos até o momento, não se furtam de uma atmosfera de parcialidade em torno do candidato que se elegeu o presidente da república. A cobertura das eleições pelos portais *Gospel Mais* e *Gospel Prime* se organizam em torno do candidato com um viés propagandístico, onde ele é eleito a única possibilidade do voto evangélico.

É interessante perceber que nas regras do campo jornalístico a ideia de imparcialidade é uma faca de dois gumes. Por um lado, é um conceito mister para a credibilidade de um jornal perante o seu respectivo público, por outro, a sua ligação estreita com os campos político e econômico, como é mostrado por Bourdieu (1996) (1986) (1994), embreca a aquisição de objetividade necessária. Essa interdependência entre os campos político e jornalístico faz com que o jogo de interesses se sobreponha a qualquer pretensão de imparcialidade, ao mesmo tempo em que o jornal tenha como obrigatoriedade transmitir uma “aparência imparcial”.

Segundo Bourdieu em “Sobre a Televisão” (1996), a relação entre o campo político e o campo jornalístico tem um efeito de despolítica da política e esvaziamento da função da mídia de informar. O jogo político, ou melhor, o conjunto de relações gerada pela disputa de capital político, tem o efeito de erosão sobre a função da política, que é lidar com os problemas sociais. Relacionado com o jogo político por ser um espaço de conferência de notoriedade, o campo jornalístico tem sua função original ( a de fornecer a população o acesso a informação precisa sobre os assuntos políticos e sociais que tem impacto sobre o cotidiano) distorcida por estar preso ao emaranhado e de interesses do jogo entre os produtores do campo político e os donos de empresas de comunicação.

Ainda segundo Bourdieu (1997), outra característica que empobrece o campo jornalístico é busca contante pelo espetáculo. Falar sobre assuntos políticos se torna enfadonho para a audiência pela complexidade dos problemas sociais inclusos e a parcimônia necessária para se abordá-los. O que contraria a lógica do campo jornalístico onde a disputa do capital simbólico se dá pela busca incessante por audiência através de um dinamismo onde o espetáculo e a polêmica são essenciais.

Para evitar o anticlímax, o campo jornalístico se aproveita de sua capacidade de conferir a notoriedade (e por consequência conferir capital político) e interfere no campo político dando prioridade a discussão política entre os seus autores, a polêmica e ao espetáculo que o homem político pode proporcionar. A dialética, ou seja, a transformação social possibilitada ao debate político público, função primária da política, fica em segundo plano. Essa relação tem como consequência mais ampla a própria manutenção do *status quo* da sociedade e de suas estruturas.

Contudo, a representação de Jair Bolsonaro pelos jornais evangélicos estudados nos remete a algo que vai além. Não só se mantem as características de esvaziamento do sentido do debate político, como há o rompimento com a noção de aparência de imparcialidade ao qual o profissional de jornalismo tenta manter. Perde-se a oportunidade de fornecer ao público evangélico um material que traga o mundo político com uma perspectiva genuína construída a partir da diversidade cultural desse meio.

A eleição de Jair Bolsonaro, como o messias político, que trará ao campo evangélico o domínio em forma de salvação é uma construção que privilegia o ponto de vista dos autores em nome de seus interesses. Um exemplo é a do próprio Jarbas Aragão responsável pela maioria dos textos sobre as eleições de 2018, promovido a secretário de comunicação do Ministério da Mulher e dos Direitos Humanos. Essa representação do então-candidato acontece caucada em formas de violência simbólica e transferência de capital simbólico de figuras do campo religioso.

A transferência de capital simbólico se dá principalmente por conta do campo político não ser “um império” (BOURDIEU, 1989, p. 164), mas um campo sujeito a influência de relações sociais e necessidades exteriores, ou seja, oriundas de outros campos. Essa dinâmica é construída por que o “homem político depende da crença que um grupo deposita nele” (BOURDIEU, 1989, p. 164), um grupo que pode não ser necessariamente formado por especialistas do campo político, mas de que qualquer grupo que possa exercer poder simbólico suficiente para conferência de capital político necessário para a carreira política. Em troca o homem político tem o papel de exercer a representação desse grupo tutelando seus interesses no campo político ao mesmo tempo em que conta com sua capacidade de mobilização.

O capital político segundo Bourdieu é um capital “baseado na crença ou no reconhecimento” (BOURDIEU, 1989, p. 188). Esse reconhecimento é conferido tanto pela trajetória de um ator político em outros campos, quanto, conferido por uma instituição que

exerce poder em uma sociedade. Ou seja, o capital político se divide em capital político pessoal, aquele adquirido por mérito próprio, por uma trajetória que lhe garante “uma boa reputação” (BOURDIEU, 1989, p. 191). Esse tipo de capital subdivide-se em notável, aquele acumulado lentamente por uma carreira bem sucedida em algum outro campo, ou heroico, aquele tipo de capital conquistado por uma “ação inaugural” em meio a uma ausência de funcionamento das instituições provocada por uma crise, ação essa que tem o efeito de mobilização das massas em torno de um líder carismático.

Uma outra forma de capital político é o delegado. O capital político delegado é conferido ao homem político através de uma instituição política, que através das ações de seus militantes e de seu histórico no campo político acumulou capital simbólico baseado no “reconhecimento e na fidelidade” (BOURDIEU 1989, p.191) por parte da sociedade. Esse é transferido por uma “investidura” um ato “propriamente mágico de uma instituição pelo qual consagra oficialmente o candidato oficial a uma eleição e que marca a transmissão de capital político” (BOURDIEU 1989, p. 193).

O ato da “investidura” implica em uma contrapartida do homem político em relação a sua instituição. Ele recebe o devido poder dentro da instituição, ao qual tem o dever de representar, de fazer uma defesa de seus interesses. A investidura é a contrapartida de um “investimento de longo prazo” (BOURDIEU 1989, p. 193), da instituição no candidato.

O capital simbólico de Bolsonaro dentro do campo religioso evangélico não pode ser de natureza pessoal. A biografia do capitão reformado mostra que sua atuação política tem raiz nas forças armadas, não em uma denominação evangélica, ou mesmo qualquer outra religião. Tampouco, exerceu uma grande carreira dentro do campo político que lhe garantisse prestígio perante qualquer campo religioso.

Contudo, a análise percebe uma glorificação da figura de Jair Bolsonaro por parte de líderes evangélicos e dos autores dos textos (também especialistas do campo religioso). A consagração do agora presidente eleito, como o candidato ideal para o campo evangélico segue uma lógica de investidura, por parte das vozes escolhidas para a representação do candidato, e por consequência, pelos próprios autores.

É claro que ao se referir ao ato da investidura, Bourdieu (1989) se refere a instituição “partido político”. Entretanto o que se pode perceber na narrativa criada pelos jornais é o de uma escolha política por parte dos colunistas e dos líderes religiosos aos quais tem a voz eleita para a sugestão partidária dentro de seu campo. Há então, uma investidura de um candidato político feita por dirigentes e por jornais do campo religioso, os sacerdotes elegem o seu

candidato no campo político, em outras palavras, a ação desses líderes, é a de um partido político.

Os jornais de fato tem como dever tornar públicas as relações sociais dentro do campo político. E por se tratarem de jornais voltados ao campo religioso é mais que natural que se privilegie as relações políticas entre atores político-partidários e atores religiosos. Entretanto, o que a análise denota é que ambos os jornais criam uma narrativa onde Jair Bolsonaro é o candidato ideal, eleito pelo campo evangélico quase como unanimidade, mostrando os seus apoiadores dentro desse campo como legitimados, ao passo que pastores opositores a ele, são criticados pelos próprio jornais.

Se considerarmos que o próprio conceito de campo de Bourdieu (1986) prevê um espaço regido por uma *di-visão*, ou seja, uma duplicidade na forma de se encarar o mundo social que separa os diversos atores sociais em grupos distintos, tem a eleição de apenas uma parte dessa *di-visão* ou de uma única visão possível sobre o mundo político. Ao mesmo tempo, ao se atentar para o fato de que o campo evangélico é marcado por uma alta diversidade de denominações e grupos religiosos, com suas respectivas visões sobre o mundo social e político, é possível perceber que há uma supressão do pensamento de parte significativa do meio evangélico.

Bolsonaro não chegou a ser uma unanimidade no campo evangélico. De fato em sua eleição cerca de 40% dos evangélicos declararam não ter votado no presidente eleito. Esse número denota que a representação de Jair Bolsonaro como um “messias” não é unânime entre os evangélicos, o que denota a ação do Gospel Mais e do Gospel Prime como parcial, funcionando de forma homologa a um aparelho de campanha eleitoral.

### **Bolsonaro e nobreza masculina.**

Bolsonaro é retratado como ideal não apenas do ponto de vista eleitoral, a partir de suas propostas políticas para o campo religioso. O retrato do presidente vai muito além disso, ele desenhado como ideal por conta de suas virtudes, é atribuído um carisma de um herói religioso. Herói que vem a salvar o campo religioso das esquerdas e do comunismo, herói da família, contra a mídia e o politicamente correto.

Essa ideia de herói explora a virilidade masculina de Bolsonaro como uma virtude. Já foi ilustrado que os jornais exploram uma narrativa de “guerra santa” contra a luta pelos direitos da mulher, o casamento entre os LGBT, e reivindica uma ortodoxia onde o conservadorismo é o lugar ideal. Diante disso, a narrativa evoca a masculinidade de

Bolsonaro, construída em uma base sólida de conservadorismo e declarações religiosas, como uma das suas maiores virtudes políticas e religiosas.

A dominação masculina, segundo Bourdieu, faz parte da estrutura social e coloca o homem cisgênero como uma espécie de nobre perante todas as formas de classificação socioculturais. Essa condição de nobreza aloca o sexo masculino exercendo sempre uma posição privilegiada na divisão social. De acordo com essa forma hierárquica o sexo masculino passa a ocupar sempre os melhores arranjos, as atividades mais valorizadas, de caráter público e de liderança.

A dominação masculina é um tipo de violência simbólica que confere ao sexo masculino a hegemonia sobre todos os outros gêneros perante as formas estruturais. O homem cisgênero passa a ocupar uma liderança reconhecida pelas instituições sociais sejam elas religiosas, sociais (família), econômicas e políticas. Trata-se de uma forma de liderança inquestionável, que não necessita de justificativa, em suma, uma forma naturalizada de se ver o mundo.

Quando Silas Malafaia evoca que Bolsonaro é um candidato ideal por ser um “homem de família” ele na verdade clama que a única possibilidade de liderança que o evangélico deve escolher reside no sexo masculino. O “homem de família” aqui não é apenas um pai de família, mas sim um homem cisgênero e heterossexual, religioso, e defensor da instituição família contra qualquer arranjo que seja diferente dela. Não há nenhuma menção em nenhum dos textos pesquisado sobre como se dará isso, em que se baseia essa defesa, como se o fato de Bolsonaro pertencer ao sexo masculino resolveria quase que magicamente as questões políticas e religiosas referidas pelos atores religiosos citados.

Ao eleger esse “homem de família” como o líder ideal, a narrativa impõe a mulher uma posição de subalternidade. O que por sua vez, traz a todos os possíveis candidatos femininos como inaptos a liderança do campo político e religioso. Essa inaptidão é perceptível no fato de que a voz que elege Bolsonaro como o candidato ideal é uma voz masculina.

Ademais, todos os líderes religiosos que prestam opinião política nas matérias estudadas são do sexo masculino. Nenhuma opinião feminina sobre Jair Bolsonaro seja do campo evangélico ou mesmo político é ouvida.

A violência simbólica na narrativa sobre as eleições 2018 se evidencia ainda mais quando se compara a representação de Jair Bolsonaro com a de Marina Silva. Enquanto Bolsonaro é o candidato ideal, Marina Silva passa longe de ser bem vista nos artigos

estudados. A representação de Marina Silva a coloca num lugar imediatamente oposto ao de Bolsonaro dentro do campo religioso.

A análise a seguir mostra como essa dicotomia, que é por sua vez a mais bem enfatizada nos textos estudados, é construída, bem como, como ela reverbera entre o campo religioso e midiático.

### **A representação de Marina Silva.**

A representação da candidata Marina Silva (REDE SUSTENTABILIDADE) nos textos jornalísticos da campanha veio cheia de significado, e aponta as condições psicossociais as quais esses foram produzidos. Aqui as dicotomias começam a ganhar forma colocando a candidata como o oposto equivalente do candidato Jair Bolsonaro. Se por um lado Bolsonaro era o imediato representante da fé evangélica, da virilidade masculina, o provedor viril de tudo que anseava a fé evangélica, Marina Silva era a traidora, a pseudo-representante, o elo fraco e titubeante, a candidata que não buscava ser uma representante evangélica.

No texto *“Marina busca apoio de pastores, mas não defende bandeiras evangélicas”*, uma das primeiras matérias sobre a organização da candidata evangélica já aponta essa tendência. A matéria foi feita no início das reuniões dos candidatos para definir a base eleitoral, e informa sobre uma reunião da então candidata com outros líderes evangélicos importantes para discutir sobre suas propostas e os temas defendidos pelo grupo Reforma Brasil, ligado a Igreja Presbiteriana do Brasil. O primeiro parágrafo do texto já deixa claro que não se trata de uma reunião significativa para o campo evangélico:

Ao contrário do que muitas vezes é colocado pela mídia, o eleitorado evangélico é fragmentado e um pastor ou denominação não fala por todos desse segmento. A pré-candidata a presidente da República, Marina Silva (REDE), reuniu-se na noite desta sexta-feira (13), com líderes de igrejas que não veem representatividade na bancada evangélica do Congresso.

Este é um dos poucos textos que mencionam a diversidade do campo evangélico, e logo de antemão já destaca para a pouca representatividade política do grupo dentro da política partidária. Sobre as denominações envolvidas eles simplesmente destacam que entre “os pastores estavam representantes presbiterianos, batistas e luteranos que já apoiaram Marina em eleições anteriores” (ARAGÃO, 2018). Esse primeiro parágrafo alude diretamente ao último, onde, um líder da Igreja Batista destaca Marina de forma positiva:

O pastor Ed René Kivitz, líder da Igreja Batista de Água Branca, que é conselheiro de Marina, estava no evento. Ele diz que ela é a melhor alternativa contra a polarização entre Jair Bolsonaro (PSL) e os outros candidatos da esquerda. “Ela é uma trégua para um país dividido”, sentenciou.

Outro ponto notório do texto é a oposição a Jair Bolsonaro atribuída a Marina Silva e presente em praticamente todos os textos que retratam suas ações na campanha eleitoral. Esse parágrafo por exemplo é antecedido por outro que evoca a mesma ideia:

Segundo o jornal O Estado de São Paulo, o encontro seria para tentar gerar um contraponto a Jair Bolsonaro (PSL), que tem a simpatia de parte dos evangélicos. A ex-senadora pelo PT falou durante o debate sobre a reforma política, encabeçado pelo movimento “Reforma Brasil”.

Há aqui tres elementos chaves sobre a forma de representação de Marina Silva: primeiro elemento trata-se da desqualificação legítima de seus adversários, o contraponto negativo de Marina em relação a Jair Bolsonaro, a predominância de um olhar masculino sobre a candidata da Rede.

O primeiro elemento aqui é recorrente em textos que tratam sobre aliados religiosos e não-religiosos da candidata e sua descaracterização enquanto atores políticos e religiosos. Ao atestar que “o eleitorado evangélico é fragmentado e um pastor ou denominação não fala por todos desse segmento” se atenta para a diversidade evangélica não no sentido de atestar sua importância para o meio evangélico e sim, no sentido de apontar a possível falta de representatividade em relação ao campo evangélico dos personagens apresentados em apoio a Marina. Ao citar a recomendação do pastor Ed René Kivitz sobre a candidata ao final, temos uma ideia de quem esse texto refere, a “quem não fala sobre todos desse seguimento”.

O pastor Ed René Kivitz, da Igreja Batista Água Branca, é teólogo e autor de diversos livros sobre teologia e possui uma posição política crítica em relação a muitos segmentos mais conservadores e é adepto ao diálogo com movimentos sociais. O pastor é colunista da Revista Huffpost, tendo escrito os artigos “Por que sou contra a redução da maioria penal<sup>60</sup>” onde se posiciona contra a proposta de diminuição da idade mínima para aprisionamento no sistema carcerário brasileiro, e “Também sou ateu<sup>61</sup>” onde em um texto lúdico faz críticas a muitos

---

<sup>60</sup>KIVITZ, Eduardo Rene. Por que sou contra a redução da maioria penal. Huffington Post Brasil. 07 de abril de 2015. Disponível em [https://www.huffpostbrasil.com/ed-rene-kivitz/por-que-sou-contra-a-reducao-da-maioridade-penal\\_b\\_7016820.html](https://www.huffpostbrasil.com/ed-rene-kivitz/por-que-sou-contra-a-reducao-da-maioridade-penal_b_7016820.html). Acesso em abril. 2020.

<sup>61</sup>\_\_\_\_\_. Eu também sou ateu. Huffington Post Brasil. 13 de fevereiro de 2015. Disponível em [https://www.huffpostbrasil.com/ed-rene-kivitz/tambem-sou-ateu\\_b\\_6864960.html](https://www.huffpostbrasil.com/ed-rene-kivitz/tambem-sou-ateu_b_6864960.html). Acesso em abril 2020.

temas do conservadorismo brasileiro no campo político. O pastor Kivit se considera moderado, mas não de esquerda.

Essa lógica se repete em relação a próprio grupo anfitrião da reunião, O Movimento Reforma Brasil, ligado a Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, é um grupo que se denomina cristão apolítico, e reivindica uma reforma política que vai desde o “fim do Foro privilegiado” ao “aprimoramento dos mecanismos de seleção dos juízes do STF (Supremo Tribunal Federal)”<sup>62</sup>. Trata-se, como escrito em seu manifesto<sup>63</sup>, de um movimento crítico das relações Igreja-Estado, que prega uma laicidade voltada para dialogo entre o religioso e o secular, sem a prevalencia de nenhum dos dois modelos e sem defender pautas conservadoras em relação a costumes ou a questões de gênero e sexualidade, sendo reivindicações mais focadas no sistema jurídico. É com destaque que logo no primeiro paragrafo a matéria clama que os pastores e líderes em reunião encabeçada pelo movimento não tem representatividade política, não configurando na Bancada Evangélica do Congresso Nacional, que parece então encabeçar a representatividade reinvidicada aqui.

Interprentando a matéria é possível elencar que as estratégias de deslegitimação que configuram a representação da candidata Marina Silva funcionam em quatro eixos: a deslegitimação dos aliados da candidata, a deslegitimação de Marina Silva como representativa para os evangélicos, a dicotomia de forças entre Marina e Jair Bolsonaro, e a descrição de Marina apenas através de um olhar masculino.

Ao passo que em nenhum dos textos se questiona diretamente o sexo da candidata, tudo mais é questionável, seus aliados, suas convicções políticas, seus pronunciamentos ela é apresentada com esse elo fragil, em oposição ao forte e viril capitão Bolsonaro. Enquanto Jair Bolsonaro é o mais bem representado, sendo citado na maioria dos artigos, Marina é seu extremo oposto. Ao invés de Lula e de Fernando Haddad que foram os maiores opositores de facto da campanha eleitoral presidencial de 2018, é Marina, que é a personagem feminina mais presente, que se torna seu discrepante, a negação de tudo que é atribuído a Bolsonaro.

A dicotomia entre masculino e feminino aparece de forma implícita nos enunciados, em forma da dicotomia Marina/Bolsonaro. A dominação masculina aqui aparece reinvidicada pela assimetria de poder entre os dois candidatos, pelo não reconhecimento de Marina Silva como digna de representar os evangélicos no poder, como de esquerda, (podemos notar que o artigo menciona o fato de que ela é ex-senadora pelo Partido dos

---

<sup>62</sup> Movimento Reforma Brasil Disponível em <https://reformabrasil.org/quem-somos/>. Acesso em abril 2020.

<sup>63</sup> Manifesto Reforma Brasil. Disponível em [https://issuu.com/catedralevangelicadesp/docs/manifesto\\_virt](https://issuu.com/catedralevangelicadesp/docs/manifesto_virt). Acesso em: abril. 2020.

Trabalhadores). Essa é a dicotomia mais prevalente na representação de Marina Silva, e se levarmos em consideração de que o debate sobre a vigilância sobre o corpo e formas de sexualidade confluem para outros atores representados durante a campanha não é estranho elencar que a manutenção da oposição masculino/feminino é o tema principal dos artigos sobre a Eleição de 2018.

### **Os aliados de Marina Silva.**

A deslegitimação dos aliados de Marina Silva funciona de forma parecida com o que ocorre no texto “*Marina busca apoio de pastores, mas não defende bandeiras evangélicas*”<sup>64</sup>. Primeiro friza-se a pouca importância dessa aliança para o campo evangélico, ou por meio de desprestígio da atuação desse ator nesse campo religioso em questão, ou caso não seja pertencente ao campo evangélico, essa característica é destacada como uma traição aos ideais evangélicos. Segundo são abordados os aspectos políticos do aliado, suas bandeiras (principalmente no tocante as reivindicações dos movimentos feminista e LGBT), seu peso político, sua representatividade ou falta dela em relação ao campo evangélico de forma a destacar a inadequação dessa aliança para este.

A fórmula se repete em uma matéria publicada pelo Gospel Mais no dia quatro de agosto sobre o vice de Marina Silva, Eduardo Jorge do Partido Verde, intitulada “*Marina Silva lança candidatura neste sábado, com abortista Eduardo Jorge como vice*”<sup>65</sup>.

A candidata Marina Silva (Rede) selou o acordo com o Partido Verde para ter como vice em sua chapa Eduardo Jorge, que em 2014 foi candidato à presidência da República. Jorge é um defensor da legalização do aborto, da maconha, união de pessoas do mesmo sexo e da adoção de crianças por homossexuais. A aliança da dupla de orientação ideológica de esquerda foi anunciada na última quinta-feira, 02 de agosto.

Eduardo Jorge, que é médico e já foi deputado federal, é a favor do aborto. Segundo ele, a legislação que impede a interrupção da gravidez é “machista”.

Além disso, o programa de governo de Eduardo Jorge em 2014 defendia ainda a “imediata legalização” da maconha visando o combate ao tráfico de drogas, e explicitava sua posição de apoio à união homoafetiva, criminalização da “homofobia” e incentivo à adoção de crianças por homossexuais.

“A presença de um defensor da legalização do aborto na chapa de Marina repercutiu mal entre o eleitorado evangélico”, destacou o jornal Folha de S. Paulo, apontando

---

<sup>64</sup>ARAGÃO, Jarbas. *Marina busca apoio de pastores, mas não defende bandeiras evangélicas*. Gospel Prime. 15 de julho de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/marina-apoio-pastores-nao-bandeiras-evangelicas/>. Acesso em: abril 2020.

<sup>65</sup>CHAGAS, Tiago. *Marina Silva lança candidatura neste sábado, com abortista Eduardo Jorge como vice*. Gospel Mais. 4 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/marina-candidatura-abortista-eduardo-jorge-vice-100920.html>>. Acesso em : jul. 2020.

que a maioria dos fiéis adota postura conservadora em todos os temas que Jorge, agora vice de Marina, prega.

“Todo mundo sabe o que eu penso. Minhas posições são claras. Estão no meu programa de governo de 2014 [quando disputou a presidência da República]”, disse Eduardo Jorge na última quinta-feira

A afirmação de Eduardo Jorge reforça a postura de Marina Silva, que pretende criar um plebiscito para debater a legalização do aborto. O argumento da candidata é que 513 deputados não teriam representatividade para manter a legislação como está ou alterá-la: “Por que alguém vai querer que, se 57% são contra, só 513 decidam?”, afirmou ela, fazendo referência à pesquisa Datafolha que mostrou que seis em cada dez brasileiros é contra o aborto.

Assim como no primeiro texto apresentado sobre a candidata Marina Silva logo no título a matéria aponta-se o tema central: ao chamar Eduardo Jorge de abortista destaca-se não a profissão, ou a religião, sequer ao peso político do vice da então candidata, mas as bandeiras que ele defende.

Jorge é um defensor da legalização do aborto, da maconha, união de pessoas do mesmo sexo e da adoção de crianças por homossexuais. A aliança da dupla de orientação ideológica de esquerda foi anunciada na última quinta-feira, 02 de agosto.

A apresentação das bandeiras ideológicas defendidas por Jorge é complementada pela afirmação de que, não só sua indicação, mas também as bandeiras por ele desagradavam o público evangélico.

“A presença de um defensor da legalização do aborto na chapa de Marina repercutiu mal entre o eleitorado evangélico”, destacou o jornal Folha de S. Paulo, apontando que a maioria dos fiéis adota postura conservadora em todos os temas que Jorge, agora vice de Marina, prega.

Segundo o jornal a maioria do eleitorado adota uma postura conservadora, por isso rejeita a adoção de Eduardo Jorge à vice de Marina. Para corroborar com essa afirmação o jornal cita como fonte o artigo da folha de São Paulo, do dia 3 de agosto de 2018, “Vice de Marina é pró-aborto e já criticou criação da Rede”<sup>66</sup>. No artigo da Folha há a afirmação a indicação de Eduardo Jorge, “colocará a presidenciável ainda mais distante da comunidade evangélica por conta de pautas contrárias aos valores cristão”, a qual dá o crédito a um website de “notícias gospel”, sem citar a fonte, o que coloca em xeque a credibilidade da afirmação da matéria da Folha.

A afirmação da perda de apoio evangélico de Marina é algo que ecoou no noticiário sobre as eleições de ambos os websites, algumas vezes, como no exemplo, sem mostrar uma fonte ou uma pesquisa mais direta. Essa tendência será contextualizada mais adiante, mas já

---

<sup>66</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. Vice de Marina Silva é pró aborto e já criticou criação da rede. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/vice-de-marina-silva-eduardo-jorge-e-pro-aborto-e-ja-criticou-criacao-da-rede.shtml>. Acesso em 2020.

se desenha aqui, pois evoca uma desqualificação adiantada de Eduardo Jorge segundo um eleitorado que ainda não teve o devido tempo de manifestar sua opinião sobre.

### **A ilegitimidade de Marina Silva.**

A deslegitimação de Marina Silva como uma candidata viável aos evangélicos ocorre sempre ligada ao enviesamento sobre um olhar masculino. Um artigo publicado no dia 27 de Agosto de 2018 pelo Gospel Prime elenca bem essa situação.

Candidata tem posicionamentos divergentes em questões como aborto e casamento gay. A ex-ministra Marina Silva tem 12% das intenções de voto entre os fiéis. Nas últimas eleições, em 2014, ela contava com 43% de apoio desse segmento. O resultado foi obtido através da pesquisa Ibope/Estado/TV Globo. Marina Silva, do partido Rede Sustentabilidade, é missionária da Assembleia de Deus. Se ela não tivesse perdido o apoio dos cristãos, poderia liderar a corrida presidencial. O eleitorado evangélico expandiu-se desde 2014. De acordo com as pesquisas atuais, naquela época, os evangélicos eram aproximadamente um em cada cinco eleitores. Agora, são um em cada quatro.

#### **Polêmicas**

Quando Marina começou a campanha como candidata a vice-presidente de Eduardo Campos (PSB), e assumiu a cabeça de chapa após a morte do titular, se envolveu em várias polêmicas, entre elas o tema aborto e casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre o aborto, ela já defendeu a realização de um plebiscito para discutir a legalização. Sobre o “casamento gay” por união civil, ela alterou seus discursos. Essa alteração foi interpretada como tentativa de evitar reações negativas no eleitorado religioso. “Acreditávamos que ela era nossa candidata. Quando chegou a questão do aborto, do casamento homoafetivo, ela não se posicionou”, disse o deputado Marco Feliciano que agora é filiado ao partido Podemos. Ainda segundo o parlamentar “ela traiu a questão evangélica” e por esse motivo ele se diz arrependido por ter apoiado Marina em 2014. Ao ser questionada sobre a perda de apoio, ela disse que vai “dialogar com todos os brasileiros, independentemente do credo, da cor e da condição social”.

Diferente da matéria anterior sobre Eduardo Jorge esse artigo mostra uma pesquisa publicada do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) por uma matéria do jornal Estadão intitulada “*Marina perde o apoio que teve de evangélicos em 2014*”<sup>67</sup>, sobre a real perda de apoio entre a população evangélica brasileira. Aqui a matéria postou fontes, mas ao contrário da matéria do Estadão, mostrou apenas as opiniões dos adversários políticos.

Acreditávamos que ela era nossa candidata. Quando chegou a questão do aborto, do casamento homoafetivo, ela não se posicionou”, disse o deputado Marco Feliciano que agora é filiado ao partido Podemos. Ainda segundo o parlamentar “ela traiu a questão evangélica” e por esse motivo ele se diz arrependido por ter apoiado Marina em 2014.

---

<sup>67</sup>ESTADÃO. Marina Silva perde apoio entre evangélicos. 26 de agosto de 2020. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,marina-perde-o-apoio-que-teve-de-evangelicos-em-2014,70002474614>. Acesso em 2020.

Aqui Marco Feliciano a elenca como traidora da questão evangélica, por não se posicionar com relação ao aborto e ao “casamento gay”. Como se pode observar é recorrente a estratégia de associação de bandeiras de cunho sexual à Marina Silva, o tema aborto mais um vez aparece aqui frizando a falta de posição, ou de oposição, da então candidata em relação ao tema. Por sua vez, nenhum artigo menciona o literal apoio da candidata em relação ao tema, ou a qualquer bandeira de igualdade sexual, seja ela feminista, LGBTQ, apenas acena para sua falta de uma *opinião mais dura*, a falta de um rechaço completo ou de uma proposta de banimento do tema do ethos social brasileiro.

Em outras matérias Marina é tida como titubeante, indecisa, e incoerente como se pode ver em outros dois trechos de matérias publicadas pelo Gospel Mais. O primeiro no dia 28 de agosto tratava do uso de armas de fogo na infância de Marina:

Marina usava espingarda para se proteger de abusos na infância; Incoerência é criticada nas redes.

Marina Silva (Rede) entrou numa nova polêmica envolvendo a coerência de suas posturas políticas. Ao declarar que se protegia com uma espingarda durante a infância para não sofrer abusos sexuais, as críticas nas redes sociais foram intensas, já que atualmente a candidata se opõe à proposta de revisão do Estatuto do Desarmamento, feita por Jair Bolsonaro (PSL). Antes disso, a candidata – evangélica e membro da Assembleia de Deus – já havia se posicionado a favor da realização de um plebiscito sobre a legalização do aborto e das drogas, o que vai contra o entendimento comum no meio cristão a respeito dos temas. A polêmica surgiu quando um trecho de sua entrevista concedida à revista Marie Claire, em março deste ano, repercutiu nas redes sociais. Nela, a jornalista Maria Laura Neves questiona se Marina Silva sofreu algum tipo de abuso sexual enquanto cortava seringa Acre com as irmãs, já que o ambiente dessa atividade é majoritariamente masculino. (...)Marina acredita que a postura de sua mãe para proteger as filhas era compreensível, mas considera inaceitável que outros tenham a liberdade de tentar proteger os seus da mesma forma: “Crianças, em vez de trabalhar, deveriam estar na escola, em vez de ter que se proteger de agressão, deveriam estar sendo protegidas por suas famílias ou governos”, afirmou.<sup>68</sup>

O segundo dia 8 de outubro, um dia depois do segundo turno:

Titubeante, Marina Silva perde apoio dos evangélicos e fica atrás de Daciolo  
A apuração dos votos da eleição presidencial levou Marina Silva (Rede) a um opróbrio político indisfarçável: a terceira colocada dos dois últimos pleitos – acumulando 20 milhões de votos em 2010 e 22 milhões em 2014 – terminou a disputa de 2018 com pouco mais de 1 milhão de votos, ficando atrás, inclusive, do folclórico estreante Cabo Daciolo (Patriota), que obteve 1,3 milhão.  
Essa derrocada da ex-senadora e ex-ministra nos governos Lula (PT) pode ser medida por diversos fatores, mas principalmente, pelo esvaziamento do apoio do

---

<sup>68</sup> CHAGAS, Tiago. Marina usava espingarda para se proteger de abusos na infância; Incoerência é criticada nas redes. Gospel Mais. 28 de agosto de 2018. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/marina-espingarda-protoger-abusos-incoerencia-criticada-101788.html>. Acesso em abril de 2020.

segmento evangélico. A postura titubeante sobre aborto e legalização de drogas levou Marina Silva a uma espécie de descrédito junto aos seus irmãos na fé.<sup>69</sup>

Se pode reparar que em ambos os trechos pouco se fala sobre a real plataforma de governo de Marina, sobre suas propostas, que aliás não são mencionadas em nenhum texto, se fala sobre o que ela deixou de apoiar ou se posicionar, se fala sobre *falta*. A *falta* aqui se refere a não adoção da proposta de uma ação ou opinião imperiosa sobre os temas tratados, a *falta* de uma forma efetiva, competente, *masculina*, de se resolver os assunto públicos. “Incoerente” e “titubeante” não são adjetivos aos quais se elenca o líder político, ou religioso, que deve ter, mas aqui nesse caso, são cobradas ações orientadas pelos princípios não religioso, mas sociopolíticos defendidos pelos líderes políticos e religiosos que moldam sua visão sobre a candidata, assim como, pela linha editorial dos jornais pesquisados.

Plebiscito é a palavra que mais ecoa nos artigos jornalísticos estudados que cobrem a campanha de Marina Silva, e que segundo a narrativa de sua representação é um tema que atesta sua ilegitimidade enquanto representante do campo evangélico. Segundo o Artigo N°2 da lei 9.709<sup>70</sup> do regimento da Presidência da República, “Plebiscito e referendo são consultas formuladas ao povo para que delibere sobre matéria de acentuada relevância, de natureza constitucional, legislativa ou administrativa”. De acordo com essa definição ao propor um plebiscito para temas como o aborto, casamento homoafetivo, Marina Silva apenas propõe a consulta ao povo, sobre temas que são sensíveis a ele, o que promoveria um debate mais amplo, como ela mesmo citou no ultimo artigo, do que apenas em uma câmara de deputados, legitimaria adoção ou a rejeição desse tema um ambito público, sem necessário o envolvimento direto do Executivo e do Estado, o que de um ponto de vista de política pública pode ser considerado uma boa ideia.

A proposta de plebiscito evoca um dialogo aberto com a população sobre um tópico interessante a ela, é dar, acima de tudo, autonomia a uma sociedade para decidir sobre uma questão social que abarca sua visão de mundo. Propor um diálogo, dar autonomia, significa uma grande divergência em relação a Jair Bolsonaro, que prega simplesmente “acabar com isso”, que já tem uma medida direta, imediatista, objetiva, em suma *viril*, de lidar com assuntos públicos. O descontentamento sobre Marina Silva na narrativa da cobertura dos websites se resume na cobranã de uma ação direta, efetiva, que contemple os anseios dos

---

<sup>69</sup> CHAGAS, Tiago. Titubeante, Marina Silva perde apoio dos evangélicos e fica atrás de Daciolo. 8 de outubro de 2018. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/marina-silva-perde-apoio-evangelicos-daciolo-103159.html>. Acesso em abril de 2020.

<sup>70</sup> Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

líderes políticos e religiosos, todos do sexo masculino, que pedem a chancela do Estado para seu favorecimento em questões de cunho não obrigatoriamente exclusivas do campo evangélico.

Muitas matérias tratam do ponto de vista do pastor Silas Malafaia, pastor e líder ministerial da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, sobre a candidata Marina Silva. Vídeos e mensagens das redes sociais do pastor são publicadas por textos jornalísticos em que quase sempre o pastor condena as opiniões e propostas de Marina Silva, endossando sua inadequação como líder política e como evangélica. Chama atenção um dos primeiros artigos sobre Malafaia, intitulado “ ‘Marina envergonha os cristãos’, diz Malafaia ao criticar proposta de plebiscito para aborto e maconha”,<sup>71</sup> onde o pastor diz:

A proposta de plebiscito para descriminalização do aborto e da maconha feita por Marina Silva (Rede) suscitou revolta no pastor Silas Malafaia, que produziu um vídeo apontando argumentos contra a bandeira levantada pelo movimento feminista e abraçada pela pré-candidata à presidência como tema a ser discutido em campanha. Malafaia foi duro em suas palavras, pedindo aos cristãos brasileiros que não votem em Marina Silva, pois ela teria negado sua fé. “Você já viu um muçulmano negar suas crenças e valores? Não. Você já viu um marxista negar suas crenças e valores? Não. Agora vem Marina com essa falácia de plebiscito para o povo decidir sobre aborto e liberação das drogas. Pior do que um ímpio é um cristão dissimulado”, disparou Malafaia.

“Deixa eu dizer uma coisa, Marina: que conversa fiada que a mulher decide sobre seu próprio corpo, como se o pequeno bebê fosse prolongamento do corpo da mulher? O agente ativo na gestação é o pequeno bebê. A mulher é o passivo. É ele que torna habitável o útero da mulher. Se ele não estivesse protegido por aquela ‘cápsula’ era expulso como corpo estranho”, acrescentou o pastor, rebatendo argumentos usados pelo movimento feminista.

Ecoa nesse texto a ideia de traição de Marina em relação ao campo evangélico, mostrada anteriormente na fala de Marcos Feliciano. Para evocar essa traição por meio da negação dos valores desse campo por Marina ele diz: “você já viu um marxista negar suas crenças e valores?” e completa com “você já viu um muçulmano negar suas crenças e valores?”. Ao tentar fazer um aceno de que Marina estava negando suas crenças e valores como mulher evangélica, ele não compara ela a uma muçulmana ou a uma marxista que não nega suas crenças, ele usa o artigo “um” que nos remete a pensar em “um homem muçulmano” ou “um homem marxista” que não nega suas crenças, passando a ideia de que ela não se equipara a um homem determinado, mesmo que de ideologia e crença conflitante.

---

<sup>71</sup> CHAGAS, Tiago. “Marina envergonha os cristãos”, diz Malafaia ao criticar proposta de plebiscito para aborto e maconha. Gospel Mais. 26 de junho de 2018. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/marina-envergonha-cristaos-malafaia-plebiscito-aborto-99539.html>. Acesso em julho de 2020.

A visão misogina do pastor é reforçada nos argumentos deste contra o aborto. Para além dos argumentos em si serem ou não válidos, o pastor diz “que conversa fiada que a mulher decide sobre seu próprio corpo”, ao invés de diretamente questionar o fato de que o feto não é parte do corpo da mulher ele prefere começar questionando a própria autonomia da mulher sobre seu corpo. Fica mais ainda evidente quando ele evoca os eixos de força “o bebê (masculino) é o ativo” enquanto a “a mulher é o passivo” é “ele que torna habitável o útero da mulher”, a “capsula”, para segundo a matéria rebater argumentos do movimento feminista.

Outro ponto interessante é a indignação do pastor sobre a proposta do “povo decidir sobre aborto e liberação das drogas”, já que as pesquisas indicam que 57% da população brasileira é contra o aborto não é maior a probabilidade do aborto não ser aprovado em um plebiscito? Mais uma vez, a indignação em torno da proposta de plebiscito sobre reivindicações de movimentos sociais vem por parte de um líder evangélico que parece mais indignado com o debate a ser suscitado em torno disso do que com a aprovação ou não do plebiscito. Afinal, nessa visão em particular, “a mulher é o passivo” “ela não deve decidir sobre seu próprio corpo”, o que uma líder evangélica segundo Malafaia deveria fazer é adotar uma atitude “masculina” e encerrar o assunto de forma arbitrária, ativa, de novo “*viril*”.

A descrição da ex-senadora por olhos masculinos não acontece apenas por parte daqueles que a criticam, mas também pelos seus aliados. Vide o caso de Eduardo Jorge e do pastor Ed Kivitz, que apesar de terem sua importância diminuída no enunciado do texto, todos tem mais abertura, o que significa aqui em mais espaço no enunciado, até do que a própria Marina, para expressar sua visão sobre a líder política da Rede. Ainda que as repostas e declarações de Marina Silva constem no enunciado dos textos, elas vem sempre rebatidas ou minimizadas, enquanto a voz off masculina ecoa nos textos, sendo a voz dominante.

### **Marina e Bolsonaro.**

A dinâmica da relação de disparidades entre Marina Silva e Jair Bolsonaro foi outro eixo central de sua representação na cobertura das eleições pelos portais de jornalismo estudados. Nessa dinâmica Marina Silva aparece sempre cobrada em ações e posicionamentos sobre os mais variados temas que Jair Bolsonaro demonstra tomar uma posição ideal. No artigo “*Marina cai e Bolsonaro tem o triplo da intenção de votos entre evangélicos*” do dia 1 de setembro de 2018, do Gospel Mais, a explicação para a queda segundo Thiago Chagas, ator da matéria seria essa:

O relatório divulgado pelo Ibope na última terça-feira, 11 de setembro, mostrou que dentre os entrevistados que se declararam evangélicos, Marina Silva caiu de 15% para 10%, enquanto Bolsonaro aumentou sua vantagem sobre os demais: saltou de 29% para 33%.

A diferença de desempenho nas pesquisas encontra explicação na postura dos dois candidatos: Marina Silva titubeia em questões como aborto e drogas, e sua posição oficial sobre os temas nesta campanha é a realização de um plebiscito para definir se aborto e drogas devem ser legalizados no país; Bolsonaro, conservador, posiciona-se contrário à mudança nas leis atuais nos dois assuntos.

Mais uma vez a questão paira sobre o aborto, ou seja, o controle sobre o corpo feminino, e mais uma vez a questão do plebiscito é citada, e a “postura” a essas questões atribuída a Marina é a de titubeante. O oposto é dito sobre Bolsonaro, que ao invés de titubear se “posiciona” diretamente como “contrário” a mudança nas leis. Independente da postura dos candidatos, chama a atenção o uso dos verbos “titubear” e “posicionar” mediante uma “postura”, urge aqui o clamor por uma posição arbitrária, definitiva, uma maneira masculina de lidar com questões complexas.

No artigo que cobria sobre o primeiro debate entre os presidencialistas, essa disputa entre os candidatos não só chegou ao ápice como foi retratada seguindo as formas de produção já apontadas.

Debate: Bolsonaro critica postura flexível de Marina pró-aborto e candidata cita Provérbios.

Um novo embate envolvendo Jair Bolsonaro (PSL) marcou o debate presidencial da RedeTV!, realizado na última sexta-feira, 17 de agosto. A oponente, dessa vez, foi a candidata Marina Silva (Rede Sustentabilidade), que citou a Bíblia para criticar a postura do oponente logo após se defender de críticas sobre aborto e drogas, dizendo que o Estado é laico. O confronto começou com Marina Silva atacando a postura de Jair Bolsonaro em relação às diferenças salariais entre homens e mulheres. O candidato do PSL acredita que o Estado não deve se intrometer nessa questão porque a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) já define a igualdade. A candidata da Rede reagiu criticando Bolsonaro, dizendo que a visão dele em relação aos problemas que o Brasil enfrenta, como a segurança pública, por exemplo, é por ordem “no grito e na violência”. “Você acha que pode resolver tudo no grito, na violência. Nós somos mães, nós educamos os nossos filhos. A coisa que uma mãe mais quer é ver um filho sendo educado para ser um cidadão de bem. E você fica ensinando para os nossos jovens que têm de resolver as coisas na base do grito, Bolsonaro. Você é um deputado, você é pai de família. Você um dia desses pegou a mãozinha de uma criança e ensinou como é que se faz para atirar”, criticou Marina. Jair Bolsonaro não recuou, e pontuou pontos polêmicos da candidatura da oponente: “Temos aqui uma evangélica que defende o plebiscito para aborto e maconha e quer agora defender a mulher. Você não sabe o que é uma mulher, Marina, que tem um filho jogado no mundo das drogas. Você não sabe o que é isso para defender um plebiscito nesse sentido. Eu defendo a mulher e defendo inclusive a castração química para estupradores”, enfatizou. A essa altura, Marina tentou interrompê-lo, e Bolsonaro impediu: “Não, não, não. A senhora não pode me interromper”, argumentou, antes de continuar seu raciocínio, argumentando que mulheres devem ter direito à posse de armas de fogo em casa para uso pessoal em proteção a si mesma. Marina, então, usou raciocínios conflitantes para responder a Bolsonaro. Começou citando a passagem bíblica de Provérbios 22:6, que diz “ensina a criança

no caminho em que deve andar e, mesmo quando for idoso, não se desviará dele”, acusou o candidato líder nas pesquisas de promover a violência, e concluiu dizendo que sua postura a favor de um plebiscito sobre aborto e drogas se deve ao fato de que “numa democracia, o Estado é laico”. Causa estranhamento o fato de Marina citar a Bíblia para criticar a postura de outro concorrente à presidência da República durante um debate, mas deixar sua fé de lado para defender um plebiscito sobre descriminalização das drogas e aborto porque o conceito de Estado laico, supostamente, a obriga a se portar dessa forma. Ou a fé vale como influência em tudo, ou não vale para nada. Bolsonaro reiterou que combaterá a “ideologia de gênero” e a “partidarização” em sala de aula, confirmando que pretende incluir métodos das escolas militares – que possuem alto índice de aprendizado e notas – nas escolas do ensino fundamental, como forma de melhorar a qualidade da educação.<sup>72</sup>

Nota-se que na primeira parte do diálogo mostrado pela matéria, Marina Silva reproduz uma crítica sobre Bolsonaro, denunciando o uso de violência simbólica pelo deputado:

“Você acha que pode resolver tudo no grito, na violência. Nós somos mães, nós educamos os nossos filhos. A coisa que uma mãe mais quer é ver um filho sendo educado para ser um cidadão de bem. E você fica ensinando para os nossos jovens que têm de resolver as coisas na base do grito, Bolsonaro. Você é um deputado, você é pai de família. Você um dia desses pegou a mãozinha de uma criança e ensinou como é que se faz para atirar”

O jornal destaca a declaração onde Marina se vê como mãe, como mulher. Em suma ela destacou que a violência proferida por Bolsonaro em suas resoluções de questões sociais seria um perigo para família, para a educação, pois prejudicaria o papel da mãe em criar o seu filho. A candidata vai ainda a um tom sentimental, apelando a posição de Bolsonaro como pai, afinal se ele é pai, ele deve se colocar no lugar não só de outros pais, mas de outras mãe que perdem seus filhos para violência. Aqui os gêneros dos candidatos são colocados em voga de forma mais explícita, e a instituição família é usada para repreender Bolsonaro não só sobre suas declarações polêmicas, já mostrada na análise anterior, mas pelo fato de ter ensinado uma criança a atirar, numa demonstração que ela própria, Marina Silva, também reproduz a lógica de dominação dessas estruturas em algum grau.

A resposta de Bolsonaro foi certa em enfatizar os pontos de “contradição” em Marina, reiterar sua intenção de fazer um plebiscito:

Temos aqui uma evangélica que defende o plebiscito para aborto e maconha e quer agora defender a mulher. Você não sabe o que é uma mulher, Marina, que tem um filho jogado no mundo das drogas. Você não sabe o que é isso para defender um

---

<sup>72</sup>CHAGAS, Tiago. “Marina envergonha os cristãos”, diz Malafaia ao criticar proposta de plebiscito para aborto e maconha. 26 de julho de 2018. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/debate-bolsonaro-critica-marina-aborto-proverbios-101449.html>. Acesso em abril de 2020.

plebiscito nesse sentido. Eu defendo a mulher e defendo inclusive a castração química para esturpadores

Aqui Bolsonaro age de fato como um pai, um homem provedor: Marina não sabe o que é ser “uma mulher com filho jogado no mundo das drogas”, ao que Bolsonaro é mais qualificado para saber, ainda que não tenha mencionado nenhum “filho no mundo das drogas”. O capitão reitera, que ele defende a “mulher” não pode faze-lo, pois ela defende o plebiscito, coisas totalmente distintas e opostas, e que para defender a “mulher” infringiria a “castração química a esturpadores”, em suma protegeria essa “mulher” de outros “homens” mediante uma medida violenta de retirar destes, o falo. Aqui temos Jair Bolsonaro como esse pai defensor e provedor, que sabe o que é melhor para a “mulher” e para seu “filho”, infringindo violência aos corpos de outros homens se possível, diante de uma Marina contraditória, uma mãe que ignora outras “mães” e seus “filhos”.

Até essa parte é um debate normal a ser mostrado por uma matéria jornalística, mas ao demonstrar Marina Silva, missionária da Assembleia de Deus, evocando uma passagem da Bíblia o diálogo cessa e o redator do artigo assume a narrativa do texto.

Marina, então, usou raciocínios conflitantes para responder a Bolsonaro. Começou citando a passagem bíblica de Provérbios 22:6, que diz “ensina a criança no caminho em que deve andar e, mesmo quando for idoso, não se desviará dele”, acusou o candidato líder nas pesquisas de promover a violência, e concluiu dizendo que sua postura a favor de um plebiscito sobre aborto e drogas se deve ao fato de que “numa democracia, o Estado é laico“. Causa estranhamento o fato de Marina citar a Bíblia para criticar a postura de outro concorrente à presidência da República durante um debate, mas deixar sua fé de lado para defender um plebiscito sobre descriminalização das drogas e aborto porque o conceito de Estado laico, supostamente, a obriga a se portar dessa forma. Ou a fé vale como influência em tudo, ou não vale para nada.

A evocar seu conhecimento sobre a Bíblia, em suma, sua posição no campo religioso evangélico, o próprio autor do texto desqualifica a fala de Marina ao apontar “raciocínios conflitantes”. O autor então responde pelo próprio Bolsonaro ao apontar a incoerência de Marina Silva em relação a sua posição de defender o plebiscito (mais uma vez) e vai direto ao ponto - “Ou a fé vale como influência em tudo, ou não vale para nada”. Aqui temos uma linha que expõe bem as idiosincrasias as quais o autor do texto se apega e endoça que Marina Silva, não tem legitimidade para ser lider política evangélica, pois por respeitar um Estado de base secular, trai sua fé, sua religião e sua posição como mulher que seria a de responder apenas as reivindicações e vontades desses líderes, homens religiosos, muito mais inclinados a alguém direto, posicionado, e arbitrário, em suma *viril*, como Jair Bolsonaro.

A dominação masculina de acordo com Bourdieu é um exemplo primordial de violência simbólica, ela está ancorada das relações sociais, na rotina, na divisão sexual do trabalho e nas estruturas de classificação do mundo social. Trata-se de um tipo de violência simbólica onde o homem sai sempre em vantagem na economia de trocas simbólicas, onde os bens simbólicos, sociais, e econômicos são naturalizados como uma primazia universalmente concedida ao sexo masculino.

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas iminentes a todos os habitus: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. ( BOURDIEU, 2012 . p, 45)

Essa forma de dominação, que confere ao homem um espaço de vantagem em todos os campos da sociedade é baseada em uma “visão androcêntrica do mundo”, uma perspectiva masculina sobre as coisas, fazendo com que tudo que é masculino seja tomado como medida para todas as coisas. Essa “visão androcêntrica” organiza uma “divisão sexual de reprodução e produção da vida”, onde a mulher e tudo que é feminino sai em desvantagem, visto como inferior, diminuído, com menor valor. Ela se inscreve nas práticas cotidianas pelo fato de que “legítima pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas” ( BOURDIEU, 2012 p. 45), o que implica em entender a posição desfavorável da mulher como algo lógico, natural, que dispensa maiores explicações.

Trata-se de um forma de dominação que penetra nas estruturas de pensamento social e é encarada pela sociedade como uma forma naturalizada de pensamento, e é nisso que reside sua violência: se ela é imperceptível, e então, inquestionável. Estar dentro dessas estruturas de pensamento de acordo com Bourdieu significa que ela encontra respaldo em vários aspectos da vida social, de forma quase sempre imperceptível. E é aí que reside o perigo pois se as práticas sociais são justificadas pela estruturas de pensamento, então a própria violência objetiva é legitimada pela violência simbólica.

Segunda essa visão, o sistema mítico, ou seja, de crenças, que ainda que subjetivas, se inscrevem de modo objetivo no mundo social, que avaliza a divisão masculino/feminino amplia essa desigualdade de forma que ela se inscreve como forma universal de percepção da

realidade. Nessa forma de perceber o mundo social, a mulher perde a legitimidade como sujeito, tornando-se objeto, torna-se um valor na economia das trocas simbólicas. De acordo com Bourdieu,

o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, que estão na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens. (BOURDIEU 2012 p. 55)

É claro que como reconhece o próprio Bourdieu “a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível” (2012 p.54) graças ao papel do movimento feminista, que tem trabalhado para questionar a relação de submissão das mulheres na sociedade e abrir caminhos para mulher na educação e no mercado de trabalho. Entretanto, toda as mulheres ainda tem um longo caminho para atingir a igualdade na sociedade, sobretudo no que concerne a natureza dos espaços frequentados. Ao analisar a realidade francesa da década de 90 Bourdieu assinala que em número

maior que os rapazes, quer para obtenção do bacharelado, quer nos estudos universitários, as moças estão bem menos representadas nos departamentos mais cotados, mantendo-se sua representação inferior nos Departamentos de Ciências, ao passo que cresce nos Departamentos de Letras. Nos liceus profissionais elas permanecem, igualmente, direcionadas sobretudo para as especializações tradicionalmente consideradas "femininas" e pouco qualificadas (como as de empregadas da coletividade ou do comércio, secretariado e profissões da área de saúde), ficando certas especialidades (mecânica, eletricidade, eletrônica) praticamente reservadas aos rapazes. (2012, p 109)

A mesma tendência apontada por Bourdieu acontece no panorama brasileiro da atualidade. Cerca de 40% da população ocupada no mercado de trabalho brasileiro é composto por trabalhadores do sexo feminino, a mesma proporção vai para o número de chefes de famílias (IBGE, 2016). No ensino superior a mulher corresponde por 60% da matrículas, sendo maioria entre mestre (60%) doutores (55%) e com menores níveis de evasão acadêmica (CAPES, 2016) em relação ao estudantes do sexo masculino.

A despeito desses avanços, o panorama do mercado de trabalho e do ensino superior ainda é desfavorável para as mulher. As carreiras mais remuneradas e os postos de liderança do mercado de trabalho ainda estão reservados aos homens, sendo que nos mesmos postos, as mulheres ainda recebem 30% a menos que os homens (EAGLEY et al, 2013). No mundo acadêmico a situação feminina se coloca de forma equivalente com das mulheres em cursos

ligados ao ensino 76,5% sendo a maior parte na área de humanidades enquanto os homens ocupam as áreas das exatas 68% e ciências da computação 65% (INEP, 2015).

Vê-se então que a teoria de Bourdieu sobre a dominação masculina encontra equivalentes na realidade brasileira, onde mesmo com muitos avanços, a divisão social do trabalho ainda encontra um eixo de determinismo no gênero. Apesar de não ser mais um poder inquestionável, e da luta da própria mulher pela igualdade de gênero, a visão androcentrica persiste em eleger o homem e a masculinidade a um local privilegiado nas estruturas de pensamento. Como resultado:

qualquer que seja sua posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem, e está na própria base de um conjunto sistemático de diferenças homólogas. (BOURDIEU, 2012, p. 111)

Isso se traduz no fato de que uma vez que tudo o que é masculino é ligado a objetividade, a competência, ao que é público, enquanto tudo o que é feminino é delicado, afável, subjetivo, e ao âmbito privado (BOURDIEU 2012). Em posições de trabalho e poder a mulher sempre encontra obstáculos relacionados ao seu gênero pois sempre lhe é cobrada uma postura homóloga a um comportamento masculino. Bourdieu cita o fato de que os elogios e críticas à mulher em ambiente profissional sempre são muitas vezes direcionados, de forma inconsciente, a sua feminilidade, o que torna difícil, aos olhares masculinos, atribuir seriedade a sua performance profissional

É possível encontrar ecos dessa lógica binária na representação de Marina Silva durante a cobertura das eleições presidenciais de 2018 na predominância de descrição da então candidata por um olhar masculino, na interpretação de suas posturas e propostas políticas segundo a lógica da *falta*, na deslegitimação da então candidata como representante religiosa, e na constante comparação com o Jair Bolsonaro.

Uma lógica semelhante a da *falta* infligida a Marina Silva é percebida por Bourdieu nos seus estudos da sociedade Cabilla, do norte da África que:

a mulher estando constituída como uma entidade negativa, definida apenas por falta, suas virtudes mesmas só podem se afirmar em uma dupla negação, como vício negado ou superado, ou como mal menor. Todo o trabalho de socialização tende, por conseguinte, a impor-lhe limites, todos eles referentes ao corpo, definido para tal como sagrado, h'aram, e todos devendo ser inscritos nas disposições corporais. (2012, p. 12)

Essa visão paternalista inflige a mulher cabila um padrão de comportamento em que seu comportamento é definido em uma moral rígida resumida diretamente ao cuidado do seu corpo: da sua vestimenta ao seu modo de se comportar socialmente. Essa forma de se perceber e se comportar no mundo social, segundo Bourdieu (2012), é observável também no mundo ocidental, e cria um mundo de costume a qual pode-se considerar um *habitus feminino*. Esse *hábitus feminino* colocaria “situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos” enquanto o *habitus masculino* estaria situados do lado do exterior, “do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares” (BOURDIEU, p.41).

Num mundo social em que define a mulher como pertencente um trabalho “privado” enquanto ao homem o “público”, Marina Silva compreensivamente se insere em uma transgressão ao almejar o cargo máximo da política brasileira. Mesmo com as conquistas conseguidas pelas mulheres no mercado de trabalho, os cargos de chefia ainda são majoritariamente masculinos, e com a persistência da dominação masculina, a mulher para conseguir avançar nesses cargos deve

possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estatura física, uma voz ou aptidões como a agressividade, a segurança, a "distância em relação ao papel", a autoridade dita natural etc, para as quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens. (BOURDIEU, 2012 p. 40)

Na lógica dos autores dos jornais pesquisados Marina Silva não seria uma líder política com representação legítima aos evangélicos, por ser *titubeante, contraditória*, não estar diretamente inclinada a adotar uma postura mais arbitrária, em suma *máscula*, qualidades que Jair Bolsonaro, mesmo com pouca experiência como *player* no campo evangélico, teria de sobra a oferecer. Marina é retratada do ponto de vista de líderes religiosos masculinos apenas pelas suas faltas, sendo respeitada por homens de menos valor ou significância para o campo evangélico, que por sua vez, necessita de um posicionamento duro, oficial, e enquanto oficial, definitivo e ainda agressivo para imposição de um agenda com interesses ortodoxos, ao menos do ponto de vista dos líderes que possuem voz na narrativa criada pelos textos dos websites estudados. As reivindicações de Silas Malafaia e Marco Feliciano giram em torno da adoção de uma postura de proteção em torno de medidas

como o aborto, a “ideologia de gênero”, “casamento homossexual”, temas ligados ao questionamento e subversão da visão androcêntrica de mundo social, perigoso do ponto de vista de líderes que reivindicam o retorno da inquestionabilidade dessa visão não só ao campo religioso evangélico mas ao campo político e social num todo, e que só uma postura masculina pode atender.

O plebiscito é “é uma consulta prévia à população sobre determinada questão de interesse coletivo” (AUAD et al, 2004, p. 300 ). Tal consulta é feita de forma anterior a decisões dos poderes legislativo e judiciário, cabendo ao voto popular sua aprovação (AUAD et al, 2004 p. 303), sendo que o plebiscito pode ser amplo, para debater sobre questões de domínio público ou orgânico para tratar sobre assuntos de uma população específica(AUAD et al, 2004). Um plebiscito quando bem formulado pode suscitar um amplo diálogo sobre o assunto em questão.

É no diálogo que reside a indignação dos líderes evangélicos que criticam Marina Silva por sua proposta de plebiscito sobre questões de domínio público. Afinal não só o *habitus religioso* tem em sua natureza a “absolutização do relativo e a legitimação do arbitrário” (BOURDIEU, 2007, p 69) para a organização do mundo social, como também, seguindo o princípio de dominação masculina, o diálogo é incompatível com o exercício de um poder masculino, que se exerce de forma definitiva e descontínua. Alicerçado a isso temos uma lógica de divisão sexual do trabalho que entende a liderança como uma função paternalista, como Bourdieu exemplifica ao tratar da forma organizacional em empresas e grupos públicos.

O mundo do trabalho está, assim, repleto de pequenos grupos profissionais isolados (serviços de hospital, gabinetes de ministérios etc.) que funcionam como quase famílias, nos quais o chefe do serviço, quase sempre um homem, exerce uma autoridade paternalista, baseada no envolvimento afetivo ou na sedução, e, ao mesmo tempo, sobrecarregado de trabalho e tendo a seu encargo tudo que acontece na instituição, oferece uma proteção generalizada a um pessoal subalterno. (BOURDIEU, 2012 p. 73)

Essas disposições acontecem não só no campo do trabalho, mas “em todas as manifestações visíveis de diferença entre os sexos” (BOURDIEU, 2012 p.73). Isso se inscreve em seu vestuário, comportamento e formas como as mulheres se introduzem no âmbito público de suas vidas. Uma vez que a função pública é entendida como uma função masculina, a violência simbólica da dominação masculina inflige sanções as mulheres quando se apresentam em um debate público:

Quando elas participam de um debate público, elas têm que lutar, permanentemente, para ter acesso à palavra e para manter a atenção, e a diminuição que elas sofrem é ainda mais implacável por não se inspirar em má vontade explícita e se exercer com

a inocência total da inconsciência: cortam-lhes a palavra, orientam, com a maior boa-fé, a um homem a resposta a uma pergunta inteligente que elas acabam de fazer (como se, enquanto tal, ela não pudesse, por definição, vir de uma mulher). (BOURDIEU, 2012, p 74)

Essa mesma sanção é percebida nos textos que tratam sobre Marina Silva, que apesar de sempre mostrarem suas falas e pronunciamentos o fazem de forma reduzida em relação outro ator político masculino representado, e quase sempre, com uma explicação ou rebatida do autor. Perceba na íntegra de matéria dedicada ao debate presidencial como se pode ver por exemplo no primeiro texto da análise da representação da ex-Senadora.

Debate: Bolsonaro critica postura flexível de Marina pró-aborto e candidata cita Provérbios.

Um novo embate envolvendo Jair Bolsonaro (PSL) marcou o debate presidencial da RedeTV!, realizado na última sexta-feira, 17 de agosto. A oponente, dessa vez, foi a candidata Marina Silva (Rede Sustentabilidade), que citou a Bíblia para criticar a postura do oponente logo após se defender de críticas sobre aborto e drogas, dizendo que o Estado é laico.

O confronto começou com Marina Silva atacando a postura de Jair Bolsonaro em relação às diferenças salariais entre homens e mulheres. O candidato do PSL acredita que o Estado não deve se intrometer nessa questão porque a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) já define a igualdade.

A candidata da Rede reagiu criticando Bolsonaro, dizendo que a visão dele em relação aos problemas que o Brasil enfrenta, como a segurança pública, por exemplo, é por ordem “no grito e na violência”.

“Você acha que pode resolver tudo no grito, na violência. Nós somos mães, nós educamos os nossos filhos. A coisa que uma mãe mais quer é ver um filho sendo educado para ser um cidadão de bem. E você fica ensinando para os nossos jovens que têm de resolver as coisas na base do grito, Bolsonaro. Você é um deputado, você é pai de família. Você um dia desses pegou a mãozinha de uma criança e ensinou como é que se faz para atirar”, criticou Marina.

Jair Bolsonaro não recuou, e pontuou pontos polêmicos da candidatura da oponente: “Temos aqui uma evangélica que defende o plebiscito para aborto e maconha e quer agora defender a mulher. Você não sabe o que é uma mulher, Marina, que tem um filho jogado no mundo das drogas. Você não sabe o que é isso para defender um plebiscito nesse sentido. Eu defendo a mulher e defendo inclusive a castração química para estupradores”, enfatizou.

A essa altura, Marina tentou interrompê-lo, e Bolsonaro impediu: “Não, não, não. A senhora não pode me interromper”, argumentou, antes de continuar seu raciocínio, argumentando que mulheres devem ter direito à posse de armas de fogo em casa para uso pessoal em proteção a si mesma.

Marina, então, usou raciocínios conflitantes para responder a Bolsonaro. Começou citando a passagem bíblica de Provérbios 22:6, que diz “ensina a criança no caminho em que deve andar e, mesmo quando for idoso, não se desviará dele”, acusou o candidato líder nas pesquisas de promover a violência, e concluiu dizendo que sua postura a favor de um plebiscito sobre aborto e drogas se deve ao fato de que “numa democracia, o Estado é laico”.

Causa estranhamento o fato de Marina citar a Bíblia para criticar a postura de outro concorrente à presidência da República durante um debate, mas deixar sua fé de lado para defender um plebiscito sobre descriminalização das drogas e aborto porque o conceito de Estado laico, supostamente, a obriga a se portar dessa forma. Ou a fé vale como influência em tudo, ou não vale para nada.

Como o tempo e as vezes de cada candidato já tinham se esgotado, Bolsonaro disse para Marina Silva ler “o livro de Paulo”. De acordo com informações do portal Uol,

durante o intervalo comercial, Ciro Gomes (PDT) foi cumprimentar a candidata por sua resposta ao oponente conservador.

#### Propostas

Os principais temas abordados no debate foram temas ligados à área econômica. Chamou atenção o fato de o púlpito reservado ao candidato do PT, Lula, ter sido retirado do estúdio a pedido de sete dos oito candidatos. Apenas Guilherme Boulos (PSOL) se opôs.

A ausência de Lula no debate se deu por uma decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que recusou o pedido do ex-presidente para participar, já que ele está preso na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba (PR) cumprindo pena de 12 anos e 1 mês imposta numa condenação em segunda instância por corrupção e lavagem de dinheiro.

Ao longo do debate, o tom entre os candidatos foi forte, com embates também entre Ciro Gomes e Geraldo Alckmin (PSDB), Boulos e Henrique Meirelles (MDB).

Cabo Daciolo (Patriota), Jair Bolsonaro e Geraldo Alckmin enfatizaram que investirão em Educação caso sejam eleitos.

“O problema da nossa nação chama-se gestão. Gestão e política pública. Eu quero dizer a você que está me ouvindo, cidadão brasileiro, povo brasileiro, você tem direito à educação, a saúde, a alimentação, ao trabalho, ao transporte, ao lazer”, disse Cabo Daciolo.

Bolsonaro reiterou que combaterá a “ideologia de gênero” e a “partidarização” em sala de aula, confirmando que pretende incluir métodos das escolas militares – que possuem alto índice de aprendizado e notas – nas escolas do ensino fundamental, como forma de melhorar a qualidade da educação.

Já Alckmin não entrou em detalhes sobre o que pretende fazer para melhorar a qualidade do ensino, mas admitiu que é preciso fazer algo: “O dinheiro sempre vai ser apertado. No próximo governo, no outro... Governar é escolher, e nós vamos priorizar a educação, educação básica, priorizar a saúde, meu dever até como médico, e a segurança pública. E trazer investimento privado para a infraestrutura do nosso país, que vai gerar muito emprego, e rapidamente”, afirmou.

Boulos, que defende o fim da Polícia Militar, disse que resolverá o problema da segurança investindo em investigações: “Nós vamos fazer isso, e vamos fazer enfrentando o crime organizado de verdade. Porque vamos falar a verdade aqui para o povo brasileiro: o crime organizado, o comando dele, não está no barraco de nenhuma favela, está mais perto da praça dos Três Poderes do que da favela da Rocinha”, sugeriu.

Repare que o texto se preocupou em informar as propostas de todos os candidatos homens, porém, apenas na fala de Marina é que o interlocutor se atém a fazer críticas a candidata e suas propostas. Personagens de ambas as partes do espectro político como Guilherme Boulos, Luis Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin e Henrique Meirelles, e tiveram suas falas reproduzidas, com suas propostas intactas, exceto por Marina Silva. E na distinção de tratamento dado aos outros candidatos que se pode identificar melhor a violência simbólica inflingida a Marina Silva nos textos estudados.

Um bom exemplo disso está na forma como são abordados o candidato Guilherme Boulos (PSOL), o candidato mais a esquerda do espectro político, e o líder evangélico Cabo Daciolo. A fala do então candidato do PSOL, partido que também aparece no enunciado dos textos como um inimigo da fé cristã evangélica, é registrada com certa neutralidade, sem uma crítica a suas propostas, assim como a ausência de Lula no debate. No que concerne a

candidatos de direita, mas em oposição a Jair Bolsonaro, há apenas a alusão ao investimento a educação, também sem mais questionamentos.

A interpretação apreendida até aqui poderia ser provavelmente equivocada ao pensar que se as linhas editoriais de ambos os jornais apresentam uma parcialidade em favor de Jair Bolsonaro, seria razoável se supor que outros candidatos seriam mais criticados, ou representados negativamente. Em se tratando de Marina Silva, por ser uma candidata tão popular, tendo um papel importante nas eleições de 2014 como terceira colocada nas intenções de voto, por ser evangélica, o que a torna mais próxima de uma narrativa voltada para o leitor evangélico, seria compreensível uma maior atenção a ela por parte da cobertura. Entretanto, a representação de Cabo Daciolo, outro candidato evangélico com potencial e notoriedade nas redes sociais, e opositor a Jair Bolsonaro, foi não só pouco recorrente no noticiário sobre as eleições, como fora representado de forma bem mais neutra.

### **A representação de Daciolo e Marina Silva: um peso duas medidas.**

Benevenuto Daciolo Fonseca dos Santos é um deputado que se tornou famoso durante a greve dos bombeiros de 2011 no Rio de Janeiro, quando os militares ocuparam as escadarias do Prédio da ALERJ, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro<sup>73</sup>. Após ser exonerado do cargo pela sua liderança na greve ele se candidatou a deputado estadual pelo PSOL, ganhando com mais de 40 mil votos. Em 2014 ele foi expulso do PSOL por seu posicionamento a favor dos 12 policiais envolvidos no Caso Amarildo<sup>74</sup>, logo após entrou para o partido Patriota, filiação com a qual disputou a presidência da república em 2018.

É não só na representação de Bolsonaro, mas também, na representação de Cabo Daciolo que é perceptível a diferença de tratamento dada a Marina Silva nos textos estudados. Chama a atenção uma matéria de Will R. Filho, no dia 5 de agosto de 2018:

A candidatura de Cabo Daciolo (Patriota) à presidência da República tem sido marcada por suas decisões peculiares e expressões de fé. Na última quinta-feira, 16 de agosto, antes do debate na RedeTV!, o deputado recebeu uma equipe de reportagem do SBT no monte onde se isolou para orar durante a campanha. Ao longo da entrevista, Daciolo repetiu “glórias a Deus” diversas vezes, além de voltar a prometer acabar com a maçonaria, Illuminatis e a Nova Ordem Mundial. O

<sup>73</sup>ESTUDO PRÁTICO. Biografia do Cabo Daciolo. Disponível em <https://www.estudopratico.com.br/biografia-cabo-daciolo/>. Acesso em fevereiro de 2020.

<sup>74</sup> Trata-se do caso de sequestro, assassinato e ocultação de cadáver do servente de pedreiro Amarildo de Sousa por doze policiais militares na favela da Rocinha, cidade do Rio de Janeiro, no dia 14 de julho de 2013. A arbitrariedade da prisão sem motivos, e as circunstâncias humildes da família de Amarildo comoveram o país, os envolvidos foram julgados em fevereiro de 2016. Mais informações em <https://glo.bo/2WaWd7L>.

vídeo da conversa com os jornalistas foi transmitido ao vivo pelas redes sociais do candidato.

Daciolo também afirmou que irá criar empregos para os brasileiros nas Forças Armadas e criar cursos de capacitação para permitir que os desempregados trabalhem para o governo, num discurso que se opõe ao clamor de especialistas pela redução da máquina pública, que tem protagonizado escândalos de corrupção nos últimos anos.

“Todos os brasileiros que estão desempregados, chega, acabou! Levanta do sofá e vai agora nesse exato momento na unidade militar mais próxima da sua residência. A partir do momento que você entrar ali, você é nosso: eu vou te qualificar, vou levar pro mercado de trabalho, vou te dar comida, vou te dar abrigo”, prometeu.

Outra promessa feita foi a revogação da chamada “PEC do Teto”, que segundo ele, “parou o país por 20 anos”. O projeto que estabeleceu limite de gastos para o governo, no entanto, prevê aumento de investimentos simultaneamente com o crescimento da economia.

Ao longo dos 50 minutos de vídeo, Daciolo também prometeu fazer uma auditoria da dívida pública do Brasil e garantiu que o país será mudado de forma sobrenatural: “Não acreditem em partidos políticos, em nenhum! Existe uma quadrilha na política do país, bando de bandidos, ladrões e malfeitores. Deus vai no libertar e salvar a Nação”, disse<sup>75</sup>.

A tendência observada no estudo sobre o deputado do Patriota (hoje deputado do Podemos) em todos os textos em que apareceu é de uma certa ironia sobre seus atos. A palavra “peculiar” é o único asceno para os atos excêntricos que marcaram a campanha de Daciolo, como sua ida ao o Monte das Oliveiras na cidade do Rio de Janeiro para meditação, ao invés de cumprir com compromissos de campanha tradicionais, como comícios, debates entre outras aparições públicas. Afinal, “peculiar” vem de próprio, particular, singular e é uma palavra comumente usada na língua portuguesa para denotar algo não recorrente, atípico, ou mesmo, como eufemismo para designar algo estranho.

Não só “peculiar” é a decisão de Daciolo de levar reporteres para uma entrevista para o alto de um morro carioca, mas também é uma “expressão de fé”. A fé do candidato que repete “Glória a Deus, várias vezes” e faz promessas como acabar com a “maçonaria, os Illuminatis, e a Nova Ordem Mundial” não é aqui questionada, como a fé da candidata Marina Silva. Suas frases de louvor como “Deus vai no libertar e salvar a nação”, costumam ser sempre destacadas, sem nenhum comentário positivo ou negativo. Nem sequer há no jornal uma explicação sobre o que seja os “Illuminati”, a “Maçonaria” ou “Nova Ordem Mundial”, palavras proferidas e recorrentes nos textos sobre o então deputado que não são explicadas nem por ele nem pelos jornais, como se fossem de comum entendimento do público evangélico.

---

<sup>75</sup>FILHO, Will R. Cabo Daciolo volta para o monte e diz que “um reboiço está para acontecer”. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/cabo-daciolo-volta-para-o-monte-rebolico-acontecer-103130.html>. Acesso em fevereiro de 2020.

Suas propostas e ideias políticas permanecem sem maiores questionamentos ou críticas. Ainda que seja reportado de forma neutra, há um certa conivência velada em alguns trechos, como pode ser vista nesse trecho do Gospel Prime de 14 de agosto<sup>76</sup>:

Para uns, Cabo Daciolo (Patriota) é um “aventureiro” nessas eleições, para outros um profeta para a nação. O fato é que ele usou seu tempo de exposição no debate na TV para profetizar sobre o Brasil e fazer denúncias importantes sobre movimentos comunistas influenciados por Cuba e a “nova ordem mundial”. Surpreendentemente, afirmou que “vão tentar me matar”. Seria uma tentativa de impedi-lo de chegar ao Palácio do Planalto. Reclamou ainda das mentiras e calúnias contra ele. Reconheceu ainda que tem sido chamado de “louco”, mas isso não o afeta. “É a loucura de Deus que vai nos levar para a cadeira presidencial”. Lembrou também que a Palavra do Senhor mostra que “Ele coloca e tira o homem do poder e que o tempo dos ímpios acabou”, ao afirmar isso citou o presidente Michel Temer e os ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff (PT), Fernando Henrique (PSDB) e José Sarney (MDB). Ainda segundo o candidato, o povo estava “na carne”, mas “despertou”. Voltando a citar alguns argumentos que já usara no debate da Band, disse que o Brasil é alvo de um plano da nova ordem mundial, dos Iluminatti e da Maçonaria.

Esse trecho em si, ao contrário dos apresentados na análise de Bolsonaro, não apresenta nenhum elogio explícito. Aqui se expõe que para parte do eleitorado Daciolo é “o aventureiro” “louco” assim como também pode ser entendido como “profeta para a nação”. Chama a atenção a frase “profetizar sobre o Brasil e fazer denúncias importantes sobre movimentos comunistas influenciados por Cuba e a ‘nova ordem mundial’”, que ao vir sem nenhum questionamento sobre do que se tratam esses “grupos comunistas” e a “nova ordem mundial” tonar o texto um tanto carente de um maior significado, como se o leitor compreendesse do que se trata. O anticomunismo é recorrente como já mostrado, e no trecho ele aparece em tom de concordância com as ideias do deputado do Patriota, afinal ele denuncia “grupos comunistas”, coisa que o próprio jornal se presta a fazer no decorrer da narrativa do período eleitoral apontando como “comunistas” muitos grupos do espectro da esquerda.

Não há menções em nenhum dos textos estudados ao passada de Daciolo e a sua atuação na greve dos bombeiros de 2011. Tampouco, há menções a sua atuação como político do Partido Socialismo e Liberdade, onde começou a sua carreira política, um partido de esquerda apontado em um dos textos que fora tratado como contra os valores evangélicos. Não há um endossamento da campanha do Cabo Daciolo por parte dos jornais eletrônicos, mas há nos textos analisados, um tom mais indulgente com as excentricidades do candidato, e até elogioso a seus ideais religiosos.

---

<sup>76</sup>ARAGÃO, Jarbas. Cabo Daciolo sobe monte para orar e desafia maçonaria. Gospel Prime. 14 de agosto. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/cabo-daciolo-monte-orar-maconaria/>. Acesso em 2020.

As críticas ao cabo Daciolo, são de forma geral, críticas pragmáticas em relação suas propostas econômicas, que em geral não se encontram em concordância com a agenda neoliberal defendida por Bolsonaro. No texto de W.R. Filho, do dia 6 de agosto há essa passagem que ilustra bem:

Daciolo também afirmou que irá criar empregos para os brasileiros nas Forças Armadas e criar cursos de capacitação para permitir que os desempregados trabalhem para o governo, num discurso que se opõe ao clamor de especialistas pela redução da máquina pública, que tem protagonizado escândalos de corrupção nos últimos anos.

Outra crítica menos recorrente mas ainda bem presente a Daciolo seria na sua falta de experiência política e habilidade em lidar com o capital simbólico religioso no campo político. Em um editorial de 04 de outubro de 2018 no Gospel Prime, o colunista Jocinei Godoy, critica a atuação do candidato com a seguinte crítica:

Não obstante, a boa intenção de Daciolo é claramente suplantada pela confusão que ele tem feito entre as esferas de influência: religiosa e política. Quer seja em debates, quer seja “no monte”, Daciolo faz repetidos pronunciamentos de que não está pregando religião, mas que está pregando o amor. Contudo, sempre que faz isso, está com a Bíblia na mão e deixa muito claro que fala em nome de Jesus. Ao mencionar que não está pregando religião, logo em seguida diz coisas como: “a arma do cristão é a bíblia” ou “eu falo em nome de Jesus”. Alô Daciolo?! (...) Segue-se, portanto, que a liberdade de expressão e a liberdade religiosa são princípios fundamentais defendidos por um cristianismo sadio e bíblico. Por mais que o Cabo Daciolo passe uma imagem de “cristão raiz e piedoso” com sua boa vontade de combater a corrupção, sua confusão decorrente da visível falta de conhecimento dos limites de cada esfera, o torna um candidato inviável para dirigir uma nação de dimensões continentais como a nossa.<sup>77</sup>

É reconhecido nesse texto que Cabo Daciolo não tem a competência política necessária (ou o capital político necessário), para se tornar um líder administrativo do Estado Brasileiro. Suas peculiaridades são apontadas e criticadas, mas suas “boa vontade” e “boa intenção” são destacadas. A fala de Daciolo pode até se dar de maneira equivocada para o campo político, mas para o campo religioso ele fala em “nome de Jesus”.

Percebe-se que nos textos apresentados até aqui sobre Marina Silva, as citações bíblicas e falas com um tom religioso da própria candidata são repreendidas, criticadas, ou ironizadas. Mesmo estando oposto em questão ideológica sobre economia a Jair Bolsonaro (o candidato representado como ideal), ou seja, a uma agenda ultra-liberal de economia, ele não

---

<sup>77</sup>GODOY, Jodinei. A atuação política de Daciolo glorifica a Deus? Gospel Prime. 4 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/a-atuacao-politica-de-daciolo-glorifica-a-deus/>. Acesso em 2020.

é tratado com a mesma veemência que Marina Silva sobre o assunto. As críticas direcionadas a Daciolo são feitas com a devida neutralidade, apresentando os pontos fortes e os pontos fracos de seus discursos políticos ou religiosos.

A fé de Daciolo, bem como, sua competência como representante evangélico não é questionada, não obstante, é exaltada sua imagem de “cristão raiz”, “profeta”. O questionamento acerca da sua competência política, é colocado ao mesmo lado da “boa vontade”, “boa intenção”.

Em oposição, Marina Silva é descrita como uma personagem em contradição tanto no campo político quanto religioso: sua competência política é colocada em cheque ao ser apontada como titubeante, indecisa, contraditória, e sua competência como líder religiosa é negada, apontada como traidora, pelo seu apoio a bandeiras que vão de encontro a fé evangélica como o apontado por ambos os portais de notícias.

Daciolo e Marina são tratados de forma assimétrica e tendenciosa como é possível perceber. Afinal ambos os candidatos possuem um histórico oriundo de partidos de esquerda (PT e PSOL), ambos evangélicos pentecostais que utilizam de seu capital simbólico adquirido por seus respectivos campos e ambos fizeram oposição a Jair Bolsonaro e a seu plano de governo neoliberal.

É por apresentar uma perspectiva ortodoxa, de papéis de gênero e sexualidade, que os autores elegem um ideal onde o homem evangélico é digno de liderança não só espiritual e política. Isso diminui o papel da mulher evangélica na sociedade, e consequentemente, da ex-candidata Marina Silva da Rede, a elegendo como a traidora, como o inimigo a ser questionado e exposto como impróprio ao público evangélico, por romper com os dogmas aos quais, segundo os autores, essa religião se propõem.

### **A mulher evangélica e seu papel nos campos político e religioso.**

O papel da mulher no campo evangélico e nas suas vertentes é o de uma atuação dinâmica e marcada por um crescimento proporcional ao da mesma na sociedade brasileira. Entretanto a luta empreendida por reconhecimento se dá em um terreno difícil. A mulher tem conquistado espaço na constituição do campo evangélico tanto no âmbito religioso (MIRANDA, 2009) quanto no campo político (SOUZA, 2013).

A dominação masculina impõe a mulher um lugar subalterno tanto no campo religioso, quanto no campo político. Ela, segundo Bourdieu, essa dominação é construída a

partir de uma des-historicização das relações históricas de produção do sexo feminino, ou seja, da ocultação dos papéis históricos desempenhados por mulheres “em detrimento da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina” (2012, p.100). Nessa lógica, na sociedade ocidental, a história das mulheres foi subvertida para dar lugar a história de sua relação com as estruturas de dominação responsáveis por essa subversão: a Igreja, o Estado, a Escola e a Família.

Ao tratar da relação da mulher com a Igreja, Bourdieu se empenha em trazer o papel da Igreja Católica na constituição histórica da diferenciação entre homem e mulher. Para Bourdieu (2012) a Igreja contruiu essa separação de acordo com a natureza misógina do Clero que promoveu uma moralização das vestimentas e a diminuição da importância da mulher, partido de uma visão pessimista do sexo feminino, que se estendeu a seu papel dentro do ceio familiar. Seguindo essa visão a Igreja católica promoveu valores patriarcais, que hierarquizou a família de forma a colocar a mulher (a figura da mãe) numa posição inferior ao homem, sendo que essa lógica também foi reproduzida pelas instituições de ensino, mesmo após os rompimentos com a Igreja.

Tal situação se repetiu no cenário da Igreja Católica no Brasil que trabalhou no sentido de perpetuar e reproduzir a estrutura familiar europeia ocidental. A Igreja Católica no Brasil trabalhou historicamente ao lado das oligarquias brasileiras na imposição de práticas através da imposição do ensino religioso feminino, que vinha com práticas pedagógicas que instruíam a submissão feminina, e no monopólio dos primeiros sistemas educacionais do Brasil e na supressão de ordens femininas estrangeiras que viessem a contribuir para uma feminização da Igreja (MANOEL, 1996). De fato a Igreja Católica do Brasil, apesar de conter algumas figuras de liderança feminina com um espaço considerável sobretudo no catolicismo popular modesto, é majoritariamente liderada por homens (ALVAREZ, 1990).

O advento das Igrejas protestantes e evangélicas no Brasil veio a dar novos ares para a relação do cristianismo com a mulher. As primeiras lideranças sacerdotais cristãs femininas brasileiras se deram nas denominações evangélicas protestante históricas, tendo pioneiras como Sarah Poulton Wilson, britânica que junto do marido Robert Reid Kelly, fundaram a Congregação de Tourquay em 1866, Marta Watts, a primeira educadora metodista do país, Carlota Kemper, fundadora da escola Gamomm em 1822 na região de Campinas, São Paulo (LIMA, 2017). Essas mulheres se caracterizam por serem imigrantes de países europeus e norte americanos que vieram ao país como missionárias junto de seus maridos, pioneiras das primeiras fundações protestantes no Brasil.

As lideranças evangélicas feminas no Brasil se mantêm no meio pentecostal de forma dinâmica, ainda que conservem ambiguidades. Segundo um estudo feito por Miranda (2009) sobre o papel da mulher no meio pentecostal, as lideranças femininas se dividem em dois grupos: o primeiro seria formado por pastoras e segundo pelas cônjugues dos líderes masculinos.

A mulher do pastor pentecostal tem uma função ainda profundamente ligada a estereótipos de gênero ligados a mulher na figura da “diaconisa”.

É importante ressaltar que a diaconisa exerce a função de organizar a ordem dos cultos, recepcionar os fieis, levar água para o público, acalmar crianças irritadas presentes na Igreja, cortar o pão e o vinho e funções correlatadas. (MIRANDA, 2009. p, 46)

No caso das pastoras elas ainda que desempenhem sua função clerical dentro da Igreja, essas devem ser casadas e manter a submissão aos maridos no ambito privado (MIRANDA, 2009, p. 47). O que significa manter a sua missão espiritual como pastora em um ambito público ao mesmo tempo que desempenha, obrigatoriamente, o papel tradicional de esposa em casa.

A religiosidade do campo pentecostal, ainda que reserve algum autonomia no exercício do sacerdócio “contribui para a manutenção da desigualdade de gênero” (MIRANDA, 2009. p. 77). Apesar disso, Miranda compreende que o exercício da atividade pastoral feminina é benéfica no sentido em que amplia o mundo social da mulher evangélica, onde ela sai de um âmbito totalmente privado para uma posição pública dentro da igreja, com a criação de uma “rede de socialização” e aumento da “auto-estima” via “autonomização maior em relação ao marido” (2009, p. 77).

No campo político, a mulher evangélica encontra um terreno fértil para crescimento, ainda que se mantenham os resquícios de dominação masculina do campo evangélico. Em um estudo feito sobre as lideranças femininas evangélicas no poder legislativo federal, Sandra Duarte de Souza (2015) afirma que no ano de 2015, das 513 parlamentares, apenas 55 eram mulheres, e desse contingente 10 são mulheres evangélicas. Segundo esse estudo, a maior parte das estudadas são da Igreja Assembleia de Deus, e possuem uma trajetória política muito intimamente ligada a sua trajetória como líderes religiosas.

O sucesso dentro do campo político não significa um sucesso imediato e proporcional aos papéis dentro do campo religioso. Entretanto o exercício do capital simbólico feminino vem ampliando o espaço de atuação feminino no campo religioso.

Muito embora seu engajamento religioso nem sempre seja reconhecido na forma de ascensão na hierarquia das igrejas das quais participam, as transformações socioculturais em relação às representações de gênero têm, de alguma forma, modificado a postura das instituições religiosas acerca da inserção das mulheres na esfera pública. (SOUZA, 2015, p. 1280)

Ainda assim, o percurso da mulher evangélica, segundo o estudo de Souza (2009), enfrenta um caminho muito mais tortuoso para atingir o espaço no campo político do que suas contrapartes masculinas. Ao apelar para o capital simbólico de suas denominações durante as eleições, os líderes políticos evangélicos do sexo masculino recebem maior apoio e se saem mais bem sucedidos. Sobre as eleições de 2014, Souza pondera que

o que tem acontecido nos pleitos eleitorais, porém, é que as candidaturas femininas não têm encontrado receptividade no meio evangélico. Uma parte considerável das campanhas eleitorais dos candidatos evangélicos se deu por meio do acionamento da identidade religiosa, e essa estratégia parece não ter sido tão eficaz para as mulheres como o foi para os homens. Dos 20 deputados federais mais votados nas últimas eleições, quatro são evangélicos: Pastor Marco Feliciano<sup>24</sup> (4o.), Clarissa Garotinho (7o.), Pastor Eurico (19o.) e Eduardo Cunha (20o.). Clarissa Garotinho foi a única mulher a figurar na lista dos 20 mais votados. (2009, p. 1281)

De acordo com Souza (2009) como os candidatos masculinos, as candidatas femininas tendem a seguir a uma agenda que pede a moralização dos costumes, entretanto, não conseguem o mesmo apelo entre o público evangélico.

No quesito agenda, inclusive, elas não costumam legislar em favor de reivindicações do Movimento Feminista como o aborto ou a igualdade salarial para os gêneros. Seus discursos e projetos de lei giram em torno das agendas das denominações religiosas, sem nada ou muito pouco voltado para as questões relativas a mulher (SOUZA, 2015).

Também segundo o estudo, há pontos de diferenciação relativas à classe social e origem racial. As deputadas brancas, de origem socioeconômica elevada, detêm mais autonomia em relação a sua denominação do que as de origem negra e periférica. A exceção vai para as candidatas que construíram sua carreira política não diretamente ligada a igreja mas com relação a algum ativismo social.

Considerando os levantamentos realizados, o que se verifica é que as parlamentares cuja ingerência da igreja em seus mandatos é maior, passaram seus primeiros seis meses de atividade política sem demonstrar preocupação com o contingente feminino, não apresentando qualquer proposição nesse sentido. No caso das deputadas cuja ingerência religiosa não se faz sentir de maneira tão explícita, mas que advêm de classes mais abastadas, são brancas e são herdeiras do nome político de seus pais ou maridos, também os direitos das mulheres parecem ser de interesse secundário. O mesmo se verifica com Christiane Yared, que apesar de não herdar nome político de familiar, é de classe média, branca e não está sujeita a

interferências diretas da igreja da qual é pastora. Já as deputadas que construíram carreira política na militância social com segmentos marginais da sociedade e que advêm desses mesmos segmentos, tiveram o apoio de suas igrejas sim, especialmente Tia Eron e Rosângela Gomes, mas têm tido relativa independência em sua agência política, pois as igrejas às quais declaram pertencer não pautam sua agência pelo menos nesse quesito. (SOUZA, 2015, p. 1292)

As constatações de Souza (2015) mostram que sem ocuparem lideranças mais consistentes dentro do campo político evangélico as lideranças femininas possuem pouca ou relativa autonomia no que concerne a sua atuação política em relação a sua denominação religiosa. Ainda que a religião seja uma forma da mulher adentrar no campo político com uma base sólida de sustentação, sua capacidade de agenciamento gira em torno dos assuntos de sua denominação, como um preço a pagar pela sua atuação política. Mesmo assim, a autora destaca que a perspectiva para a mulher evangélica dentro do campo político é de crescimento e de conquista de um maior espaço.

Em suma o posicionamento feminino dentro do campo evangélico, ainda que tenha um contexto histórico rico e uma perspectiva de um bom potencial inclusivo para o futuro, ainda há muito caminho a se percorrer. A posição da mulher evangélica no campo político e religioso ainda é de submissão. Sua autonomia política em relação a seu credo é limitado ou relativizado, tendo que se submeter aos papéis tradicionais de esposa no âmbito privado, com uma agenda política submetida aos interesses religiosos evangélicos de suas respectivas denominação em um âmbito público.

Marina Silva, nesse contexto apresentado, seria um ponto fora da curva como uma líder política com maior independência em relação a suas militância social. Oriunda do Acre, onde começou no engajamento político-partidário no Partido dos Trabalhadores com pauta na causa ambiental, Marina construiu seu capital político independente da sua fé. Converteu-se evangélica pela Igreja Assembleia de Deus apenas em um ponto em que já possuía carreira política consolidada na causa pela preservação da floresta amazônica.

Marina Silva não levanta bandeiras voltadas aos direitos da mulher brasileira, tal como as parlamentares do estudo mostrado por Souza (2015). Mesmo assim, é perceptível o incômodo dos autores do *Gospel Prime* e do *Gospel Mais* ao tratarem dessa independência da candidata ao reiterarem sua inadequação por ela não seguir as reivindicações que eles clamam ser próprias do campo evangélico. Se olharmos para a situação da mulher no campo evangélico como o demonstrado até aqui é possível perceber que os autores não apenas endoçam esse status quo, mas reivindicam-no, como único espaço legítimo para a atuação

feminina. Trata-se aqui de uma reivindicação da ortodoxia, uma manutenção do status quo do homem no campo evangélico, aqui simbolizada pela forma como Marina Silva é tratada.

### **A ortodoxia e a censura como arma política.**

De fato, o campo evangélico tem toda uma tradição ligada a ortodoxia. Como aponta Weber em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, o protestantismo histórico, é baseado em uma série de dogmas baseado em uma “ascese intramundana”. Essa ascese tinha o objetivo de “eliminar a espontaneidade do gozo impulsivo da vida, a missão mais urgente; botar ordem na conduta de vida de seus seguidores, o meio mais importante da ascese” (2004, p 109). Esse tipo de ética de conduta carregada de uma orientação rígida sobre a moralidade era intramundano por que pregava um “afastamento do mundo”, uma doutrina onde o fiel seguia métodos de se relacionar com o mundo social que previam o controle contínuo de seu “estado de graça”(WEBER, 2004, 112) devidamente orientado por sua fé.

A ascese protestante consistia na adoção de uma série de condutas morais, que renegavam os prazeres mundanos, valorizavam o trabalho árduo e disciplinado e serviu de base para constituição da práxis do próprio capitalismo (WEBER, 2004). A defesa de uma rigidez moral ainda mais severa que a prevista pelo catolicismo europeu e anglicanismo britânico, deu origem a alcunha de puritanos para calvinistas e luteranos (WEBER, 2004).

Essa tradição de rigidez moral herdada do metodismo ao campo evangélico brasileiro é feita através da Teologia da Prosperidade e a rejeição ao chamado mundanismo. A teologia da prosperidade seria aquela em que o bem estar físico e financeiro do evangélico seria um sinônimo de bem estar espiritual, ou seja, seu sucesso econômico somado com a fé nos dogmas religiosos seria uma passagem para a salvação, ou o Reino dos Ceus. Seria uma teologia bem semelhante a ascese protestante, mas ao contrário da ascese protestante que é uma ética que valoriza o trabalho humano como forma de garantir a salvação, a Teologia da Prosperidade é imbuida de elementos mágicos e de autoajuda ao invés de uma ética no sentido prático (MARIANO 2010).

A ascese protestante vem da palavra grega *askesis* e significa prática, treinamento, ou disciplina de cunho espiritual (WEBER, 2004), e tem haver com uma disciplina voltada ao trabalho prático, enquanto a Teologia da Prosperidade não é voltada a orientar o fiel a uma ética de trabalho, ou a uma ética econômica como a formação de uma poupança ou acumulação de riqueza como a ética da ascese protestante. A Teologia da Prosperidade

permeia um sentido mais abstrato e individualista, “resumindo-se a elementos de natureza psicológica: melhora da autoestima, aumento da autoconfiança, vontade de prosperar, esperança no futuro” (MARIANO, 2010 p. 185).

Outra diferença fundamental é de que a Teologia da Prosperidade contribui para um pensamento individualista típico do capitalismo contemporâneo uma vez que ao invés de funcionar como uma ética intramundana ela influencia “o fiel a consumir e usufruir de posses mundanas” (MARIANO, 2010 p. 185), sendo o principal motivo de seu trabalho. Essa nova ética que tem maior respaldo no pentecostalismo brasileiro, não incentiva a crítica ao capitalismo e as desigualdades sociais, sendo totalmente voltada para os aspectos superficiais e abstratos da prosperidade via consumismo, mais mundano e capitalista impossível (MARIANO, 2010).

Enquanto a Teologia da Prosperidade atua numa ética econômica mundana a doutrina religiosa prega o oposto com relação ao habitus cultural evangélico ao pregar o afastamento do “mundo”. Assim como no protestantismo histórico, há uma renúncia de elementos laicos do cotidiano, ou, “as coisas do mundo”, que traz uma ética conservadora que deve ser seguida no combate ao “Diabo” ou a tudo que pode desviar o fiel do caminho da salvação (MARIANO, 2010).

O contraponto em relação ao protestantismo histórico é de que a perseguição ao mundanismo por parte de várias doutrinas evangélicas ocorre de forma em que os elementos culturais tidos como mundanos são substituídos por elementos da cultura gospel, como a música, a literatura, a dança, programas de rádio, televisão e sites da internet (MARIANO, 2010). Em suma enquanto o habitus protestante se firma na renúncia a gozo da vida (WEBER, 2004), o habitus evangélico brasileiro se firma na substituição desse “gozo mundano” por elementos culturais próprios que circulam na economia de seu campo proporcionando um “gozo gospel”, devidamente calcado em uma visão de mundo conservadora.

Em vista disso, o crente pentecostal brasileiro se inspira em uma doutrina onde para alcançar a perfeição cristã, “é fundamental que o crente” “afaste-se de dos prazeres, interesses e paixões do mundo” (MARIANO, 2010 p. 190).

Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação” (MARIANO, 2010 p.190).

De modo objetivo, essa postura austera implica na reafirmação de valores morais e comportamentais preexistentes na cultura brasileira (doxa), mas exacerbados como vitais para a salvação da alma (ortodoxia). É importante lembrar que a influência dos pentecostais e neopentecostais levou outros setores evangélicos a respaldar essa postura (MARIANO 2010), colocando-a, a depender de inclinação de cada denominação como parte de um *habitus dominante*.

A postura conservadora coloca os evangélicos pentecostais brasileiros em choque com novas hierarquizações comportamentais, sobretudo de cunho sexual. O sexo é visto como um “risco chave” onde qualquer adoção comportamental não usual (no sentido de não dominante) é vista como uma forma de desvio do caminho para a salvação da alma. O ato sexual é restrito ao casamento cis-gênero e heterossexual, não havendo qualquer espaço para a homossexualidade, que é combatida (MARIANO, 2010).

Essa restrição sexual é perceptível nos textos estudados que citam constantemente o apoio ao casamento gay, a transexualidade e aos movimentos feministas como um grave demérito atribuída a esquerda brasileira. De fato há uma luta ativa por parte de líderes de denominações pentecostais já demonstrada no desenvolvimento deste estudo (VITAL e LOPES, 2013) (MARIANO 2010; 2019). Também é fato que essa disputa transbordou no campo político, por este ser um espaço de lutas entre visões de mundo e de política (BOURIDIEU, 2013; 2004).

No panorama dos último vinte anos, alguns líderes evangélicos realmente aderiram a “nova onda conservadora”, ligada a movimentos políticos de direita que possuem reivindicações em comum de natureza ortodoxa (MARIANO, 2019) (VITAL E LOPES, 2019) (MACHADO, 2018). Essa aproximação desagua em adoção de um discurso político de combate a esquerda política, alimentada pela luta contra novas configurações e pelo anticomunista.

Esse adesão teve um grande respaldo nas eleições de 2018. Ronaldo de Almeida (2019) destaca que esse conservadorismo aliado a uma maior adesão as redes sociais, bem com a pouca percepção política da maioria da população brasileira criou uma tempestade perfeita para a emergência dos autores conservadores na política. Essa relação é a terceira dos “três tabuleiros” das eleições da crise política que desagou nas eleições 2018, onde o primeiro tabuleiro consiste na relação espetacular ente os poderes judiciário, legislativo, e judiciário, que minou a imagem da esfera estatal perante a sociedade brasileira, e o segundo a maior mobilização nas ruas causadas pela maior organização nas redes sociais.

O emaranhado causado por esses tres tabuleiros segundo Almeida (2019) resulta numa maior moralização da política partidária e do fortalecimento dessa onda conservadora, “que um emaranhado de vários jogado-res em diferentes tabuleiros e ritmos atravessado pelas linhas de força elencadas acima” (p. 210) onde alguns atores evangélicos tiveram um importante papel.

Em suma, a posição de defesa do habitus político e religioso preestabelecido, defendida nos textos do *Gospel Mais* e *Gospel Prime*, encontram, de fato, respaldo no meio evangélico. Entretanto, esse respaldo não configura em uma unanimidade.

Entender o campo religioso como um campo significa, na visão bourdiesiana, que há uma pluralidades de agentes sociais que atuam sobre uma lógica dupla. Se de uma lado há uma retórica dominante, de outra há os dominados, aqueles que agem no campo sobre a proposta de quebra da doxa. A Teologia da Libertação, teologia nascida no catolicismo, é uma forma supradenominal de contradiscurso que propõe a subversão da doxa religiosa, em nome da igualdade e justiça social (LOWY, 2016).

#### A Teologia da Libertação

é a expressão de um vasto movimento social que surgiu no começo da década de 1960, bem antes dos novos escritos teológicos. Esse movimento envolveu setores significativos da Igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), bem como várias organizações populares criadas por ativistas das CEBs; clubes de mulheres, associações de moradores, sindicatos de camponeses. (LOWY, 2016 p. 77)

Michel Löwy, em sua obra *A Guerra dos Deuses* (2000), remete a casos em que líderes e denominações de origem evangélica da America Latina se aliam as esquerdas políticas contra a opressão de regimes totalitários. Ainda que as denominações não queiram estar diretamente ligados a Teologia da Libertação e a esquerda política, muitos evangélicos progressistas se aliaram a grupos revolucionários na America Central e do Sul (LOWY, 2000). Em âmbito nacional, os evangélicos de esquerda figuram na história recente como importantes para as lutas pela reforma agrária e para a retomada democrática brasileira:

No começo da década de 1960 alguns pentecostais brasileiros já estavam participando ativamente embora sem o apoio de suas Igrejas – do desenvolvimento das Ligas Camponesas, dirigidas pelo advogado socialista Francisco Julião, e os Sindicatos Camponeses, dirigidos pelo antigo pastor pentecostal Manuel da Conceição. Em um comentário retrospectivo, Francisco Julião observou que os evangélicos, sempre citando o profeta Isaias, estavam entre os militantes mais radicais das Ligas. E, mais recentemente, vários pentecostais entraram para o

Partido dos Trabalhadores (PT), inclusive figures bem conhecidas como Benedita da Silva, uma mulher negra que, tendo nascido em uma favela, em 1993 foi a candidata do partido ao governo do Rio de Janeiro e quase ganhou as eleições. (LOWY, 2016, p. 196)

Lowy (2016), entende que se trata de uma perspectiva minoritária, que abrange setores pontuais, contudo destaca que a importância dos evangélicos progressistas não deve ser desprezada. A Teologia da Libertação excede os limites do campo religioso católico e influencia o progressismo dentro do campo religioso evangélico através de intercâmbios entre esses.

Rohden (2011), relata a formulação de uma teologia feminista inspirada na Teologia da Libertação entre debates teólogas evangélicas e católicas sobre o feminismo. A Teologia Feminista se inspira na Teologia da Libertação por compreender que a luta contra a pobreza e pela igualdade social é um importante pilar para o cristianismo, mas, entende que a opressão a mulher é deixada de lado por essa corrente. A Teologia Feminista, segundo Rohden (2011) contempla como centrais a independência e a igualdade de homens e mulheres em âmbito religioso e social e celebra a espiritualidade feminina.

Outro movimento que agracia a pluralidade de pensamento no meio evangélico são as Igrejas Inclusivas. Essas são denominações surgidas na década de 2000, declaradamente abertas a população LGBTQ, e que crescem a um ritmo dinâmico (NATIVIDADE, 2008).

As Igrejas Inclusivas tem como característica a produção de um contradiscurso acerca do entendimento hegemônico sobre sexualidade e gênero oriundo do campo evangélico. Há a produção de uma liturgia religiosa, a teologia inclusiva, baseada na normalização de práticas de homossexualidade e sua aceitação por parte de Deus. Há também a celebração da pluralidade de gênero e sexualidade, onde pessoas LGBTQ podem ascender na hierarquia da Igreja sendo pastores e presbíteros (NATIVIDADE 2008).

Portanto, há uma espaço plural, que celebra o ecumenismo, e que se abre para aquela parcela que o discurso hegemônico condena de forma arbitrária. A pluralidade pentecostal e o potencial de diversidade já apontada por Mariano (2010) não deixa de ser um terreno fértil para heterodoxia no campo religioso.

Entretanto, a característica principal em ambos os textos do *Gospel Mais* e *Gospel Prime* é a de negação desse espaço plural, e a afirmação da ortodoxia como única possibilidade de concepção de mundo social no campo religioso. Ao apagar todo um filão cultural, os presentes jornais impõem uma censura.

A censura, segundo Bourdieu (1997) é o resultado das relações de concorrência entre os diversos atores do campo político e religioso. Ao falar de censura Bourdieu (2008) fala sobre aquilo que é preestabelecido como ausente, resultado da economia de trocas simbólicas entre os agentes de um, ou de mais campos diferentes. Em uma produção cultural a censura será exercida de acordo com a posição do sujeito no campo, esta pode ser uma censura estrutural, já estabelecida, que não necessita de um órgão ou instituição interna para a seu estabelecimento.

Entre as censuras mais eficazes e mais bem-dissimuladas situam-se aquelas que consistem em excluir certos agentes da comunicação, excluindo-os dos grupos que falam ou das posições de onde se fala com autoridade. Para dar conta do que se pode ou não dizer em um grupo, é preciso levar em consideração tanto as relações de força simbólicas que se estabelecem em seu interior, deixando alguns indivíduos sem condições de falar (por exemplo, as mulheres) ou obrigando-os a conquistar à força seu direito à palavra, como as próprias leis de formação do grupo (por exemplo, a lógica da exclusão consciente ou inconsciente) que funcionam como uma censura prévia (BOURDIEU, 2008 p.126)

Ao ponderar sobre as relações entre o campo jornalístico e a televisão, Bourdieu (1997) entende que o nível de censura está relacionado com a agenda, ou seja, o conjunto de temas e forma de abordagem sobre esses a ser performado por uma emissora ou jornal. A agenda de um jornal, por sua vez, é subordinada a relações de seus produtores com outros jornalistas e com figuras e instituições políticas e econômicas.

Ou seja, ao observarmos as relações políticas dos idealizadores do *Gospel Prime* e *Gospel Mais*, com personagens e partidos políticos que defendem a ortodoxia, fica evidente a quem serve a sua formulação de censura. O grau de sucesso que alguns colunistas e redatores chefes do *Gospel Prime* tiveram, com a eleição de Jair Bolsonaro, (candidato que recebera a investidura política não só dos jornais, mas, de todo espectro conservador do campo religioso evangélico) é notável na forma de suas acessórias no MDHM.

## CONCLUSÃO

Com base no dados apreendidos é perceptível que o fundamento da visão transversal de política e religião do *Gospel Mais* e do *Gospel Prime* é a defesa da doxa. A defesa da doxa perpassa os interesses de natureza política dos seus idealizadores. O uso da linguagem religiosa reforça suas posições políticas, que de fato tem o respaldo de uma parcela dominante do campo religioso evangélico. Contudo, há uma grande parcela da comunidade evangélica que é ignorada no processo de produção textual dos jornais, e em alguns casos pontuais como o demonstrado pela análise, até mesmo combatida.

Há nuances interessantes a serem destacadas. Ainda que se coloquem na proteção da doxa do campo religioso rechaçam o pertencimento a direita do campo político, preferindo se considerar “conservadores”. Essa é uma categoria que tem respaldo tanto no campo político, quanto no campo religioso, ambos campos marcados por uma guerra simbólica entre visões de mundo.

As conclusões da análise de conteúdo dos jornais, só contribuem para concluirmos que eles trabalham com censura e combate aberto para com todo o espectro de esquerda do campo político e religioso. Entretanto essa censura se alastra não só para o campo de esquerda, mas também da direita tradicional brasileira, que sub-referida na narrativa criada, mergulha num vazio aos olhos do público leitor específico. A intenção dessa censura não é condenar, mas, dar centralidade a narrativa em torno do candidato apoiado, o então presidente Jair Bolsonaro, como única opção frente a esquerda, sendo o silenciamento mais bem sucedido operado pelos jornais.

Ao passo em que essa censura é performada, os jornais se propõem em suas missões a produção de uma notícia de cunho interdenominacional, plural que atenda todo o campo religioso evangélico. Contudo, sua parcialidade evidencia uma visão míope, longe da “comovisão” proposta por seus idealizadores.

Paralelamente, essa visão transversal de política e religião baseada na ortodoxia, guiada por interesses essencialmente políticos também evoca a violência simbólica. A violência simbólica entendida como de caráter sutil, cotidiana, tipo de opressão linguística, imperceptível, naturalizada, que pressupõe um consenso social, é tida aqui em duas formas, seja na violência desferida contra os evangélicos progressistas em geral com a imposição de uma censura seletiva, seja na reprodução da dominação masculina, também dedicada a uma evangélica progressista, Marina Silva.

Certamente a dominação masculina se reflete em muitas outras formas de interpretação, por parte dos jornais, de temas como o aborto e o feminismo, onde uma lógica patriarcalista prevalece. A representação de Marina Silva, para além de uma simples crítica política, carrega uma conotação profunda, onde a dominação masculina exerce um papel proeminente.

Através da assimetria de abordagem entre Marina Silva (REDE), Jair Bolsonaro e Cabo Daciolo, é possível enxergar que essa proteção da doxa social, que de fato tem uma raiz religiosa, se propõe impor de forma violenta. Muito mais que simplesmente representar Marina Silva como uma candidata inadequada perante o campo religioso evangélico, houve o desprestígio sistemático de cada posicionamento e aliado político ou religioso da ex-ministra.

Críticas a sua suposta inabilidade política foram maiores e mais ferrenhas do que as proferidas a Fernando Haddad e Lula (PT). Sua própria fé e posições religiosas foram questionadas e relativizadas, sendo que a despeito das excentricidade de Cabo Daciolo, nenhuma crítica de cunho religioso ou político mais séria foi desferida a ele.

É interessante notar que na época das Eleições 2018, havia apenas duas mulheres na composição regular de artigos para os Gospel Prime. Marisa Lobo, que apesar de ter se elegido deputada pelo partido Avante não produziu nenhum texto voltado as eleições 2018 e Viviani Pettinelli, que é ativista anti-aborto e criticou a descriminalização do aborto em uma audiência pública no Supremo Tribunal Federal reafirmando a papel da mulher como reprodutora, por conta de um suposto “impacto no mercado de trabalho e na arrecadação da previdência social”<sup>78</sup>.

Isso apenas remete ao fato de que a dominação masculina, que tem raiz na ortodoxia, na naturalização arbitrária das posições do papel da tradicional da mulher (Bourdieu 2012), é violenta, e naturalizada, também por ter cumplicidade dos dominados.

No Gospel Mais, sequer há uma presença feminina declarada, uma vez que os artigos são assinados pelo Will R Filho e pelo pastor Thiago Chagas. Ou seja, a dominação masculina perpassa as condições de produção dos jornais pesquisados, dominados por uma visão androcêntrica de mundo social, como parte da ortodoxia.

Outra crítica possível a ser desferida aos jornais é a de função de máquina de propaganda política para o candidato Jair Bolsonaro. Não é possível afirmar que houve uma relação objetiva e direta para a investidura do então Presidente da República como o

---

<sup>78</sup> SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Descriminalização do aborto pode afetar dinâmica populacional e reduzir arrecadação da previdência, afirma pesquisadora. Disponível em <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=385743>. Acesso em 2019.

candidato legítimo, por parte dos jornais, mas há uma relação interesseira quanto a ideologia que Bolsonaro representa.

A aura messiânica construída em torno do candidato, visto como um verdadeiro herói que vinha salvar uma nação “ameaçada pelo comunismo” e pela “subversão da ordem”, pelos líderes entrevistados, pelos colunistas de opinião como Biagini e Petinelli, pelos próprios editores beira o extrapolo. Ao passo que há uma denegação da política, com os jornais preferindo a categoria de “conservadores” ao invés de assumir uma posição política clara ao leitor, há a escolha de um candidato político, com um histórico religioso pouco consistente, por razões de ordem política. Uma contradição aplicada para camuflar os interesses objetivos dos produtores de ambos os jornais.

Essa construção da imagem de Bolsonaro como o messias perante o campo religioso evangélico de forma alguma corresponde com uma ideia unânime perante esse grupo. O próprio resultado da eleição demonstra isso, uma vez que, a despeito de serem considerados mais conservadores, “cerca de 52% da população evangélica não votou no candidato da direita conservadora Jair Bolsonaro” (REVISTA IHU, 2018).

Portanto, com base nos dados apreendidos é possível dizer que os jornais *Gospel Mais* e *Gospel Prime*, abordaram as Eleições Presidenciais de 2018 comprometidos com uma visão transversal que perpassa os campos político e religioso orientada pela ortodoxia através dos seguintes aspectos:

- Como *modus operandi*, temos uma narrativa voltada para a deslegitimação dos concorrentes no campo político e religioso e promoção do candidato eleito como legítimo.
- A censura da pluralidade de opiniões e visões políticas dentro do campo religioso evangélico, bem como a censura de atores do campo político tradicional, encabeçado pelo PSDB, feita por interesses políticos apontados.
- A violência simbólica desferida por uma visão androcêntrica de mundo, que desprestigia o trabalho da mulher evangélica no campo político, na figura de Marina Silva. Bem como, pela proposta de uma “cosmovisão” política que represente o campo evangélico, mas que atende apenas a visão dominante desse campo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira.** *Revista Novos estudos.* Cebrap. Vol.38 no.1 São Paulo. Pagina 06, 2019.

ALVES DOS SANTOS JUNIOR, M. **Coxinhas e petralhas: o fandom político como chave de análise da audiência criativa nas mídias sociais.** *Revista GEMInIS,* v. 7, n. 1, p. 117-146, 6 jul. 2016.

ARAGUSUKU, H. A. **O discurso da “ideologia de gênero” na Câmara dos Deputados: análise crítico-discursiva e psicopolítica.** Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ALVES DOS SANTOS JUNIOR, M. **Coxinhas e petralhas: o fandom político como chave de análise da audiência criativa nas mídias sociais.** *Revista Geminis,* v. 7, n. 1, p. 117-146, 6 jul. 2016

ALVAREZ, Sonia. **"Women's Participation in the Brazilian 'People's Church': a critical appraisal."** *Feminist Studies,* v. 16 (1990), n. 2, p. 381-408.

BATISTA, C.R.R. **Os 20 centavos da discórdia: um olhar sociológico sobre os movimentos sociais brasileiros de 2013.** In: **Seminário interdisciplinar em sociologia e direito: anais.** Niterói. Volume 3, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense. p. 223-224, 2013. Disponível em: <[https://docs.google.com/file/d/0B\\_xOEtEfKWiQa1ZySDhScHB0N0E/edit](https://docs.google.com/file/d/0B_xOEtEfKWiQa1ZySDhScHB0N0E/edit)>. Acesso em: 20 jul 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Editora Bertrand AS. Rio de Janeiro, 1989

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas.** Editora Perspectiva. São Paulo 2007.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 11º ed. - 2012.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação.** Campinas, SP: Papirus. 2008.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2. ed, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Televisão: A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia.** In BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença.** São Paulo. Editora Zouk 2010.

\_\_\_\_\_. EAGLETON, Terry. **A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista.** In SLAVOY, Zizek org. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro. Editora Contraponto.

BALIEIRO, F. F. (2018). **“Não se meta com meus filhos”:** a construção do pânico moral da criança sobre ameaça. Cadernos Pagu, 53, s/p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. **A indústria das fake news e o discurso de ódio.** In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio.** Volume I. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220. ISBN 978-85-67134-05-5. Disponível em: <https://goo.gl/XmUwkd>. Acesso em: 14 de abril. 2020.

BRAGA Sérgio; CARLOMAGNO Márcio. **Eleições como de costume? Uma análise longitudinal das mudanças provocadas nas campanhas eleitorais brasileiras pelas tecnologias digitais (1998-2016).** Brasília. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 26, p. 7-62, agosto de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2RpIAPu>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BIONDI, Aloysio. **O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado.** São Paulo. **Coleção Brasil Urgente.** Editora Fundação Perseu Abramo. 2003.

BORELLI, Viviane. **Mídia e religião: entre o mundo da fé e o do fiel.** Biblioteca On-line da Universidade Federal de Santa Maria. 2007. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/borelli-viviane.pdf>>. Acesso em: 12 jun 2019.

BOYER, Dominic. **The life informatic: newsmaking in the digital era.** XIX. 213 pp., illus., bibliogr. Ithaca, N.Y.: Cornell Univ. Press, 2013.

BRASIL. Poder Legislativo. Câmara dos Deputados. **Requerimento REQ 252/2018 CREDN. Plenário.** Relator: Marco Feliciano. Brasília, DF. 11 de Abril. 2018. Disponível em <https://bit.ly/2rzOftr>. Acesso em 20 de maio de 2019.

\_\_\_\_\_. Poder Legislativo. Câmara dos Deputados. Recursos Humanos. **Portarias de 10 de julho de 2018.** Diário Oficial da União. Seção 2. Edição 133. Pag 56. 12 de Jul. 2018. Disponível em <https://bit.ly/2O8eE7n>. Acesso em 20 de Mai, 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAMPOS, S, L. **Evangélicos e mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos.** Revista de Estudos da Religião, Petrópolis, p.1-26. 2008.

CIOCCARI, D. **Operação Lava Jato: escândalo, agendamento e enquadramento.** Revista Alterjor, 12(2), 58-78, 2015.

FAUSTO NETO, A. **Fragmentos de uma “analítica” da midiaticização.** Revista Matrizes. 2007, pp. 89-105. Disponível em: <[http://www.usp.br/matrizes/img/02/Dossie5\\_fau.pdf](http://www.usp.br/matrizes/img/02/Dossie5_fau.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2016.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment, Campinas São Paulo.** Tese de doutorado, Universidade de Campinas. 1993.

FAUSTO NETO, Antonio. **As vozes do impeachment.** In: Matos, Heloíza. Mídia, Eleições e Democracia. São Paulo, Scritta, 1994.

FAUSTO NETO, Antonio. **O presidente na televisão.** In: Comunicação & Política. São Paulo: 7-27, abril/junho de 1990.

FIGUEIREDO FILHO, Waldemar. **Entre o palanque e o púlpito: mídia, religião e política.** São Paulo: Annablume, 2005, 128 p.

FONSECA, A. B. **Evangélicos e mídia no Brasil.** Editora Universitária São Francisco. Bragança Paulista, 2003.

IBGE. **Censo Demográfico de população de acordo com religião: características gerais.** Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf) . 2010. Acesso em: 14 de ago. 2019.

JORNAL GOSPEL PRIME. Disponível <<https://www.gospelprime.com.br/>> visitado em 10 abril 2016.

JÚNIOR, Wilson Corrê da Fonseca. **Análise de conteúdo.** in. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo. Atlas 2009.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **O uso religioso da Internet no Brasil.** PLURA: Revista de Estudos de Religião, vol.1, nº 1, p. 202-212, 2010. Disponível em <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/15/17>>. Acesso em 10 de jun 2020.

JUSBRASIL. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.** Portaria de 4 de Janeiro de 2019. Diário Oficial da União. Seção 2. 4 de Janeiro. Brasília, DF. Disponível em: <https://bit.ly/2O311Gs>. Acesso em: 10 de mai, 2019.

LIMA, Diana. WERNECK, Vinicius. **A notícia A Notícia Política na Mídia Evangélica: O Mensageiro da Paz e a Folha Universal em Perspectiva Comparada.** Dados vol.55 no.1. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v55n1/a06v55n1.pdf>>. Acesso em: 10 jul 2020.

LIMA, Sebastiana Inácio. O Protagonismo Feminino nos Primórdios do Protestantismo Brasileiro. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Edição 9. Ano 02, Vol. 02. pp 5-12, Dezembro de 2017.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina**. 2. ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016. 256 p.

MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia. **A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2010, vol.25, n.73, pp.59-76. ISSN 0102-6909. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000200004>. Acesso em 10 de jul 2010.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições**. Rio de Janeiro, Editora FGV.

MACHADO, Maria das dores dos Campos; BURITY, Joanildo. **A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 601-631, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2O7yHTu>. Acesso em: 10 ago. 2018, 17:00.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e Poder Simbólico: um ensaio sobre a comunicação e campo religioso**. São Paulo, Editora Paulus, 2005.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais a sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo, Edições Loyola, 2010.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. **Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores**. São Paulo. Revista USP, nº 120: 61-76, 2019.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo. Martins Fontes. 2008 .

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, p. 7-32, 1999. Disponível em: [http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html). Acesso em 05 jul. 2016 São Paulo: Ed. da Unesp, 1996. Acesso em: 20 de mar 2020.

MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica**. Porto Alegre, Editora EDIPUCRS, 2005, p. 9-193.

MISKOLCI, Richard. **Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay**. Cadernos Pagu, n. 28. p. 101-128. 49 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100006>. Acesso em: 10 de abril. 2020.

MIGUEL, Luís Felipe. **Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o congresso brasileiro**. Curitiba. Revista Sociologia Política, Volume 20, p. 115-134, jun. 2003.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Deus me aceita como sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: IFICS/UFRJ, 2008.

REVISTA IHU ONLINE. **Foram os evangélicos que elegeram Bolsonaro?** Editora Unisinos. Disponível em <https://bit.ly/2NJKbZ>. Acesso em: 20 de Jan, 2019, 19:00.

ROTHBERG, Danilo; DIAS, Mariane Bovoloni. **Religião, política e eleições na Folha Universal.** Texto. n. 27, p. 20-37, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/134986>>. Acesso em 5 jun. 2019

ROHDEN, F. **Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente.** Cadernos Pagu. (2011), 51-97. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1878>

RINGOOT, Roselyne. **Por que e como analisar o discurso no contexto dos estudos sobre jornalismo?** Revista Comunicação e Espaço público, 2006. Disponível em <<http://xa.yimg.com/kq/groups/15007704/1032348340/name/Tradu%C3%A7%C3%A3o+3.pdf>>. Acesso em 4 jun. 2019.

SANTOS, André Marenco dos. **Nas fronteiras do campo político: raposas e outsiders no Congresso Nacional.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, p. 33-45, fevereiro de 1997. Disponível em: <[http://anpocs.com/images/stories/RBCS/33/rbcs33\\_06.pdf](http://anpocs.com/images/stories/RBCS/33/rbcs33_06.pdf)>. Acesso em 20 de mar. 2020.

SIQUEIRA BOLAÑO, César Ricardo; BRITTOS, Valério Cruz. **Blogosfera, espaço público e campo jornalístico: o caso das eleições presidenciais brasileiras de 2006** Intercom. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol. 33, núm. 1, enero-junio, 2010, pp. 237-256 Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação São Paulo, Brasil.

SILVA. Odlinari Ramon Nascimento da. **A igreja midiática: uma análise da Igreja Universal do Reino de Deus on-line, 2012.** Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/viewFile/23756/13043>>. Acesso em 01 jul. 2019.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude: os novos carismáticos.** São Paulo, Ideias e Letras, 2011, 275 pp.

\_\_\_\_\_, Flávio Munhoz e MOREIRA, Alberto da Silva. **Catolicismo brasileiro: um painel da literatura contemporânea.** Religião e Sociedade. 2018, vol.38, n.2, p.277-301. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap10>

SILVA JUNIOR, Isley Borges da. SOUSA, Gerson da. **Folha Universal, neopentecostalismo e mundanidade: analisando a identidade jornalística com a ótica dos Estudos Culturais.** XX Congresso de Ciências da Comunicação da região Sudeste, 2015. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0256-1.pdf>>. Acesso em: 10 ago 2019.

SOUZA, Sandra. **Mulheres evangélicas na política: tensionamentos entre o público e o privado.** São Paulo. Revista Horizonte. 2015.

OLIVEIRA, L. F. R., & Martins, D. L. (2018). **Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação Brasileira: uma perspectiva dos modos de apropriação**. E-Compós. <https://doi.org/10.30962/ec.1431>

TANDOC JR, Edson; THOMAS, Rayan. **Estar “indo bem” é algo bom? Como a webanalytics e mídias sociais trazem à tona uma nova norma jornalística**. Revista Parágrafo. 5 (2): 31-43. 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/search/authors/view?firstName=Edson&middleName=C.&lastName=Tandoc%20Jr.&affiliation=&country=>>. Acesso em: 04/05/2018

TELLES, Helcimara de Souza. **A crise política na ausência de política**. In: **2016 em debate opiniao publica e, conjuntura politica**. Belo horizonte, v.8, n.2, p.17-26, abr. 2016.

WAGNER, Lázaro. **Vote de acordo com a Bíblia**. Gospel Prime. Disponível em <https://bit.ly/3aD1SIIt>. Acesso em: 20 de out 2018.

\_\_\_\_\_. **Brasil conservador ou progressista?** Gospel Prime. Disponível em <https://bit.ly/30PD8rY>. Acesso em 15 nov, 2018.

SIMILARWEB. Disponível em <<https://www.similarweb.com/>>. Acesso em 01 jul. 2018.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras 2004.

\_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade Vol. Conceitos Sociológicos Fundamentais**. I. Brasília: Ed. UnB. 2002

## ANEXO I.

Total de atores e temas mais frequentes nos textos jornalísticos voltados para o noticiário político dos jornais Gospel Mais e Gospel Prime.

Palavra	Frequência	Ranking	Documentos	Frequencias %
Jair Bolsonaro	1497	1	238	68,78612717
Deus	1235	2	346	100
Haddad	342	3	78	22,5433526
PT	253	4	128	36,99421965
Lula	214	5	73	21,0982659
Aborto	204	6	72	20,80924855
Malafaia	189	7	90	26,01156069
Fernando Haddad	161	8	71	20,520231
Daciolo	158	9	39	11,2716763
Jesus	157	8	95	27,4566474
Esquerda	149	10	85	24,56647399
Marina silva	134	11	52	15,02890173
Ideologia	119	12	78	22,5433526
Senhor	113	13	54	15,60693642
Corrupção	102	14	68	19,65317919
Silas Malafaia	95	15	60	17,34104046
Drogas	91	16	45	13,00578035
Magno Malta	80	17	28	8,092485549
Dilma Rousseuf	75	18	40	11,56069364
Conservadorismo	73	19	60	17,34104046
PSOL	66	20	33	9,537572254
Ideologia de Gênero	63	21	43	12,42774566
Edir Macedo	59	22	21	6,069364162
Crivella	52	23	12	3,468208092
Marco Feliciano	51	24	25	7,225433526
Perseguição	50	25	27	7,803468208
Socialismo	48	26	15	4,335260116
Kit Gay	44	27	13	3,757225434
Conservador	43	28	37	10,69364162
Venezuela	41	28	18	5,202312139
Maconha	40	30	17	4,913294798
Ódio	40	31	24	6,936416185
Comunismo	39	32	24	6,936416185
Donald Trump	39	33	15	4,335260116
LGBT	37	34	20	5,780346821

ADVEC	31	35	20	5,780346821
Plebiscito	29	36	18	5,202312139
Direita	25	38	15	4,335260116
Flávio bolsonaro	25	39	11	3,179190751
Geraldo Alckmin	23	40	21	6,069364162
Jean Wyllys	21	41	9	2,601156069
Progressista	21	42	18	5,202312139
Eduardo bolsonaro	19	43	10	2,89017341
Netanyahu	18	44	8	2,312138728
Casamento gay	17	45	12	3,468208092
Band	16	46	10	2,89017341
Igreja Universal do Reino de Deus	16	47	14	4,046242775
Cuba	14	48	11	3,179190751
Maria do Rosário	12	49	5	1,445086705
Deltan Dallagnol	10	50	2	0,578034682
Esquerdista	10	51	9	2,601156069
Lava jato	9	52	6	1,734104046
Droga	8	53	7	2,023121387
Eduardo Cunha	8	54	4	1,156069364
Fascista	8	55	5	1,445086705
Carlos Bolsonaro	5	56	2	0,578034682
Sergio Moro	5	57	4	1,156069364
Esquerdismo	4	58	4	1,156069364
Homossexualismo	4	59	4	1,156069364
Flávio Bolsonaro	3	60	3	0,867052023